

HANELORE FUCHS

**O ANIMAL. EM CASA**

Um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico  
do animal de estimação

Universidade de São Paulo

São Paulo

1987

VOL I



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"O ANIMAL EM CASA - UM ESTUDO NO SENTIDO DE DES-VELAR O SIGNIFICADO PSICOLÓGICO DO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO".

Candidata: HANNELORE FUCHS

Orientador: Doutor Walter Hugo de Andrade Cunha

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências (Psicologia) - área de concentração PSICOLOGIA EXPERIMENTAL.

COMISSÃO JULGADORA

Doutora Maria Lucia de Almeida Mello

*Maria Lucia de Almeida Mello*

Professor Doutor Benedicto Wladimir de Martin

Professora Doutora Sylvia Leser de Mello

Doutor César Ades

Doutor Walter Hugo de Andrade Cunha

Defesa

1988

Í N D I C E

Volume I

	Pág.
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
ZUSAMMENFASSUNG	xi
INTRODUÇÃO	xiii
CAPÍTULO I: UMA MIRADA NOS ESTUDOS ATUAIS SOBRE A RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL .....	1
1.1 - Mirada bibliográfica .....	2
1.2 - Efeitos fisiológicos de animais de estimação .....	6
1.3 - Benefícios para o ser humano advindos do convívio com o animal .....	8
1.4 - Dados acerca de diferenças de personalidade encontradas entre donos de animais de espécies diferentes .....	11
1.5 - O animal no contexto familiar .....	12
1.6 - O relacionamento entre animais de estimação e crianças .	14
1.7 - O relacionamento entre animais de estimação e pessoas idosas .....	16
1.8 - Terapia medida por animais .....	18
1.9 - Algumas ponderações finais decorrentes da mirada biblio- gráfica .....	21
CAPÍTULO II: A SITUAÇÃO PROBLEMATICA .....	24
2.1 - Antecedentes da proposição do problema .....	25
2.2 - Proposição do problema .....	29

CAPÍTULO	III:	A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA .....	31
	3.1 -	Coleta da dados .....	32
	3.2 -	Equipamento .....	35
	3.3 -	Procedimentos de análise .....	35
CAPÍTULO	IV:	A TRAJETÓRIA DO ANIMAL JUNTO AO SER HUMANO ...	39
	4.1 -	Descrição geral da trajetória do animal junto ao ser hu- mano .....	40
	4.2 -	O momento da aquisição .....	47
	4.3 -	O momento dos cuidados .....	64
	4.4 -	Comunicação e comportamento expressivo .....	80
	4.5 -	O rompimento do vínculo por iniciativa do dono .....	92
	4.6 -	O momento do desaparecimento do animal .....	103
	4.7 -	Algumas reflexões sobre a vida do animal na família ....	128
CAPÍTULO	V:	BENEFÍCIOS PARA O SER HUMANO ADVINDOS DA CON- VIVENCIA COM O ANIMAL .....	131
	5.1 -	Modalidades .....	132
	5.2 -	Benefícios ou malefícios? Algumas reflexões .....	148
CAPÍTULO	VI:	O ANIMAL COMO ENTIDADE NO MUNDO VIVIDO PELO SEU DONO .....	150
	6.0 -	O animal como entidade no mundo vivido pelo dono .....	151
	6.1 -	Ordem dos animais utilitários .....	153
	6.2 -	Ordem dos animais silvestres .....	153
	6.3 -	Ordem dos animais psíquicos .....	154
CAPÍTULO	VII:	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	162
CAPÍTULO	VIII:	IMPLICAÇÕES PARA PSICÓLOGOS E VETERINARIOS ...	166
REFERENCIAS		BIBLIOGRÁFICAS .....	174

Volume II

ANEXO	I:	RELATOS .....	1
ANEXO	II:	RELATOS COMPLEMENTARES .....	204

ANEXO	III:	AMOSTRAGEM DA DEMARCAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO .....	222
ANEXO	IV:	ANÚNCIOS REFERIDOS NO TEXTO .....	233

## AGRADECIMENTOS

Sou grata

ao Prof. Walter Hugo de Andrade Cunha pela orientação ao longo da minha trajetória acadêmica, pelo entusiasmo com que acolheu o assunto desta tese e pela ajuda em concretizá-la.

ao Prof. César Ades pela acolhida generosa em época de crise, pelas discussões e sugestões sempre oportunas.

ao Prof. Joel Martins por ter-me propiciado acesso à maneira de se fazer pesquisa qualitativa.

à Prof. Maria Cecília Vilhena Moraes Silva (Ciça), mestra e amiga, pela abertura de novos horizontes.

aos sujeitos da minha pesquisa que - se já não o eram - tornaram-se amigos ao longo das entrevistas.

às pessoas e entidades abaixo relacionadas por terem, cada qual à sua maneira, contribuído de modo decisivo para o planejamento e/ou execução deste trabalho.

*Alfredo Weiss*

*Bebiana Leal de Barros*

*Clover Gowing*

*City Micros*

*Delta Society*

*Heloisa S. Ribeiro Gomes*

*Linda Hines*

*Maria Lucia de Almeida Melo*

*Mariana Kitayama*

*Mario Magyar Franco*

*Nise da Silveira*

*Petho Sandor*

*Renato L. A. Duarte*

*Tamara Nikitin*

Para meus queridos  
Alfredo, Mario, Marcos, Sylvia e Agenor.

Para Thomaz, in memoria.

Ao Duarte,  
por dedicação além e acima do dever e  
pelo entusiasmo incansável em adequar uma  
tecnologia de computador a uma tese  
qualitativa.

A Eunete,  
que deixou os parafusos para, com muita  
garra, enfrentar meus bichos.

A prima Bárbara,  
pelo forceps de alívio.

Fuchs, H. O animal em casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação. São Paulo, 1987, xvii + 420 pp.

Dissertação de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

#### RESUMO

Partindo do relato de donos e não donos de animais acerca do convívio entre o ser humano e o animal, procurou-se apreender o significado psicológico possuído pelo animal de estimação no viver cotidiano.

Os dados obtidos através de entrevistas gravadas e transcritas *verbatim* foram coletados junto a 13 adultos possuidores, 6 adultos não-possuidores de animal de estimação e 3 adultos que não possuíam mas pretendiam adquirir um animal. Foram também incluídos neste estudo dados oriundos de relatos clínicos, em caráter complementar. A análise qualitativa dos relatos, excluídos os elementos casuais, permitiu caracterização quanto as modalidades e razões de obtenção de um animal, a maneira rotineira de cuidar do animal, às formas de comunicação, às vicissitudes advindas do convívio, quer para o dono, quer para o animal, e às opções para perpetuar ou interromper o relacionamento em qualquer momento da trajetória. Os dados foram discutidos de forma que integrassem a experiência profissional da autora, vivida em consultório médico-veterinário, e a leitura específica na área.

A interpretação dos dados permitiu concluir que a presença de um animal de estimação pode trazer benefícios psico-sociais para o dono do animal, oriundos, não do animal

propriamente dito, visto segundo uma ótica cartesiana, mas de um animal imaginário, putativo, e que desempenha papel e funções de acordo com as necessidades de cada ser.

Conclui-se, outrossim, que a relação ser humano animal é sempre uma relação de poder onde cabe ao animal a posição de dependência.

Fuchs, H. A pet-animal in the house: a study to determine the psychological significance of pets. São Paulo, 1987, xvii + 420 pp.

Doctoral Dissertation presented to the Institute of Psychology, University of São Paulo.

#### ABSTRACT

The experiences related by a number of persons regarding their relationship with pet animals formed the background material from which the attempt was made to extract the psychological significance of such pets in everyday life.

The underlying data were obtained from interviews with 13 adults who owned pets and 9 adult non-pet-owners, 3 of which intended to acquire a pet animal. All interviews were tape-recorded and subsequently transcribed *verbatim*. Further data - when deemed necessary for completeness and back-up purposes - were obtained from veterinary medical records.

After pinpointing and eliminating as irrelevancies certain fortuitious non-recurring elements, conclusions could clearly be drawn on the following: motivation for acquiring a pet; forms of such an acquisition; routines and patterns of caring for, and ways to communicate with the animal; vicissitudes for both owner and pet; and finally, options to continue, discontinue or temporarily interrupt the relationship.

Fuchs, H. A pet-animal in the house: a study to determine the psychological significance of pets. São Paulo, 1987, xvii + 420 pp.

Doctoral Dissertation presented to the Institute of Psychology, University of São Paulo.

#### ABSTRACT

The experiences related by a number of persons regarding their relationship with pet animals formed the background material from which the attempt was made to extract the psychological significance of such pets in everyday life.

The underlying data were obtained from interviews with 13 adults who owned pets and 9 adult non-pet-owners, 3 of which intended to acquire a pet animal. All interviews were tape-recorded and subsequently transcribed *verbatim*. Further data - when deemed necessary for completeness and back-up purposes - were obtained from veterinary medical records.

After pinpointing and eliminating as irrelevancies certain fortuitious non-recurring elements, conclusions could clearly be drawn on the following: motivation for acquiring a pet; forms of such an acquisition; routines and patterns of caring for, and ways to communicate with the animal; vicissitudes for both owner and pet; and finally, options to continue, discontinue or temporarily interrupt the relationship.

All data have been discussed so as to integrate the professional veterinary experience of the author with specific reading on the subject.

Interpretation of the collected data permits the conclusion that the presence of a pet can have psycho-social benefits for the owner, stemming not necessarily from the pet proper as perceived through a cartesian vision, but from an imagined, putative pet performing its role in accordance with the necessities of each human being. An additional conclusion is that the human-pet relationship always involves an interplay of power, with the pet in a position of dependence.

Fuchs, H. Ein Tier im Heim: Ein Beitrag zur Erforschung der psychologischen Bedeutung des Haustieres. São Paulo, 1987, xvii + 420 s.

Doktorarbeit, dem Institut fuer Psychologie der Universitaet São Paulo vorgelegt.

### ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit versucht die psychologische Bedeutung des Haustieres im Alltag an Hand der Aussagen von Tierbesitzern und Nicht-Tierbesitzern zu erforschen.

Die unterliegenden Daten wurden durch auf Tonband aufgenommene und verbatim aufgezeichnete Interviews mit 16 Tier-Besitzern und 6 Nicht-Tierbesitzern gesammelt, von denen 3 zukuenftige Tierbesitzer sind. Alle Befragte waren Erwachsene. Weiterhin, im Sinne einer Ergaenzung, sind auch tieraerztliche klinische Faelle Teil der Arbeit.

Eine qualitative Analyse all dieser Daten gewahrt es, nach Ausmerzung lediglich zufaelliger Ereignisse, gewisse Schluesse zue ziehen auf Gruende und Arten der Haustieranschaffung; auf die normal uebliche Versorgung desselben; auf die Verstaendigungsmoeglichkeiten; auf die im Zusammenleben auftauchenden Schwierigkeiten; und schliesslich auf die sich bietenden Optionen das Verhaeltnis beizubehalten oder es, fuer ganz oder nur zeitlich begrenzt, abubrechen.

Die vorliegenden Daten wurden so durchdiskutiert, dass die tieraerztliche Erfahrung der Autorin und weitgehendes spezialisiertes Lestum sich vereinigen konnten.

Eine Beurteilung der gesammelten Daten fuehrt zu

der Folgerung, dass die Praesenz eines Haustieres dem Menschen psycho-soziale Vorteile bringen kann, nicht vom Tier als solchem durch eine cartesianische Optik betrachtet, sondern von einem der Phantasie des Besitzers entsprungenem Tier, das seine Rolle je nach Notwendigkeit einnimmt.

Eine weitere Schlussfolgerung is dass in jeder Mensch-Haustier Beziehung eine Macht-Beziehung mitspielt, wobei das Tier immer eine Abhaengigkeitsstellung einnimmt.

## INTRODUÇÃO

"ANIMAL. Feito por Deus, tem linguagem e organização, com chefe, leis, amigos, aliados, inimigos..."

(*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 5ª Ed. 1984, pg. 56)

## INTRODUÇÃO

"ANIMAL. Feito por Deus, tem linguagem e organização, com chefe, leis, amigos, aliados, inimigos..."

(*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 5ª Ed. 1984, pg. 56)

Este estudo é uma tentativa de compreender o mundo vivido pelo ser humano em companhia de um ou vários animais - tido(s) frequentemente como "de estimação" - mundo esse que, em muitos momentos de minha história profissional como médica veterinária, me deixou perplexa.

O estado de inquietação que me levou a iniciar esta trajetória resultou de minha própria ação como médica veterinária, com formação em psicologia experimental, com pendores para ver o mundo animal sob um prisma etológico ou da Análise Experimental do Comportamento. Dados esses atributos pessoais, uma questão que surgiu diante do meu cliente no consultório era saber se estava adequado o tratamento dado pelo dono ao animal, e saber de minha adequação profissional para ouvir problemas pessoais dos clientes, bem como para tentar modificar conduta de dono de animal. Pela leitura de um artigo na revista Smithsonian<sup>1</sup> acabei por descobrir que não estava só nessa dúvida, e mais, que o animal não se apresenta ao veterinário como um ser isolado, mas que ele faz parte de uma relação diádica com o seu dono, e de uma relação triangular no momento em que as coisas se passam no consultório do veterinário; pois, recentemente, nos Estados Unidos, o veterinário, que até então só via o animal, estava se transformando em profissional de saúde mental uma vez que o animal, ao trazer benefícios e problemas ao dono, mexia com o bem estar psíquico deste. E mais ainda, descobri que pesquisas recentes vinham encontrando no animal nitidas qualidades terapêuticas pelas quais ele se tornava um instrumento de importância capital para promover o bem-estar psicológico dos respectivos donos.

---

<sup>1</sup> Curtis, P. Animals are good for the handicapped, perhaps all of us. Smithsonian, 1981, 12(4), 49-57.

Depois da descoberta mencionada acima, propus-me a buscar informações acerca da relação ser humano-animal nos variados aspectos nos quais vinha ela sendo estudada pelos novos núcleos de pesquisa, geralmente interdisciplinares, que se estavam criando recentemente em países estrangeiros.

Os conhecimentos que obtive com a revisão bibliográfica são apresentados resumidamente no Capítulo I. Tais conhecimentos dizem respeito, basicamente, a pessoas e respectivos animais de estimação que vivem na maioria nos Estados Unidos, e abrangem tópicos variados, que incluem estudos antropológicos, sociológicos e clínicos. No entanto, se as paisagens são diferentes, se as raças mencionadas às vezes são de difícil encontro aqui no Brasil, em certos momentos da leitura surgem ecos, surgem imagens idênticas às vividas e repetidas no meu consultório, surgem descrições de interações que parecem independem de espaço e de tempo, são verdadeiras aqui como acolá. À medida que divulgo meu interesse na relação ser humano-animal ouço relatos e problemas que parecem ser tirados das páginas dos livros e artigos escritos alhures. Ficava cada vez mais evidente que os fenômenos observados e relatados lá têm seus homólogos aqui. Faltava apenas uma maneira de des-velá-los <sup>1</sup> aqui.

Às minhas primeiras tentativas, coerentes com minha formação acadêmica médico-veterinária acrescida da maneira de trabalhar em pesquisa etológica, procuraram quantificar alguns aspectos do fenômeno. Observei donos e animais em praças, em passeios, no Zoológico de São Paulo, no meu consultório, e consegui identificar e descrever variáveis como horários, tipos de pessoas, animais de maior interesse, posturas, contatos físicos.

À medida que esse método era utilizado, ficava evi-

---

<sup>1</sup> O uso do hífen em palavras como des-velar tem sua razão de ser, em virtude de pretender dar realce ao significado primordial da palavra, recuperando sua etimologia. O hífen é usado neste caso, para destacar o significado original da palavra.

dente a insatisfação que eu experimentava com os dados por ele gerados: o que o método revelava era sempre uma faceta do fenômeno, o lado observável, mensurável, mas que não englobava os porquês do dia a dia: por que fulano comprou este ou aquele animal, por que dele se desfez, por que não o trata, por que o ama, por que o ama de mais ou de menos, por que alguns animais têm privilégios humanos, são tratados feito criança, por que me pedem para sacrificar um animal ainda bom, por que protelam decisões, enfim...

A questão seria resolvida fazendo um questionário para cada assunto ou haveria alguma maneira de chegar à essência do fenômeno, alguma outra metodologia que me permitisse ver o ser humano em sua totalidade no que diz respeito ao animal e ver também o animal, mas como ele me é apresentado pelo dono ?

Pareceu-me que eu estava diante de um tipo de fenômeno que não se adapta naturalmente ao tratamento quantitativo e sim a tratamento qualitativo. As dimensões pessoais do fenômeno, o que o dono sente - segurança, medo, calma, alegria, amor, tristeza, solidão - o que ele acha que o animal sente, percebe, etc. seriam passíveis de descrições feitas pelo próprio dono.

Assim, ouvir o dono - já que não me é possível ouvir o animal - pedir-lhe que descreva determinados aspectos de sua vivência com o animal, permitiria perceber o significado que ele atribui ao animal, já que as coisas não têm um significado em si, senão aquele que lhe é atribuído. Senti por bem apreender o fenômeno a partir da realidade que está aí, que é o discurso do dono ou não-dono.

Essa trajetória tem seu início aqui; não se podem prever, porém, seus desdobramentos. A investigação científica, levada a efeito com zelo em determinada região de inqué-

der Folgerung, dass die Praesenz eines Haustieres dem Menschen psycho-soziale Vorteile bringen kann, nicht vom Tier als solchem durch eine cartesianische Optik betrachtet, sondern von einem der Phantasie des Besitzers entsprungenem Tier, das seine Rolle je nach Notwendigkeit einnimmt.

Eine weitere Schlussfolgerung is dass in jeder Mensch-Haustier Beziehung eine Macht-Beziehung mitspielt, wobei das Tier immer eine Abhaengigkeitsstellung einnimmt.

## Capítulo I

Uma mirada nos estudos atuais  
sobre a relação homem-animal

### 1.1 - MIRADA BIBLIOGRÁFICA.

O relacionamento entre Homo sapiens e alguma outra espécie animal é tão antigo quanto a história da evolução da espécie humana (Darwin, 1876).

O encontro arqueológico de uma tumba, que continha dois esqueletos: o de um humano adulto, de sexo ignorado, e os restos de um cão, situa este relacionamento como existindo há pelo menos 12.000 anos. O fato surpreendente, era que, "quem quer que tenha presidido a cerimônia fúnebre, cuidadosamente colocou a mão esquerda do defunto sobre o ombro do cãozinho, num gesto eloqüente e perpétuo de afeto..." (Serpell, 1986).

Calcula-se que, na Grande São Paulo (Reichmann, 1986), a razão de cães por habitante já atinge 1 cão para cada 10 habitantes. Essa razão por si só nos fornece uma indicação da grande quantidade de pessoas que possuem animais de estimação. Deve-se lembrar que essa quantidade seria muito maior se o cálculo atrás mencionado houvesse levado em conta, além do cão, outras espécies de animais a viverem em regime de co-habitação com os seres humanos: gatos, pequenos roedores, pássaros, animais de sangue frio. Da análise das estatísticas fornecidas pela Comissão Permanente de Controle da Raiva (1985), depreende-se também que o aumento da população canina na Grande São Paulo foi contínuo na última década, registrando um acréscimo de 15% ao ano.

Messent & Horsfield (1983) apresentam dados demográficos referentes à posse de cães e gatos em vários países. Por esses dados se nota que densidade populacional maior que, ou igual à do Brasil se encontra na Bélgica (11.5/100), Dinamarca (13.3/100), França (17/100), Inglaterra (10/100), Austrália (15.2/100), Canadá (13.2/100) e Estados Unidos

(21.6/100). Densidades menores se encontram na Alemanha, Itália, Holanda, Noruega, Suíça. Quem possui menor número de animais por habitantes é o Japão, com 3.9 cães/100 habitantes.

Esta explosão populacional vem sendo acompanhada com crescente entusiasmo pelos adeptos dos benefícios do relacionamento ser humano-animal, quer na Europa, quer nos Estados Unidos.

Mas talvez tal explosão devesse ser olhada com tristeza pelos que notam uma correlação entre vida social insatisfatória e posse de animais de estimação, ou, então, entre tal posse e "qualidade afetiva de vida" nas cidades.

X Apesar da quantidade enorme de pessoas que atualmente possuem animais de estimação das mais variadas espécies em todo o mundo, a natureza do vínculo entre o ser humano e o animal de estimação tornou-se objeto de pesquisa apenas há relativamente pouco tempo. Em nosso meio, publicações a respeito do relacionamento homem-animal de estimação são quase inexistentes, exceção feita aos trabalhos pioneiros de Nise da Silveira (1982) que descrevem o efeito terapêutico advindo da ligação afetiva formada entre um cão e um esquizofrênico e às pesquisas que focalizam o conhecimento que donos de gatos têm sobre o comportamento de seus animais, levadas a cabo por José Geraldo Marques (1987) na Unicamp. ✓

Já em outros países, encontra-se uma quantidade razoável de publicações a respeito desse tema. Nos Estados Unidos essa quantidade chega a ser notável, e sucedeu os trabalhos pioneiros do casal de psiquiatras Corson (1978) e do professor emérito de Psicologia, Boris Levinson (1962, 1969a, 1972), trabalhos esses a mostrar o valor terapêutico de animais no tratamento de crianças e adultos com problemas psicológicos. Esses trabalhos incentivaram a realização de pesqui-

(21.6/100). Densidades menores se encontram na Alemanha, Itália, Holanda, Noruega, Suíça. Quem possui menor número de animais por habitantes é o Japão, com 3.9 cães/100 habitantes.

Esta explosão populacional vem sendo acompanhada com crescente entusiasmo pelos adeptos dos benefícios do relacionamento ser humano-animal, quer na Europa, quer nos Estados Unidos.

Mas talvez tal explosão devesse ser olhada com tristeza pelos que notam uma correlação entre vida social insatisfatória e posse de animais de estimação, ou, então, entre tal posse e "qualidade afetiva de vida" nas cidades.

X Apesar da quantidade enorme de pessoas que atualmente possuem animais de estimação das mais variadas espécies em todo o mundo, a natureza do vínculo entre o ser humano e o animal de estimação tornou-se objeto de pesquisa apenas há relativamente pouco tempo. Em nosso meio, publicações a respeito do relacionamento homem-animal de estimação são quase inexistentes, exceção feita aos trabalhos pioneiros de Nise da Silveira (1982) que descrevem o efeito terapêutico advindo da ligação afetiva formada entre um cão e um esquizofrênico e às pesquisas que focalizam o conhecimento que donos de gatos têm sobre o comportamento de seus animais, levadas a cabo por José Geraldo Marques (1987) na Unicamp. ✓

Já em outros países, encontra-se uma quantidade razoável de publicações a respeito desse tema. Nos Estados Unidos essa quantidade chega a ser notável, e sucedeu os trabalhos pioneiros do casal de psiquiatras Corson (1978) e do professor emérito de Psicologia, Boris Levinson (1962, 1969a, 1972), trabalhos esses a mostrar o valor terapêutico de animais no tratamento de crianças e adultos com problemas psicológicos. Esses trabalhos incentivaram a realização de pesqui-

adultos e idosos normais como os integrantes humanos do relacionamento e apresentar apenas uma visão geral da área de terapia mediada por animais, empregada com grupos minoritários, deficientes físicos ou mentais, muitas vezes dentro de um contexto institucional.

Os animais não são apenas representados por cães e gatos. Também outros mamíferos, pássaros, peixes e répteis são incluídos no rol de animais passíveis de integrarem o relacionamento.

O relacionamento homem-animal configura um assunto que só nesta década despertou maior interesse dos pesquisadores, como poderá verificar quem quer que se dedique a examinar a literatura científica correspondente sobretudo à literatura estrangeira pertinente ao tópico - já que é a que apresenta maior amplitude de temas e de metodologias. Nise da Silveira (1982) parece ter captado bem a complexidade do laço e o que nele há de fundamental antevendo magnificamente a direção que a pesquisa vem tomando e necessita tomar:

+ *"Parece-me merecer observação atenta a maneira como se processa o relacionamento do homem (doente ou não) com o animal. Este relacionamento reflete a problemática entre o homem que se esforça para afirmar-se na condição humana, e o animal existente nele próprio. Relacionamento difícil, de luta, de sacrifício, confronto, amizade desenvolvido ordinariamente numa trama complexa de projeções e identificações"* (Silveira, 1982, p.87). †

## \* 1.2 - EFEITOS FISIOLÓGICOS DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO.

Esta linha de pesquisa resultou de uma descoberta acidental quando, na Universidade de Pensilvânia, os professores Aaron Katcher e Erica Friedmann estudaram os efeitos do isolamento social na sobrevivência de 92 homens e mulheres, vítimas de recente ataque cardíaco (enfarte do miocárdio e angina pectoris). Estes estudos foram iniciados em 1977 e publicados em 1980. Para explorar todas as variáveis sociais, esses professores aplicaram um questionário enquanto os pacientes ainda estavam hospitalizados e outro questionário um ano após a alta. Eles verificaram que, após um ano, 14 pacientes do grupo inicial tinham falecido. A análise dos dados feita para achar o fator que pudesse ter contribuído para a sobrevivência dos pacientes restantes revelou que o fator de predição mais potente era a posse de animal de estimação, pois, dentre os 14 falecidos, 3 pertenciam ao grupo de donos de animais, ao passo que os restantes 11 pertenciam ao grupo de não donos. Inicialmente se acreditou que o efeito pudesse ser relacionado ao exercício físico que o dono de cão faz, porém se verificou ser o efeito igual para donos de cães como para donos de qualquer outro animal de estimação.

Igualmente importante, "o efeito dos animais não estava presente apenas nas pessoas socialmente isoladas; era independente de estado civil e atividade social." (Friedmann, Katcher, Lynch e Thomas, 1980).

Admitindo que pudessem estar diante de alguma variável desconhecida, os autores continuaram a explorar o mecanismo causador do fenômeno e fizeram uma descoberta igualmente surpreendente: quando pessoas interagem com seus animais - quando lhes falam, quando os acariciam ou os manuseiam - há diminuição da frequência de batimentos cardíacos e na pressão arterial (Lynch, Thomas, Long, et. al. 1980).

‡ A pressão arterial nessas condições atingiu valores inferiores aos medidos quando os sujeitos estavam em repouso. Este efeito também foi constatado em crianças em situação experimental, tomando-se duas medidas: com a criança lendo calmamente e após a introdução de um cão "amigável" (Friedmann, Katcher, Thomas, et. al. 1983.). Neste último experimento, os investigadores aventaram a hipótese segundo a qual a presença do animal levava as crianças a perceberem tanto a situação experimental quanto o experimentador como menos ameaçadores do que quando o animal estava ausente. Em outras palavras, a presença do animal reduzia a ansiedade. Outros pesquisadores (Baun, Bergstrom, Langston e Thoma, 1984) ressaltaram que esta redução de ansiedade e concomitantes alterações de pressão são mais acentuadas quando se trata de animal com o qual o sujeito tem algum vínculo afetivo prévio.

‡ Katcher, Segal e Beck (1984), em estudo sob condições controladas, verificaram que efeitos similares aos citados acima, de redução de ansiedade e desconforto, eram obtidos quando se usava um aquário como objeto de contemplação, quer antes, quer durante tratamento odontológico. Com base nesses resultados, apresentaram, com as devidas cautelas, uma hipótese no sentido de que "a presença de um organismo vivo, sereno, exerce um efeito tranquilizador, porque a visão e os sons de animais tranquilos têm sido um estímulo sinalizador eficaz de ausência de perigo durante toda a história evolucionária do homem."

### X 1.3 - BENEFÍCIOS PARA O SER HUMANO ADVINDOS DO CONVÍVIO COM O ANIMAL

Y Embora os critérios utilizados para classificar os efeitos de animais sobre os seres humanos variem entre os diversos autores, há um consenso entre estes (Hoyt, 1976; Katcher e Friedmann, 1980; Beck e Katcher, 1983) no sentido de que o convívio com o animal é benéfico para o ser humano. Beck e Katcher identificaram sete funções com repercussão positiva sobre o estado de saúde física e psicológica do dono. De acordo com essa identificação o animal constituiria, para o seu dono:

- a) - algo para fazer companhia;
- b) - algo para se cuidar;
- c) - algo para ter-o-que fazer;
- d) - algo para tocar e afagar;
- e) - algo para observar;
- f) - algo para dar segurança ao dono;
- g) - algo para fazer o dono mexer-se mais.

Y As três primeiras funções seriam capazes de diminuir depressão, sentimentos de solidão e isolamento social. Geralmente são invocadas para explicar a utilidade do animal de estimação junto a qualquer pessoa, isto é, crianças, adultos e idosos quer estejam, quer não, em situação de crise ou de desamparo.

X As quatro funções seguintes, na lista acima, seriam capazes de diminuir ansiedade e inibir respostas de medo do sistema nervoso autônomo.

X Beck e Katcher argumentam que qualquer fator capaz de diminuir ou prevenir sentimentos depressivos, ansiedade, solidão e desamparo terá um efeito positivo sobre a saúde e

será capaz de diminuir a incidência de uma vasta gama de doenças crônicas, inclusive doenças cardíco-vasculares degenerativas.}

† Hoyt (1976) apresenta uma lista de benefícios psicológicos, subjetivos ou fenomenológicos bastante semelhantes aos de Katcher e Beck, destacando dois outros:

◁ - A função do animal como substituto de um ser humano. O animal se torna um substituto de filhos, amigos, companheiro de moradia ou parceiro sexual;

- A função de gratificação do ego e de status.

### †1.3.1 - Facilitação Social do contato com outras pessoas

Messent (1983; 1984) conduziu estudos de observação em ruas e parques de Londres, verificando se existia relação entre presença ou ausência de cão e quantidade de contatos sociais, num percurso de extensão controlada. Cumprimentos e conversas foram constatadas em 70% dos percursos, numa média de dois por percurso, enquanto a frequência de contatos sociais para o grupo sem animal foi praticamente nula. Posteriormente Messent ampliou este estudo, registrando a frequência de contatos sociais em relação a três grupos de pessoas: a) pessoas acompanhadas de cão; b) pessoas levando um bebê em carrinho; c) pessoas desacompanhadas. Esse autor verificou que 40% das pessoas do grupo com animal tinham pelo menos uma conversa com alguém encontrado ao longo do percurso, em contraste com apenas 8% do grupo com bebê e 3% das pessoas desacompanhadas. Com base nos resultados acima expostos, e em outros resultados de seus estudos, o autor concluiu não haver dúvida de que o animal funciona como "lubrificante social", que a presença do animal induz os donos a andar durante mais tempo, e que amizades se formam com mais probabilidade entre proprietários de cães do que entre não-donos.

Ha diferença entre população rural e urbana quanto à maneira de avaliar os benefícios do cão. Na Suécia, Norling (1983) comprovou haver maior importância do cão para os moradores da cidade. Este dado é semelhante ao encontrado por Dry e Goldberg (1983) nos Estados Unidos, onde há uma diferença qualitativa no significado do animal para mulheres idosas vivendo em zona rural ou em zona urbana. Verificaram que a posse de animal de estimação estava relacionada a "menos felicidade em mulheres vivendo em cidades pequenas ou áreas rurais e maiores níveis de felicidade em mulheres vivendo em ambientes urbanos ou suburbanos. Vários fatores poderiam explicar esta interessante diferença. Uma hipótese seria que o significado da posse de um animal de estimação é qualitativamente diferente em áreas urbanas e áreas rurais."

#### 1.4 - DADOS ACERCA DE DIFERENÇAS DE PERSONALIDADE ENCONTRADAS ENTRE DONOS DE ANIMAIS DE ESPÉCIES DIFERENTES

Segundo A.H. Kidd (1982), é possível diferenciar a personalidade de donos de cães e de gatos de acordo com o animal possuído. Posteriormente Kidd, Kelley e Kidd (1984) ampliaram os estudos iniciais de A.H. Kidd para incluir animais não convencionais. Os resultados indicaram que donos: a) de cavalos são assertivos e introspectivos; b) de tartarugas são trabalhadores, confiáveis e ambiciosos; c) de passarinhos estabelecem facilmente contatos sociais e são expressivos; porém, se esses donos são mulheres, são bastante dominantes; e, d) de cobra são informais, relaxados, gostam de novidades e de mudanças, são inconventionais, incapazes de tolerar rotinas, modificáveis e algo imprevisíveis.

Um dos objetivos de estudos como os citados acima e outros nos quais se procura detectar correlação entre características de personalidade humana e espécies ou raças animais possuídas (Cameron, Conrad, Kirkpatrick e Bateen, 1966; Cameron e Mattson, 1972), é adequar dono e animal, auxiliando na escolha do animal, principalmente em situação terapêutica.

### 1.5 - O ANIMAL NO CONTEXTO FAMILIAR

† Não há dúvida de que o cão é o animal encontrado com maior frequência na companhia do homem, vivendo em ambiente familiar. É possível que a explicação dessa constatação se encontre no fato de que o cão se adapta à unidade familiar como se adaptaria à sua matilha, numa relação hierárquica bastante definida. Contudo o gato, tido como um animal mais independente, vive também muito bem em associação com o ser humano (McCutcheon, 1979).

Quando uma família adquire um animal de estimação, na opinião de Levinson (1969a) e Simon (1984), ocorre uma mudança na dinâmica familiar. O animal se torna parte do complexo social doméstico. Este conjunto inclui, além de parentes, pessoas significativas não aparentadas. Cada indivíduo da família encara o animal de modo diferente e o animal é solicitado a satisfazer necessidades individuais diferentes. Levinson (1969a) observou que, quando uma família adquire um animal de estimação, há alteração dos relacionamentos intrafamiliares, que se tornam mais complexos. Há interações dos indivíduos e do grupo com o animal. Nas famílias onde há dificuldade de comunicação, o animal pode servir de ponto de convergência para sentimentos de agressão ou de afeto, e, em outras, é substituto de crianças ou de companheiros humanos (Manning, 1983).

O animal, ao se tornar parte integrante da família, compartilha hábitos humanos: dorme na cama com algum membro da família, recebe comida ou compartilha da comida durante as refeições, tem o seu retrato tirado no meio do círculo familiar (muitas vezes exibindo alguma vestimenta especificamente humana), pode receber nome de gente, tem seu aniversário festejado e, quando morre, sua falta é sentida com intensidade semelhante à que se experimenta na falta deixada pela mor-

te de alguém que se estima.

As respostas a um questionário veiculado pela revista Psychology Today (Siegal, 1985) revelam que os donos de animais acreditam que a presença de um animal melhora a qualidade da vida familiar, que o animal supera em importância amigos, vizinhos, emprego e funções sociais, que a presença de um animal de estimação pode induzir casais jovens a decidir ter filhos. Ainda ficou patente que 99% das pessoas que responderam ao questionário falam com seus animais quando se encontram felizes ou excitadas, deprimidas ou solitárias, fazem confidências, contam como passaram o dia. Em 78% das respostas ficou claro que os donos de animais dizem que estes os entendem e percebem seu estado de ânimo.

Coube a estudos etológicos (Smith, 1983) ressaltar que, no entanto, existem variações quantitativas e qualitativas nas interações dentro do contexto familiar. De modo geral, os comportamentos observados, como contato físico, brincadeiras, atenção, exigem cooperação entre o animal e o ser humano. Quando iniciadas pelo cão, só ocorrem em relação a determinadas pessoas da família, isto é, aquelas mais vinculadas ao animal.

## 1.6 - O RELACIONAMENTO ENTRE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E CRIANÇAS

Sem dúvida, Levinson (1962, 1969a, 1972, 1980) foi quem mais se preocupou com a relação entre desenvolvimento da criança, presença de animal de estimação e utilização de animais na terapia de crianças com distúrbios psicológicos. Levinson tem teorizado amplamente sobre a função do animal de estimação durante a infância - como objeto de fantasia, como companheiro imaginário, como agente por intermédio do qual as crianças aprendem a assumir responsabilidades, a adquirir um sentido de identidade e a desenvolver independência. Os animais são para a criança fontes de amor incondicional e lealdade e estímulos para certos tipos de aprendizado cognitivo. Esse autor relaciona exatamente essas condições ou funções, preenchidas, para as crianças, por animais, com o domínio, pela criança, nos vários estágios de seu desenvolvimento, de diversas tarefas (Levinson, 1972, cap.2). O consenso geral para os estudiosos da relação ser humano-animal, formado em grande parte a partir de dados intuitivos, é que, para a criança, o animal representa uma fonte de amor incondicional, principalmente face a alguma punição, e que ele se torna um apoio durante as crises familiares como as representadas pelo divórcio ou morte de um parente, oferecendo o consolo necessário quando os adultos estão por demais envolvidos em seus próprios assuntos. Muitas vezes os primeiros encontros com nascimento e morte são propiciados através do animal familiar, encontros esses que ensinam à criança que a vida tem começo e fim e que é preciso saber lidar com ambos.

Tem sido sugerido (Levinson, 1969) que um animal de estimação pode funcionar como um objeto transicional, no sentido dado a este termo por Winnicott (1953) de ser um objeto, representado por móveis, utensílios, amigos e, neste caso, um animal, por meio do qual as crianças são capazes de criar os limites do ego, superar insegurança e alargar suas experiên-

cias e contatos com o mundo exterior. Recentemente, Kellert (1984), numa das poucas investigações quantitativas da área, estudou as atitudes de 250 crianças em relação a animais. Seus dados indicam que há diferenças significativas conforme a idade, o sexo, os grupos étnicos, e a sua condição de grupos rurais ou urbanos. Esse autor identifica três períodos de mudanças significativas na atitude da criança para com o animal:

a - Um aumento da afetividade no relacionamento com animais, verificado dos 6 aos 9 anos;

b - Um aumento da compreensão cognitiva e do conhecimento de animais, dos 10 aos 13 anos; e,

c - Um acentuado aumento na preocupação ética e ecológica com animais, dos 13 aos 16 anos.

## 1.7 - RELACIONAMENTO ENTRE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E PESSOAS IDOSAS

Nos últimos anos pesquisas e reportagens em jornais têm focalizado os benefícios que advêm da presença de animais de companhia para pessoas idosas, quer vivendo em casa, quer vivendo em ambientes institucionais. Esse interesse parece relacionado com certas mudanças que vêm ocorrendo em culturas ocidentais, mudanças essas como as representadas por um aumento da expectativa de vida juntamente com modificações na maneira de viver, como aposentadoria forçada aos 65 anos, redução do núcleo familiar, diminuição das oportunidades de trabalho, etc.

As necessidades de pessoas idosas têm sido classificadas pelos autores que se ocupam deste problema em categorias de ordem física, biológica, psicológica, social e econômica.

A presença de um animal de companhia consegue minorar ou satisfazer em parte estas necessidades (Bustad, 1980; Bustad e Hines, 1981; Levinson 1969b; Lago, Knight e Connell, 1982) porque:

- pode proporcionar maior atividade física e exercício;
- ajuda a manter um ciclo normal de atividades diárias;
- transmite um senso de valor e significado à vida;
- fornece estimulação sensorial;
- fornece estimulação intelectual;.
- distrai o dono, deixando-o menos absorvido em seus problemas;
- substitui a falta de convívio com filhos, parentes e amigos;

- facilita contatos sociais;
- principalmente para mulheres, satisfaz o "sentir-se-útil", com uma vantagem adicional: em comparação com uma criança, o animal necessita de menos cuidados.

Estas vantagens, óbvias à primeira vista, têm sido relatadas em estudos de caso e pesquisas feitas com poucos sujeitos e procedimento experimental relativamente fraco. Fez época, em parte por ter sido um dos poucos estudos a empregar um grupo de controle, o trabalho de Mugford e M'Comski (1975) a demonstrar os efeitos sociais benéficos da companhia de um animal doméstico (periquito australiano) em um grupo de ingleses aposentados que viviam sozinhos. McCulloch (1981) demonstrou a importância de animais de companhia em uma amostra pequena de pacientes confinados ao lar, doentes crônicos e doentes que apresentavam complicações psiquiátricas.

Estes estudos, assim como os baseados em populações de idosos institucionalizados, indicaram que há vantagens psicológicas associadas à posse de um animal. No entanto, estudos recentes (Robb, 1983; Lago, Connell e Knight, 1983) não conseguiram replicar os dados originais. Tais estudos apontam para a existência de outros fatores como podendo influenciar a avaliação correta dos efeitos que um animal de companhia traz para os idosos. Entre esses fatores, que precisariam ser investigados em populações geriátricas, podem ser citados os seguintes:

- tipo de vínculo anterior;
- qualidade de vida;
- problemas associados à posse e manutenção do animal;
- diferenças entre populações rurais e urbanas.
- Devem também ser considerados problemas metodológicos relativos à perda de sujeitos.

## 1.8 - TERAPIA MEDIADA POR ANIMAIS

Nos Estados Unidos entende-se sob este rótulo o emprego de procedimentos, intencionais ou não, que propiciam uma vivência a curto ou longo prazo com um animal, com vistas à obtenção de benefício físico ou psicológico para uma pessoa ou grupo de pessoas, institucionalizadas ou não, com deficiência física ou mental. Ela é empregada em asilos, sanatórios, hospitais psiquiátricos e lares de deficientes físicos, além de em escolas e prisões.

O emprego assistencial, psicológico, de animais é, como os demais procedimentos que visam benefícios psicológicos ou terapia, alicerçado nos trabalhos de Levinson (1969a e 1972) e nos relatos do casal Corson (Corson e Corson, 1975; 1978 e 1980). Nesses trabalhos o animal é visto como um mediador não verbal, que melhora a adaptação, o entrosamento, o relacionamento quer entre terapeuta e paciente, quer entre o paciente e a sua realidade.

O grupo de pesquisadores liderados pelo casal Corson conduziu um estudo de terapia mediada por animais no hospital psiquiátrico da Universidade de Ohio, utilizando pacientes psicóticos nos quais outros métodos terapêuticos tinham falhado. Os dados quantitativos referentes a parâmetros verbais e temporais de interação social mostraram diminuição do intervalo pergunta-resposta, aumento do número de palavras por resposta, aumento do número de perguntas respondidas e diminuição do silêncio entre respostas.

No dizer do casal Corson (Corson e Corson, 1980), dos 50 sujeitos 47 "mostraram algum tipo de melhora com esta forma de terapia."

Apesar de a corroboração do valor terapêutico do

animal por meio de pesquisas com procedimentos experimentais ser pouca, (Brickel, 1979; Beck e Katcher, 1984) há interesse cada vez maior nos Estados Unidos em promover trabalhos, frequentemente com a utilização de grupos voluntários, empenhados em ver o animal agir como agente terapêutico. Os "mídia" têm dado ampla cobertura ao valor terapêutico de animais, exagerando o valor dos benefícios, e contribuindo para formar a imagem do animal como uma panacéia para o ser humano, em desenvolvimento, adulto, normal ou deficiente, em situação de desamparo ou de conflito.

+ Funções coadjuvantes junto a cegos, surdos e paraplégicos são exercidas pelos assim chamados cães de serviço, animais especialmente treinados para o convívio com determinado tipo de deficiente, com resultados excelentes no que se refere a reaver a independência, autonomia, moral, etc.

X Em 1983, segundo dados de Olsen, Anderson, Quigley e Beahl (1983), metade das instituições americanas voltadas para a manutenção de idosos em regime de internato possuíam animais de companhia com finalidades terapêuticas. Para possibilitar e agilizar a introdução e manutenção de animais em instituições foi preciso que surgissem publicações com vistas a ajudar a sistematizar esta prática, publicações essas que informassem sobre maneiras de fundar uma organização de voluntários, como selecionar um animal, como entrar em contato com prováveis instituições e sobre perigos e vantagens decorrentes da presença de um animal.

As melhores publicações nesta área são as de Hines (1982); Lee, Zeglen, Ryan e Hines (1983) e de Arkow (1984 a e b).

Melhoras relevantes em auto-estima, força muscular, integração sensorio-motora, equilíbrio e habilidades verbais (Dismuke, 1984; McCowan, 1984) têm sido obtidas através de

programas de hipoterapia (o uso de cavalos em programas terapêuticos) cuidadosamente elaborados para pacientes paraplégicos, com paralisia cerebral, retardamento e problemas de aprendizagem. Segundo dados de Bieber (1985), nos Estados Unidos existem atualmente 22.000 deficientes que se beneficiam deste tipo de terapia.

✧ Crianças autistas responderam excepcionalmente quando em proximidade ou em contato com golfinhos. O primeiro caso, documentado por Smith (1983), de um adolescente autista que começou a falar, acariciar e brincar com um dos golfinhos, foi amplamente comentado em jornais e revistas e permitiu a criação de um projeto envolvendo 3 golfinhos e 8 crianças. Os resultados, animadores porém não quantificáveis, abriram novos horizontes na terapia destes deficientes. A resposta de uma criança autista a um pássaro foi descrita por Condoret (1977), e a resposta a cavalos por Dismuke (1984) e Biery (1985). A semelhança do que se têm verificado com pacientes esquizofrênicos (Silveira, 1982), é de se supor que este efeito terapêutico possa ser encontrado relacionado a cães ou gatos, desde que tenha havido a formação de um vínculo afetivo com esses animais.

✧ Os resultados de um programa de terapia mediada por animais no Lima State Hospital para criminosos insanos (Hines, 1983; Lee, 1983) abriu novas perspectivas para a introdução de animais em penitenciárias, pois obteve-se redução de 50% na quantidade de remédios administrados e redução de 84% do número de incidentes tais como agressões e tentativas de suicídio.

## 1.9 - ALGUMAS PONDERAÇÕES FINAIS DECORRENTES DA MIRADA BIBLIOGRÁFICA

Encontram-se na literatura sobre o relacionamento ser humano-animal relatos por demais heterogêneos para se poder chegar a uma enunciação ou classificação adequada. O escopo da área é grande e de natureza multidisciplinar. Seus campos de pesquisa compreendem desde pesquisa aplicada, clínica e terapêutica até pesquisa básica como os estudos de comunicação. Os pesquisadores têm-se empenhado em responder a perguntas específicas ou em encontrar soluções para problemas específicos, em detrimento de estudos com vistas a entender as questões básicas da área, tais como o papel do animal na terapia, as razões para efeitos benéficos na terapia, etc.

Há uma falta de arcabouço conceitual único, da qual decorrem as seguintes consequências:

- falta de direção nítida e clara para os estudos;
- falta de consenso em relação ao que são os problemas prioritários de pesquisa, ou quais os conhecimentos mais necessários para aumentar a compreensão da área;
- dificuldade em delimitar um foco de pesquisa único.

✕ Esta situação parece resultar do fato de que as pesquisas nesta área estão no início e incidem sobre um campo de conhecimento muito amplo e complexo. Cada pesquisador está trabalhando em isolamento relativo e se vê compelido a forjar suas próprias ferramentas metodológicas para tentar descobrir fatos ou relações relevantes. Este estado da área de estudos dificultará, no meu entender, comparações que por ventura venham a se fazer com dados coletados no Brasil. Para dar apenas um exemplo dessa dificuldade de fazer comparação, o estu-

do de Salmon e Salmon (1983) e o de Cain (1983), conquanto investigando o mesmo fenômeno (a criança no contexto familiar), foram realizados respectivamente na Austrália e nos Estados Unidos, com amostras de tamanhos diferentes, sem que tenham sido definidos os parâmetros do que constitui uma "família".

† Algumas sugestões para pesquisas futuras decorrentes da perquirição bibliográfica seriam:

- Proceder-se a estudos descritivos do relacionamento ser humano-animal, com vistas a populações normais de adultos, crianças e idosos, já que se tem escrito mais sobre os efeitos da presença de um animal de estimação em populações física ou socialmente discriminadas.

- Seriam oportunos também estudos do relacionamento homem-animal para populações especiais: pesquisadores de ciências naturais, de médicos veterinários, de empregados em matadouro, de técnicos de biotério, de criadores e treinadores de animais, de donos de lojas especializadas em produtos para animais, de um lado, e o animal ou os animais envolvidos nesse relacionamento de um modo específico ou especial.

- No Brasil fazem falta estudos demográficos sobre espécie e quantidade de animais de estimação mantidos junto a populações urbanas e rurais.

- Estudos com vistas a compreender o lado animal no relacionamento, porque, de uma maneira geral, na maioria dos estudos existe um elemento de antropocentrismo. Focaliza-se preferencialmente o lado humano do relacionamento sem levar em conta as alterações que a longo prazo possam advir deste convívio intensivo para os animais.

Parece-me bastante claro que houve uma mudança his-

tórica no papel do animal na sociedade. O animal para o homem primitivo prestava serviços e tinha valor econômico. O animal de companhia na sociedade moderna, em vez de ter valor econômico, causa ônus e os serviços que presta são de natureza psicossocial. O uso do animal para suprir necessidades psicológicas decorre da crescente alienação do homem de si mesmo, dos outros e da natureza.

+ - A existência do laço, as vantagens psico-sociais, o crescimento rápido da população de animais de companhia, as respostas emocionais dos donos, as vantagens para crianças, adultos, pessoas em situação de desamparo, são todos fenômenos encontrados facilmente aqui em São Paulo.

Na esfera do cotidiano é realmente surpreendente como a posse de um animal facilita contatos sociais. A experiência de Messent (1983), que verificou o aumento da quantidade de contato em pessoas acompanhadas de um animal, pode ser replicada a qualquer momento. Basta levar um animal-filho no colo: há uma convergência imediata das atenções, há comunicação, demonstrações de carinho e, por se tratar de um animal, se fazem desnecessárias as precauções que normalmente se tomam com um bebê em situação semelhante, ou seja, admoestações para não tirar do carrinho, não pegar no colo, não beijar, não chegar perto quando a pessoa está resfriada.

A satisfação de necessidades afetivas é facilmente observada na interação de qualquer ser humano com um animal de estimação. Indubitavelmente ocorrem as modificações a nível somático descritas por Friedmann et al. (1980; 1983), mas, paralelamente, existem valores não mensuráveis como: amor incondicional, compreensão sem recriminação, lealdade, o estar-aí de um ser vivo em momentos de solidão e desamparo. O animal possibilita ao ser humano mostrar suas qualidades humanas, quando cuida, se sacrifica, ama e chora a perda de um animal.

**CAPÍTULO II**

**Situação Problemática**

2.1 - ANTECEDENTES DA PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA: O mundo vivido pelo dono, pelo animal e pelo profissional veterinário - uma relação triangular.

Concordando com Beltran (1986) considero que o real no qual o indivíduo age refere-se a um mundo particular, seu. É um mundo fenomenal - o quotidiano - aquilo que lhe está mais próximo, o cenário onde a pessoa vive seu tempo. Esse tempo por sua vez tem referência a outros momentos, vividos ou antecipados. O mundo fenomênico de uma pessoa é algo que cresce sem cessar, e se transforma ao mesmo tempo que se preserva: uma totalidade dinâmica em atualização.

O ser humano é histórico e nesta história estão as marcas de sua existência, que determinam suas ações. O consultar sua experiência é significativo, porque é por esse pensar a experiência que se atribui um significado às coisas. As coisas não têm um significado em si, mas têm o significado que o ser humano lhes atribui.

\* . \* . \*

O estudo a que me proponho neste trabalho resulta de uma situação problemática gerada por minhas próprias atividades como médica-veterinária e, ao mesmo tempo, pós-graduada em Psicologia Experimental, com toda uma bagagem de ver, sob a ótica da Análise Experimental do Comportamento, acontecimentos que diziam respeito não só aos comportamentos inadequados do animal mas às minhas tentativas, geralmente infrutíferas, de modificar o comportamento do ser humano que trouxera o animal à minha presença. Esta pessoa - e esta foi uma constatação que fiz talvez um pouco tardiamente - **se diz e é "dona" do animal**, colocando-se, assim, desde o primeiro momento do relacionamento, numa posição de superioridade em relação ao parceiro animal.

Iniciei minhas atividades como médica-veterinária especializando-me em cirurgia. Achava - nos idos de 1958 - quando meios de diagnóstico em medicina veterinária eram precários, que a cirurgia, o ver o-que-eu-estava-fazendo, ver o órgão doente, intervir com minhas próprias mãos, ou melhor com as ferramentas adequadas, era preferível a tratar de problemas clínicos e receitar remédios de efeito nem sempre satisfatório. Dediquei-me com todo entusiasmo a este trabalho, de que sempre gostei, de tentar curar. Naquele momento via o animal e apenas o animal. Os problemas começavam no pós-operatório, na hora em que se entregava o animal à custódia do dono - na hora de tentar explicar para o dono o que tinha que fazer, como fazer, quais seriam, enfim, os sacrifícios necessários para fazer o animal sarar. Muitas vezes via que era clinicamente impraticável entregar o animal ao dono, ficava com ele em casa, velava... lutava e, quando as condições eram favoráveis, conseguia cura. Havia os casos de morte - aquele momento em que a gente sente muita dificuldade em dizer que o animal morreu, em transmitir o meu pesar e ao mesmo tempo não deixar transparecer que, como disse uma das minhas entrevistadas: "...lá no fundinho a gente sente, parece que tem um sentimento de culpa, parece que a gente falhou..." E havia as brigas com os donos que largavam o animal na Faculdade de Medicina Veterinária por que não queriam tratá-los, as brigas com meus colegas, mais antigos no serviço, que, mais calejadados, opinavam por uma eutanásia sem dar chance ao animal, dizendo: "o dono não vai tratar mesmo."

Em minhas lutas pelo bem estar do animal ficava cada vez mais claro que, se o que eu queria era tratar do bem-estar do animal, tinha que me valer do dono. O poder era dele - eu era apenas uma voz a advogar a causa do animal. Em dado momento tentei fugir da clínica particular. Para isto fui trabalhar na Fundação Parque Zoológico de São Paulo. Ali, pensei que realizaria um sonho: tratar de animal selvagem -

como eu imaginava - livre do onipresente dono. No entanto apenas troquei a presença do dono pela presença de recintos, recintos inadequados, recintos que tolhiam a movimentação espontânea do bicho, que se transformavam em cárceres - o carcereiro era o tratador; não havia donos, mas um dono, uma organização que, para convencer a mudar o que quer que fosse no manejo dos animais, me obrigava a trilhar os caminhos da burocracia. E, pior, a minha medicina veterinária, baseada no estudo dos animais domésticos, na descrição de órgãos sãos e com patologias, na sintomatologia do animal doméstico, nunca me ensinara a ver a importância do comportamento *per se*.

Ao final do terceiro ano de Zoológico desenvolvi um projeto de pesquisa: ia tentar achar condições de sobrevivência para a preguiça brasileira, Bradypus tridactylus, que naquela época era achado comum nas estradas e acabava sendo levada ao Zoológico. Tratava-se de um projeto de pesquisa biológica, zoológica. Os modelos de que eu dispunha para tal pesquisa me tinham ensinado a providenciar alimento adequado, pesar este alimento, construir um viveiro que desse condições de sobrevida, anotar o que acontecia. Mas que acontecia com um animal lento como a preguiça? Meus relatos se resumiam a curvas de ingestão, a uma vaga noção de que a preguiça, inicialmente possuidora de vocalizações, as perdia, se tornava menos agressiva... a uma curva de peso decrescente e a uma data de morte, porque morrer, toda preguiça morria. Quis o acaso que um dia aparecesse, lá na seção de Veterinária do Zoológico, uma aluna de psicologia. Ela trazia uma fêmea de saqui morta durante o trabalho de parto; estava aflitíssima, pela morte do animal em si, e por este animal fazer parte de um trabalho de observação para uma cadeira denominada "Psicologia Comparativa e Animal" do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Fiquei fascinada - Psicologia? Observação? Dê-me detalhes... Ela voltou no dia seguinte com o seu diário de observações - ricas, riquíssimas, descrevendo comportamentos, posturas. Mais curioso ainda, havia um pro-

fessor, um mestre que lia estas observações, comentava, questionava, instigava a ver mais, a pensar, a repensar e a rever o animal. Comportamento, sim - falava-se só de comportamento - não se falava de órgão, de temperatura, de análise da composição sanguínea; falava-se daquilo que o animal fazia aos olhos do observador, olhos estes que deveriam ser absolutamente imparciais - que viam movimentos, posturas - mas que poderiam ajudar a encontrar respostas às perguntas básicas: para que, porque, como. Encantei-me. Pedi para ser levada à presença deste professor, ia pedir para ser ouvinte... ser qualquer tipo de aluno, que eu tinha que aprender aquilo, tinha que aprender. Era uma iluminação, era o que me fazia falta para ser uma melhor veterinária, estava ali algo não cogitado no curso de Veterinária - o estudo do comportamento. Foi um dos marcos mais profundos da minha vida - conhecer o Prof. Walter Hugo de Andrade Cunha - ouvir falar em classificação de comportamento - comportamentos alelomiméticos, et-epimeléticos... Mas quem falava via que eu não entendia, mas via o que eu estava querendo, do que eu estava precisando. A conselho seu inscrevi-me no curso de pós-graduação em Psicologia Experimental. Não havia dúvida de que, além do curso, havia achado quem haveria de me orientar, me ensinar... havia achado um Amigo, presente nas pequenas e grandes crises da minha vida. Aprendi etologia, aprendi a olhar; depois aprendi a enxergar... ver através do animal o ser humano, me ver...

Se tive tranquilidade neste caminho, que do animal etológico está me levando ao animal vivido pelo ser humano, a um animal imaginário e ao mesmo tempo muito real, a devo ao Prof. Walter que teve fé e soube esperar.

No laboratório via o animal, fazia pesquisa, éramos dois, num isolamento total: lá fora, na "Mitwelt" (no mundo compartilhado com os outros, segundo Heidegger, 1982) havia outros animais, outras situações, outras pessoas - eu entendia mais do animal, processos psicológicos, habituação, moti-

vação, mas o ser humano e, mesmo, a minha atitude com os animais, me deixavam perplexa. No consultório o triângulo se tornava cada vez mais nítido. A medida que eu progredia em psicologia, eu ouvia o discurso do cliente com outros ouvidos, via o papel do animal, via que havia processos, concordância e discordâncias em relação ao animal dentro da mesma família, via que quem trazia tinha um relacionamento diferente de quem acompanhasse, havia sutis relações de poder, havia muito carinho, muito amor... muita tristeza, muita solidão, o animal era uma chave para adentrar a intimidade da família do sujeito... A "família humana" do animal fazia parte também dos meus encargos.

## 2.2 - PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA.

As colocações feitas a partir desta experiência vivida como médica-veterinária no mundo-aí de seres humanos e de bichos geraram um estado de perplexidade inicial que girava em torno da ligação que se estabelecia entre o ser humano e o animal, queria saber o porquê deste vínculo e de como se processava sua feitura. Aos poucos, à medida que me aprofundava no problema, que questionava vinculação, apego, relacionamento, via que não era por aí que ia chegar a obter alguma informação. O porquê da possibilidade de se formar vínculo estava dado, vinha do nosso próprio passado filogenético: somos uma espécie animal com necessidades sociais, o animal sempre existiu na vida do homem, como deus, como aliado, como inimigo, como fonte de alimento, etc... Sendo assim, tornou-se importante descobrir qual seria o significado do animal para o homem moderno, alienado da natureza, vivendo numa época conturbada, ameaçada.

Era preciso buscar o significado do animal: por que se tem posse de um animal? Como se dá essa posse? Veem-se benefícios? Como se coloca o indivíduo diante do animal com o

qual convive? Como vê ele o animal? Que papel desempenha o animal em seu dia a dia?

Estas indagações me levaram a principiar por fazer uma leitura do mundo imediato dos indivíduos possuidores ou não de animais - o mundo do quotidiano, do animal ou animais, das coisas, dos objetos que estão ao seu redor.

Propus-me a apreender o significado psicológico que tem o animal de estimação, mediante o exame do relato que o ser humano faz de seu relacionamento ou falta de relacionamento com um animal de estimação.

**CAPÍTULO III**

**Trajetória Metodológica**

O procedimento metodológico apresentado a seguir foi elaborado tendo em vista as especificidades do problema proposto para estudo e foi tornado possível a partir da influência que tiveram em meu pensamento:

- a metodologia fenomenológica como proposta por Amedeo Giorgi (1985), cuja obra me foi dada a conhecer por Maria Lúcia de Almeida Melo.
- a possibilidade de adaptação de aspectos do método fenomenológico a meu problema, vislumbrada a partir da aplicação que desse método Maria Lúcia de Almeida Melo (1986) fez para estudo da relação professor-aluno; e
- a demonstração, feita e documentada pelo prof. Joel Martins em suas aulas, do valor da pesquisa qualitativa para promover o conhecimento nas ciências humanas (Martins, 1987).

### 3.1 -- COLETA DE DADOS.

A coleta de dados foi iniciada após estudo da bibliografia a que tive acesso nessa área relativamente recente da pesquisa. Tal coleta consistiu na obtenção de relatos, por parte de adultos não psicopáticos, acerca de seu relacionamento com animais de estimação, até que:

- a) - os tópicos principais da área de pesquisa, como apontados pelo estudo acima mencionado, tivessem sido desvelados, e
- b) - uma invariância, no tocante ao fenômeno sob estudo, fosse atingida.

Com a adoção desses critérios, 22 relatos, transcritos no Anexo I, foram obtidos. A escolha de adultos sãos teve por objetivo dar certa uniformidade à pesquisa.

Conforme mostram os dados do Quadro I (pg.38) depreende-se que dos 22 adultos entrevistados, 10 eram do sexo masculino, 12 do sexo feminino. Seu grau de instrução era variado, havendo 8 com grau de instrução secundária e 14 com grau de instrução superior. A sua idade variou entre 26 e 57 anos. Os entrevistados tinham variadas profissões, identificadas na apresentação de cada relato. 13 destes indivíduos conviviam com animais de estimação; 6 não possuíam animal de estimação e tão pouco almejavam a posse de animal; 3 sujeitos não possuíam animal de estimação no momento, mas pretendiam adquirir um animal no futuro próximo.

Não houve restrição, por parte da pesquisadora, quanto à espécie ou raça do animal com o qual o sujeito tinha tido ou não uma convivência significativa.

Não foi estabelecido um perfil determinado de sujeitos para a obtenção de depoimentos. Partiu-se da suposição, facilmente verificável, de que cada indivíduo é uma personalidade única e irreprodutível. Entrevistou-se toda pessoa que sucedesse estabelecer contato com a entrevistadora e tivesse algo a contribuir para o estudo que se tinha em mira, até serem atingidos os critérios anteriormente citados.

### 3.1.1 - Procedimento para coleta de dados.

A coleta de dados se deu através da gravação eletro-magnética, em fita cassete, de entrevistas realizadas com os indivíduos representados no Quadro I.

Estas entrevistas foram transcritas *verbatim* no Anexo I, para posteriormente serem analisadas, categorizadas e interpretadas com vistas às informações úteis para o tema da pesquisa.

Como técnica para entrevista utilizou-se inicialmente uma interação informal entre entrevistador (a própria pesquisadora)

e o entrevistado, algo como um aquecimento, sendo as entrevistas às vezes realizadas pessoalmente, face a face, outras por telefone (total de entrevistas pessoais, 16, e por telefone, 6). No momento julgado apropriado pela pesquisadora, esta perguntava ao interlocutor se haveria inconveniente em continuar "a conversa" com gravador ligado.

O tema foi colocado ao entrevistado por intermédio de uma questão aberta, seguida de perguntas relacionadas às respostas do entrevistado.

Alguns entrevistados prestaram depoimentos curtos, porém muito informativos, enfocando pontos realmente essenciais. Outros alongavam-se em relatos detalhados, mas, de maneira geral, constatou-se que houve pouco discurso vazio de sentido.

A entrevista era dada por terminada quando a pesquisadora notava que o entrevistado havia esgotado o assunto, ou que dele se desviava demasiadamente.

### **3.1.2 - Situação social.**

Na maioria dos casos estiveram presentes durante as entrevistas apenas o entrevistado e a pesquisadora. Em apenas uma instância o animal de estimação estava presente (S04).

### **3.1.3 - Dados secundários complementares.**

Consistem de observações da experimentadora no dia a dia de sua clínica veterinária, bem como de relatos espontâneos ouvidos em situações não planejadas.

Estes dados constituem um recurso para documentar aspectos do relacionamento, complementares de cada caso (Anexo II).

Neste rol se enquadram:

- a) - dados sobre o relacionamento ser humano-animal colhidos pela investigadora em situações diversas, acidentais e não específicas. Ex: atitudes observadas em "donos" ou "não-donos" de animais em passeios públicos, salas de espera de consultórios veterinários, logradouros que permitem alimentação de, principalmente, pássaros livres, etc.
- b) - dados colhidos durante consulta clínica;
- c) - relatos colhidos de maneira espontânea em eventos sociais.

### 3.2 - EQUIPAMENTO.

Para a gravação das entrevistas foi utilizado um gravador portátil marca Sony, de 4 pistas e 2 canais estéreo, fazendo-se uso de microfone - condensador de 5,6 mm de diâmetro.

### 3.3 - PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.

O procedimento adotado para análise das informações obtidas nas entrevistas, únicas para cada indivíduo, obedeceu à seguinte seqüência:

#### 3.3.1 - Transcrição literal da fita, exceto nos trechos nos quais:

- o entrevistado enveredava por uma longa narrativa, às vezes irrelevante para o fim proposto neste trabalho, feita como subsídio para explicar determinado aspecto da discussão; nesses casos a transcrição era interrompida com a devida observação na transcrição feita (vide Anexo I);

- o entrevistado, em certos trechos, descrevia situações,

pessoas ou lugares que permitiriam sua identificação; nesses casos procurou-se alterar nomes ou lugares (devidamente destacados) e somente em última instância esses trechos foram omitidos;

- ambos, entrevistadora e entrevistado, desviavam-se do tema para comentar assuntos outros, que foram sumariamente omitidos.

**3.3.2 - Leitura completa e pormenorizada do texto** ao mesmo tempo em que se ouvia a gravação, fazendo-se anotações complementares quanto a alterações da voz do entrevistado, pausas, aumento de volume, etc.

**3.3.3 - Leitura do texto para identificação de unidades de significado** [unidades estas que são excertos portadores de um significado para o objeto em estudo], estabelecidas à medida que surgiram, sem determinação prévia.

**3.3.4 - Numeração dos parágrafos que continham as unidades de significado.** Para maior clareza e facilidade de análise e explanação, executou-se a numeração dos parágrafos que continham as unidades de significado, sendo colocado uma epígrafe sobre o parágrafo. Frequentemente um mesmo parágrafo incluía mais de um tema, sendo, portanto, assinalados vários temas, conforme modelo constante do Anexo III.

**3.3.5 - Reunião das unidades de significado em categorias** e agrupamento das categorias em temas ou momentos, ordenados segundo a trajetória do animal junto ao ser humano.

**3.3.6 - Identificação de temas secundários.** Nova leitura de cada entrevista para permitir identificar, além dos

temas principais da trajetória, temas secundários, porém elucidadores dos primeiros.

- 3.3.7 - Seleção de temas. Selecionaram-se para análise os seguintes temas: aquisição, cuidados dispensados no tratamento e sobrevivência do animal; as maneiras como se efetua a comunicação entre o dono e o seu animal; as diversas formas de rompimento do vínculo entre dono e animal de estimação e as funções que o animal exerce junto ao ser humano.
- 3.3.8 - Estudo dos animais vivenciados. Fez-se um estudo sucinto dos vários animais escolhidos para serem "animais de estimação", como vivenciados no mundo-aí do dono. Não se levou em conta neste estudo o perfil psicológico do "dono" que optou por esses animais, por fugir este tema ao aspecto geral do presente trabalho, cujo propósito é tão somente situar o lugar do assim chamado animal de estimação junto a seu dono, com uma análise de motivos alegados por este para sua escolha, seu acolhimento, sua rejeição e seu envolvimento emocional.

QUADRO I - DEMONSTRATIVO DOS SUJEITOS

NÚMERO DO SUJEITO	SEXO	IDADE	GRAU DE INSTRUÇÃO	PROFISSÃO	PRESENÇA DE ANIMAL	PRETENDE ADQUIRIR ANIMAL?
01	F	29	Secundário	Secretária Executiva	N	S
02	F	34	Superior	Estudante de Psicologia	N	N
03	M	28	Superior	Engenheiro Civil	N	N
04	F	58	Superior	Médica Endocrinóloga	N	N
05	F	28	Superior	Médica Veterinária	S	S
06	M	41	Secundário	Comerciante	S	S
07	F	39	Superior	Professora Universitária	S	S
08	M	41	Superior	Biólogo	S	S*
09	F	29	Superior	Veterinária	S	S
10	F	37	Secundário	Professora de Artes	S	S
11	M	32	Secundário	Vendedor	N	S
12	M	30	Superior	Arquiteto	S	S
13	F	49	Secundário	Tradutora Intérprete	S	S
14	M	58	Superior	Professor Universitário	S	S
15	M	33	Secundário	Cabelereiro	S	S
16	M	48	Superior	Médico Cirurgião	S	S
17	F	58	Superior	Médica Veterinária aposent.	S	S*
18	M	38	Superior	Advogado	N	N
19	M	52	Superior	Economista	N	N
20	F	27	Secundário	Datilógrafa	N	S
21	F	28	Superior	Jornalista	N	N
22	F	26	Secundário	Do lar	S	S

\* Exceto cão e gato.

Legenda: N = não  
S = sim

## CAPÍTULO IV

A trajetória do animal junto  
ao ser humano

#### 4.1 - DESCRIÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA DO ANIMAL JUNTO AO SER HUMANO.

As categorias que proponho como fazendo parte da trajetória do animal junto ao ser humano nasceram da hermenêutica <sup>2</sup> do conjunto de relatos, isto é, procurou-se re-descobrir, nos depoimentos, convergências e invariantes do fenômeno da con-vivência. Estas categorias foram agrupadas por sua vez em momentos, marcos gerais, praticamente obrigatórios da trajetória. Percebi que se tratava de fenômeno que poderia ser cíclico ou sequencial, mas sempre tinha um início, que denominei de aquisição, momentos intermediários e um momento final.

#### 4.2 - O MOMENTO DA AQUISIÇÃO.

Este momento se refere às maneiras como o animal tem ou teve acesso a um lar, é como que uma fase antecipatória que termina quando o animal entra em contato direto com a casa.

Os dados permitiram que a aquisição fosse desvelada sob três aspectos:

4.2.1 - As modalidades de aquisição - formas de entrar na posse de um animal.

4.2.2 - As razões dadas pelos sujeitos para a aquisição.

4.2.3 - Alguns critérios que nortearam a aquisição, critérios esses que, no entanto, não esgotam todo o assunto.

---

<sup>2</sup> Hermenêutica é a "teoria das operações da compreensão, em sua relação com a interpretação de textos." RICOEUR, P. Interpretação e ideologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, 26.

#### 4.3 - O MOMENTO DOS CUIDADOS.

Este momento, iniciado quando da tomada de posse do animal, apresenta uma subdivisão em cuidados ou rotinas prioritárias - isto é, os comportamentos manifestados pelo ser humano que visam propiciar ao animal as condições necessárias de sobrevivência e as rotinas opcionais, ou seja, cuidados e comportamentos de aparecimento em apenas alguns casos.

#### 4.4 - COMUNICAÇÃO E COMPORTAMENTO EXPRESSIVO.

Durante a convivência com o animal de estimação, nota-se que pode surgir a necessidade de o dono se comunicar com o animal, transmitir a este seus mandos, seus desejos, seus sentimentos. Foi possível arrolar algumas modalidades da comunicação dirigida do ser humano ao animal e instâncias em que os entrevistados apontam os recursos comunicativos dos animais postos em função da comunicação com os seus donos.

#### 4.5 - O MOMENTO DO ROMPIMENTO DO VÍNCULO POR INICIATIVA DO DONO.

Compreende todas as maneiras pelas quais o dono se desfaz de um animal. É um momento controlado principalmente por contingências referentes ao dono, quer de ordem pessoal, como não gostar do animal, quer de ordem externa, como, por exemplo, regulamentação de prédio proibindo a permanência do animal.

#### 4.6 - O MOMENTO DO DESAPARECIMENTO DO ANIMAL.

Este momento diz respeito às modalidades de perda de convívio ser humano-animal devidas a alguma contingência ocorrida ao animal. Entre essas contingências incluem-se morte, fuga ou roubo. Em se tratando de morte, para alguns su-

#### 4.3 - O MOMENTO DOS CUIDADOS.

Este momento, iniciado quando da tomada de posse do animal, apresenta uma subdivisão em cuidados ou rotinas prioritárias - isto é, os comportamentos manifestados pelo ser humano que visam propiciar ao animal as condições necessárias de sobrevivência e as rotinas opcionais, ou seja, cuidados e comportamentos de aparecimento em apenas alguns casos.

#### 4.4 - COMUNICAÇÃO E COMPORTAMENTO EXPRESSIVO.

Durante a convivência com o animal de estimação, nota-se que pode surgir a necessidade de o dono se comunicar com o animal, transmitir a este seus mandos, seus desejos, seus sentimentos. Foi possível arrolar algumas modalidades da comunicação dirigida do ser humano ao animal e instâncias em que os entrevistados apontam os recursos comunicativos dos animais postos em função da comunicação com os seus donos.

#### 4.5 - O MOMENTO DO ROMPIMENTO DO VÍNCULO POR INICIATIVA DO DONO.

Compreende todas as maneiras pelas quais o dono se desfaz de um animal. É um momento controlado principalmente por contingências referentes ao dono, quer de ordem pessoal, como não gostar do animal, quer de ordem externa, como, por exemplo, regulamentação de prédio proibindo a permanência do animal.

#### 4.6 - O MOMENTO DO DESAPARECIMENTO DO ANIMAL.

Este momento diz respeito às modalidades de perda de convívio ser humano-animal devidas a alguma contingência ocorrida ao animal. Entre essas contingências incluem-se morte, fuga ou roubo. Em se tratando de morte, para alguns sur-

jeitos houve o problema de dispor do corpo do animal falecido, o que me levou a fazer indagações complementares acerca de cemitérios para animais.

As quatro fases que foram arroladas constituem um roteiro, não totalmente rígido, que o animal segue em companhia do ser humano. Após os dois momentos finais, cujo resultado em última análise é idêntico, isto é, cessação do convívio do animal com o ser humano, existe a possibilidade de recommençar a sequência se o dono entrar na posse de um outro animal.

#### 4.2 - O MOMENTO DA AQUISIÇÃO.

Este momento diz respeito às maneiras como o animal tem ou teve acesso a um lar. Aqui, inicialmente, estão sendo arroladas apenas as formas ou modalidades de aquisição, sendo que estas formas são suscetíveis de uma segunda reflexão em que se leva em conta a participação ativa (ir ao encontro do animal) ou passiva (ter o animal encaminhado à sua posse por outros) da pessoa que relata o caso.

##### 4.2.1 - Modalidades de aquisição.

As maneiras como o animal chega a um lar são várias.

##### a) - Compra.

(S10.1,2) "... passamos nessa casa de animais em Limeira, e a Nicole gosta demais de cachorro, e acabamos comprando."

(S12.4) "Quando voltei da lua-de-mel, a primeira coisa que fiz foi comprar um cachorro..."

(S13.35) "O.K. Para substituir o nosso Titan, nosso Pastor Alemão, nós compramos outra vez um Pastor Belga, misturada com Alemão, eu acho. Que não tem pedigree, mas é puro, lindíssimo, de uma ninhada maravilhosa, nunca compramos um cachorro tão caro..."

(S15.8,9) "... e a minha esposa cedeu... e quis comprar o cachorro... e então nós compramos."

(S20.83) "Depois dele eu tive um [cachorro], Vadinha. Também foi aqui em São Paulo, no Via-

duto do Chá, os caras vendendo no Viaduto do Chá. (...) eu sei que peguei, dei cem cruzados, na época era cem mil cruzeiros, dei pra ele e levei."

b) - Ganhar o animal.

(S01.4) "... eu ganhei ele [um Fox branquinho], de um rapaz lá pegado à fábrica onde eu trabalhava."

(S02.6) "Ai ele ganhou o peixe, o meu filho mais velho ganhou o peixe no Dia da Criança, lá na escola..."

(S06.14) "Quando a senhora trouxe ela [a tartaruga]... nossa!"

(S11.8) "Uma vizinha, a cachorrinha dela deu cria e ela me deu um cachorro."

(S14.4) "Olha cachorro porque... sei lá, alguém oferecia e..."

(S14.22) "(... De ele [o Basset macho] era da minha filha... ela que... havia ganho esse cachorro..."

(S14.25) "Ele [o Pastor Alemão] foi dado para a minha filha - filhote ainda - por um colega dela de escola..."

(S14.72) "então... a menina me ofereceu e eu a levei [a tartaruga] para casa."

(S14.78) "Eu já tive uma tartaruga grande aqui,

mas também foi doada."

(S22.34) "(...) eu ganhei, duma amiga da minha mãe, três gatinhos... filhotinhos..."

**c) Recolhe-se o animal.**

(S03.5) "Eu peguei ela pra criar, ela estava abandonada..."

(S20.69) "E na ida, tinha assim um terreno baldio, que o pessoal jogava lixo. E havia um filhotinho de cachorro, filhotinho pequenininho no meio da lixo, comendo lixo, procurando alguma comida e tal. Fiquei com pena. E peguei aquele cachorro e falei: 'Vamos levar pra casa, né!...'."

(S22.7) "Achei ela [a gata] numa caixinha de sapatos na escola e (...) levei ela pra sala de aula..."

(S14.54) "Um dia desses ela viu um pombo na rua. O pombo estava mancando. Ela achou que algum carro havia atropelado o pombo, e como ela não pode ver um bicho machucado (...) Mas, então ela mandou a empregada recolher e cuidar do pombo."

**d) - O animal escolhe a casa ou o dono.**

(S17.9) "Não, aí ele [o papagaio] ficou. Aí ele atraiu, não sei por que cargas d'água, quando nos mudamos pra essa casa, então apareceu um outro papagaio. Que é o Sheik. Então os dois viviam assim em gaiolas adjuntas..."

(S04.30) "No enterro de minha vizinha, D.Cida, apareceu uma vira-lata lá. Entrou pelo nosso quintal e apareceu lá em casa."

(S001) "Eu sempre quis ter cachorro, mas meu marido sempre foi contra. Um dia, depois de uma viagem ele [o marido] chegou no biotério da Faculdade e tinha este cachorro enorme, salto, que já havia cativado os enfermeiros. Ele [o cão] viu o Murillo, chegou nele, colocou as patas nos ombros dele e o lambeu, depois seguiu ele por toda parte, por mais que os empregados o chamassem. Aí o Murillo, quando foi de noite, trouxe ele pra casa, abriu a porta dizendo: 'Toma, aí está um cachorro pra você'."

- e) - As "heranças". São os casos de animais assumidos como uma responsabilidade da família e não do dono.

(S13.18) "Minha filha me exigiu um cachorro quando ela fez 14 anos. O cachorrinho ficou comigo. Você sabe que minha filha saiu de casa muito cedo."

(S14.2) "Em geral eu herdo esses bichos... Eu já dei para minha filha, mas eu acabo herdando dela."

- f) - O animal dá cria e a ninhada ou parte dela permanece na casa.

(S20.9) "Eles iam dando cria, ela ficava com pena de dar ou de vender e iam ficando."

(S20.63) "Eu lembro que tinha assim as galinhas

davam cria, os pintinhos morriam, mas naturalmente, né. Eu lembro que eu **chorava**, porque toda vez que nascia pintinho a gente dividia: esse é meu, é meu, esse é seu, **todos** os meus morriam."

(S14.11) "Minha filha tem uma porção [de gatos], porque ela tinha umas fêmeas e as fêmeas foram criando... ."

**g) - O animal é caçado.**

(S08.1) "A cobra é caçada no mato, mas ela fica dentro da casa, ela fica domiciliar."

**h) Posse temporária.**

(S04.26) "Então assim como está, está muito bom, porque ele [o cão Dalton] vem a cada 10,20 dias e eu dou o que posso para ele..."

**i) - Busca de animal em asilo.**

(S22.11) "... Volta e meia a gente vai no 'gatil', que tem do outro lado da cidade. Não sei se você já ouviu falar no 'gatil' da Ponte Pequena? Eu fico apaixonada com aqueles gatinhos de lá!"

(S22.15) "... Eles chegavam assim, sabe, né? Tipo assim, me leva, me leva, me leva. Quando ele [Heinrich] via, ele já tava com três, quatro em baixo do braço. Tudo... dentro do carro. Esses gatos que a gente teve lá em casa (...) vieram do 'gatil'..."

(S22.17) "... A gente chegou a ter cinco de uma vez, lá em casa, eu e o Heinrich."

4.2.2 - Razões para a aquisição de um animal, explícitas ou encobertas. São os argumentos que surgiram dos relatos a favor da aquisição e/ou permanência (posse) do animal.

a) - O adulto providencia ou mantém o animal porque acha que a criança terá afeto, companhia, distração.

(S14.6) "Mas, no geral, os bichos que a gente tinha era por causa da minha filha, que era pequena e a gente achava que devia dar para ela. Para dar um pouco de afeto, de companhia e de distração também."

b) - O adulto providencia animal para ter como desafogar afeto.

(S09.5) "Eu preciso também dedicar o meu afeto a alguém ou a alguma coisa."

(S09.7,8) "Então eu acredito que eu preciso de uma readaptação em termos de sociabilidade, em termos de convívio, talvez por uma própria defesa ou necessidade de eu ter-me tornado muito independente e isso assuste as pessoas, independente entre aspas. É aí que o cachorro vai desafogar afeto, essa necessidade de conviver que eu tenho. Isso eu espero. Acredito que isso vai desequilibrar menos as coisas..."

Se no caso de S09 a razão para desafogar afeto era viver demasiadamente isolada e se sentir vulnerável, outros casos há em que a razão da presença do animal se vincula à ausência de

filhos. Por não poderem ter filhos, por terem perdido um filho, por não gostarem de criar os próprios filhos, S21, S20 e a mãe de S20, respectivamente, adquirem animais.

(S20.5) "Era aquele lance mesmo de substituir filho, os filhos nunca foram criados por ela [a mãe de S20], então ela substituía mesmo."

(S20.6B) "O único bicho que eu tinha relação - eu tinha 16 ano - eu engravidei, e... tava no quinto mês de gravidez, perdi o filho. Pra mim o cachorro [que S20 recolheu num terreno baldio] era meu filho, a minha madrastra era vó, era assim uma coisa de substituição do filho que perdi..."

(S21.1,2,3) "Ela casou, primeiro arrumou um pagão. Ele veio filhotinho, tratava dele como criança... porque ela não tem filhos, ela não pode ter filhos, ela perdeu as esperanças. Aí, de repente arrumou dois cachorros, Cocker Spaniel, também trata como filho."

c) - Compadecimento ou compaixão.

c.1) - Atendimento a animal ferido.

(S14.54) "Um dia desses ela [a esposa de S14] viu um pomba na rua. O pomba estava mancando. Ela achou que algum carro havia atropelado o pomba, e como ela não pode ver um bicho machucado, ela... não quer nem ver a um cachorro morto na estrada... ela fecha os olhos... mas então ela mandou a empregada recolher e cuidar do pomba."

(S20.11) "Ela [a mãe de S20] não podia ver cachorro na rua que ela levava pra casa. Se estava doente, se estava largado, machucado, ela pegava, lavava, cuidava, passava remédio nas feridas, dava leitinho."

**c.2) - Atendimento à necessidade de filhote.**

(S14.25) "Ele foi dado para a minha filha filhote ainda, por um colega dela de escola e era para viver no sítio. Mas como ele era novinho ainda, não sei se porque ele havia perdido a mãe, ele tinha que ser amamentado com mamadeira. Então nós cuidávamos desse bicho."

**c.3) - Revolta contra comércio com bicho.**

(S20.83) "Depois dele eu tive um [cãozinho], Vadinho. Também foi aqui em São Paulo, no Viaduto da Chá, os caras vendendo no Viaduto da Chá. Eu achei um crime o bichinho ali..."

**d) - Necessidade de carinho de cachorro.**

(S13.41) "Daqui a um ano, talvez daqui a alguns meses vou arrumar outro cachorro para mim, porque não posso dispensar o carinho do cachorro."

**e) - Para propiciar companhia.**

(S09.01) "... Porque eu preciso de um ser vivo perto de mim."

(S09.1,3,4,) "Mas de um tempo para cá, eu tenho tentado me relacionar com as pessoas e enfim não é a mesma coisa do que era antes. Agora eu

tenho uma certa dificuldade de relacionamento pessoal no sentido de levar pra casa as pessoas, assim, entendeu? Então um cão realmente vai me dar, ou eu acredito que me dê, por que eu já tive outros cães, ele vai me dar companhia, ele vai me entender, ele vai sempre estar do meu lado, eu sei que os cachorros são assim com a gente."

- f) - Necessitar da compreensão pelo animal, porque há dificuldade de relacionamento com ser humano.

(S09.16) "Porque com as pessoas eu preciso me explicar muito, com raríssimas e honrosas exceções, e os meus animais sempre me entenderam. Essa é uma coisa que o ser humano não tem, por que deve ser uma característica animal mesmo, e que sempre fez parte da minha vida, sempre foi presente. Então eu resolvi assumir essa baderna que vai ser."

- g) - Para agradar a criança.

(S10.2,3) "A Nicole gosta demais de cachorro e acabamos comprando. Nesse dia falei para o Ailton: 'Vamos comprar um cachorrinho para a Nicole?'"

(S14.12) "Ela [a filha de S14] tem uma porção [de gatos] por causa das crianças, porque ela achava que as crianças gostavam de gatos, e gostam mesmo."

(S15.7,8,9) "Então... eu passei a ter cachorro por causa de minha filha, Regina. Regina escutava um latido de cachorro... e a minha esposa

cedeu... e quis comprar o cachorro... e... então nós compramos."

**h) - Efeito terapêutico junto a deficientes.**

(S16.26) "Aí ficou para mim que é um negócio evidente, é tão evidente, que mesmo para quem nunca tenha visto é perceptível, esse processo afetivo que você reconhece no semblante da pessoa, da criança, aquilo, o bicho muda completamente o doente. Então eu já tinha esse problema desse compromisso com a criança, quando pensei em pegar um cachorrinho daquele ou um outro, treinado, ou que a gente pudesse treinar..."

**i) - Evitar sofrimento próprio.**

(S06.12,13,14) "Fui lá... em todo lugar que eu fui deixei cartão. 'Se conseguir uma tartaruguinha ou duas pequenininhas, me liga', aí até eu falei para elas: 'Não é tanto por mim, é por causa da minha filha'. Mas não, é por mim também. Estou apavorada. Quando a senhora trouxe ela... nossa!..."

(S06.22) "Se ela morrer eu vou sentir demais... eu gosto dela, não é?"

**j) - Evitar, alegadamente, sofrimento do animal que ficou só.**

(S06.13,14,17) "... Mas sabe porque? Porque a outra [a tartaruga] fica triste. Ela brinca e tudo mas, eu pensei, essa tartaruga vai morrer, desse jeito. Tristinha, não é? Ela não demonstra tristeza, mas a gente sente que, sazinha, se deixasse, ela não ia..."

l) - Fuga a uma realidade desagradável.

(S14.65) "Sabe esses momentos de crise existencial? Nada dava certo, parecia que as engrenagens estavam trabalhando ao contrário. Eu sinto que o coelho para mim, foi uma válvula de descarga, uma maneira de eu me reaproximar da natureza."

m) - Satisfazer desejo que perdura desde infância.

(S14.7) "Eu sempre quis ter um Pastor Alemão, é uma lembrança de infância, não é?"

n) - Pena de se desfazer do animal.

(S20.9) "Eles iam dando cria, ela ficava com pena de dar ou de vender e iam ficando."

o) - Proteção e segurança em sítio.

(S19.18,19) "Eu cogito de ter um cão de guarda, porque eu preciso de ter um cachorro no sítio... Aqui seria um luxo, uma coisa agradável, mas lá eu preciso, esta é a diferença."

p) - Precisar reassegurar-se para ser mais forte no relacionamento social.

(S09.9) "Eu acho que vou reaprender com este cão a me expressar, a ser mais natural, a ser menos ansiosa, a ser menos preocupada com o que as pessoas estão pensando, por exemplo: não entrar em parafuso porque alguém não gostou de uma reportagem que na verdade eu tive nada a

ver, entende? Não assumir culpas que não são minhas, a não me sentir culpada."

q) - Ter coisa viva, vida, em casa.

(S16.28) "Estou pensando também em ter uma criação, que seja do que for, mas que tenha vida, é planta, é animal e... eles então passam a ter um sentido diferente."

(S17.10) "Bom, daí então, sempre por uma necessidade, não sei qual, de ter coisa viva em casa, a Bia, à medida que ela foi fazendo Biologia, então ela sempre foi muito ligada em bicho, também foi trazendo bicho."

r) - Fazer companhia a outro animal pré-existente na casa.

(S10.8 e 9) "Ai nos compramos a branquinha, e a Nicole deu-lhe o nome de 'Boneca', dizendo que parecia uma boneca, e ficou com o nome de 'Boneca'. No fim da semana viemos buscar essa outra que demos o nome de 'Mocinha', e ficamos com as duas em casa. Uma fazia companhia à outra e elas brincam sempre e..."

(S12.11,12) "Ele [o primeiro cão da raça Doberman de S12] foi muito mimado. Quando ele ficava sozinho ele chorava. Na época, eu ia em obra, ele ia no carro comigo. Isso acabou quando arrumei a fêmea - já adulta - aí acabou, porque os dois se deram bem... um é companhia para o outro..."

s) - Promover status.

(S15.13) "Ter a Kelly não era um caso de segurança. Era um caso mais de satisfazer um ego, não é? O seu ego fica muito mais valorizado porque você está com um tremendo cachorrão na rua."

t) - Substituição de animal querido.

(S13.36,37) "Mas ele [o marido de S13] está com vontade de botar outro cachorro, um vira-lata... Ah, nós tínhamos um vira-lata, que era divino, maravilhoso, que deixaram o portão aberto e ele fugiu. Nunca mais achamos ele. Eu estou cada vez com muitas saudades dele..."

(S11.40) "... mas agora que os anos se passaram, estou com uma saudade da Cocker Spaniel."

u) - Querer continuar a observar o animal de pesquisas em casa.

(S17.24) "Aquilo [ter escolhido peixe Espada, que é um peixe vivíparo] já vem desde o início, do tempo da "Água Branca". Eu comecei com Lebis-tes, porque eles têm um tempo de gestação curta, então você pode fazer uma seleção tremenda, né! Então a primeira vez que tive Lebis-tes, eu tinha aí mil e quinhentas idéias, garrafas, potes, etc., pra ver o que que dava, que tipo de seleção você podia fazer, você está entendendo?"

v) - Usar o animal como instrumento pedagógico.

(S02.4,5) "... me propus a tratar do peixe, né?... mesmo por que eu achava que era assim

mais a nível de mostrar para criança que a gente... principalmente peixe, animal doméstico, a gente pode ter um relacionamento. Era mais a título de dar um exemplo, mas se fosse para mim sair, comprar um peixe, eu não faria isso."

#### 4.2.3 - Crítérios de escolha.

##### a) - Amor à primeira vista.

(S10.5) "Ai nós descemos e, antes de chegar perto das gaiolas dos cachorrinhos, ela falou assim: 'Eu quero aquele branquinho'. Ai o pai falou: 'Precisamos ver primeiro se ele está também à venda, não é?'..."

(S10.6) "Quando chegamos lá a moça colocou todos os cachorrinhos no chão, para que ela escolhesse o cachorrinho. E logo que ela viu o branquinho, ela disse: 'é esse!...' e ele veio e subiu no pé da Nicole. Ai a Nicole falou: ... 'Mas eu quero é ela porque, ela também me escolheu e eu vou ficar com ela mesmo'..."

##### b) - Razões de recato sexual.

(S15.10,11,12) "é... nós compramos uma cadela, exatamente, por causa de problema de cio... A cadela não tem aquele instinto mais animalesco, quando tem necessidade de contato sexual, não é? A cadela já não avança tanto, ela fica no canto dela... fica esperando no canto dela, e já o cachorro, não... é mais ignorantão."

##### c) - Poder usar como objeto de adereço como visto fazer com um cachorro mostrado na televisão.

(S11.2,3) [diálogo entre S11 e sua filha] S11:  
 "(...) 'Então... Você não pode ter dois cachor-  
 ros, só pode ter um.' D: - 'Tá bom... Então...  
 você arranja um branco.' S11: - Acho que ela  
 não soube continuar respondendo, acho que ela  
 não tinha argumento... suficiente para conti-  
 nuar respondendo... D: - 'Então... você arruma  
 um branco, mas cachorra, pai.' S11: - 'Por que?  
 Não pode ser cachorro?' D: - 'Não. Tem que ser  
 cachorra... pra mim batar uma fita...' S11: -  
 'Mas cachorro também se bota fita (...)' S11: -  
 'Aí passou. Mais tarde, conversando com minha  
 mulher, ela disse que a Daniela viu na televi-  
 são um Poodle branco, numa novela... Não sei o  
 que que é... com duas fitinhas rosa. Foi aí que  
 descobri qual foi a intenção dela de ter o ca-  
 chorro...'"

- d) - Manutenção de um aquário para fins de lazer. Os crité-  
 rios que se seguem são, no dizer de S17, de caráter téc-  
 nico, referindo-se a parâmetros que devem ser levados em  
 conta na aquisição de peixes, para que se consiga um  
 certo equilíbrio populacional. Isto é, como são peixes  
 de espécies diferentes, sempre há o risco de brigas, e,  
 como os aquários de S17 são pequenos, há uma certa pre-  
 ferência por peixes pequenos, porém de cores brilhantes  
 ou contrastantes.

(S17.22,23) "Ham, digamos, o tamanho do bicho  
 que pode ser colocado aqui?... a quantidade que  
 pode ser colocada, não sei, no sentido de você  
 não ter assim um desequilíbrio de população...  
 Por que esses Molinésias pretas? Porque eles  
 podiam, digamos, conviver pacificamente com os  
 Paulistinhas, entende? (... ) Os dois Espadas

*eram porque cabiam no aquário."*

**e) - Escolha de animais para pesquisa (peixes).**

*(S17.24) "Eu comecei com Lebistes [espécie de peixe ovovivipara] porque eles têm um tempo de gestação curta, então você pode fazer uma seleção tremenda, né?"*

**f) - Pertencer a determinada raça ou espécie.** Há donos que parecem se sentir mais confortáveis possuindo sempre um animal da mesma espécie e raça. A família de S19 se "especializou" em Bassets e, mais curioso ainda, todos os animais recebiam o mesmo nome. Já a mãe de S20, embora preferindo sempre Pequinês, os individualiza através do nome.

*(S19.10) "É, mas em solteira e em recém-casada, ela [a irmã de S19] teve Bassets, sim, todos chamados 'August'..."*

*(S20.10) "Cachorros ela [a mãe de S20] sempre teve... No início era só o Totó, bicho de estimação, a gente adorava ele, mas ele morreu, alias ele teve que ser sacrificado... aí ela foi adquirindo outros Pequinês, sempre Pequinês..."*

*(S15.5) "Eu sempre me dei bem com cachorros, não com gatos."*

#### 4.2.4 - Uma reflexão sobre o momento da aquisição.

De 38 referências a modalidades de aquisição, 13 (37.14%) se referem à compra de animais (S06, S09, S10, S11, S12, S13, S15, S16, S17, S18, S19, S20). A compra, como as demais modalidades, não constitui uma categoria exclusiva. A pessoa, desde que esteja disposta a ter o animal, apela para esta modalidade, mas pode entrar na posse do animal por outras maneiras também.

As modalidades da aquisição podem ser submetidas a um outro tipo de análise: se ela foi ativa ou passiva, visto que há diferença no relacionamento dos que vão ao encontro do animal e dos que tiveram o animal encaminhado à sua posse por outros.

Encontra-se a possibilidade de o sujeito exercer mais ponderação, mais livre arbítrio, na compra. Em grau menor há liberdade de escolha quando a pessoa vai buscar um animal no asilo da prefeitura, como o fazem S22 e o companheiro. A pessoa de antemão determina:

##### a) - espécie do animal:

(S15.5) "Eu sempre me dei bem com cachorros, não com gatos."

##### b) - raça do animal:

(S19.10) "E (...) ela [a irmã de S19] teve vários Bassets sim, todos chamados 'August'..."

##### c) - sexo do animal:

(S15.10,11,12) "É ... nós compramos uma cadela,

*exatamente, por causa de problema de cio... A cadela não tem aquele instinto mais animalesco, quando tem necessidade de contato sexual, não é? A cadela já não avança tanto, ela fica no canto dela... fica esperando no canto dela, e já o cachorro, não... é mais "ignorantão".*

Há sujeitos (S19 e S20) que, para não terem o problema da escolha da raça do animal, adquirem animais de uma raça única. A família de S19 sempre teve Bassets, a mãe de S20 ao longo do anos possuía apenas Pequineses.

Há que se considerar que, muito embora haja uma pré-determinação para a escolha, no momento em que se está na presença do animal ou de vários animais outros aspectos podem interferir na decisão final. Entra o "fator amor à primeira vista":

*(S10.6) "Ai a Nicole falou: 'Ah... mas eu quero ela porque ela também me escolheu e eu vou ficar com ela mesmo'..."*

Para dois dos meus sujeitos o valor pago pelo animal foi importante: para S13 parece ter sido uma questão de status:

*(S13.35) "(...) nós compramos outra vez um Pastor Belga misturado com Alemão, eu acho. Que não tem pedigree, mas é puro, lindíssimo, de uma ninhada maravilhosa, nunca compramos um cachorro tão caro."*

Enquanto que para S20 o sentimento de pena prevaleceu.

*(S20.83) "(...) foi aqui em São Paulo, Viaduto do Chá, os caras vendendo... Eu achei um crime o bichinho ali, eu sei que peguei, dei cem cruzados, na época era cem mil cruzeiros, dei pra*

*ele e levei.*

Um caso *sui generis* é a caça e captura de um animal vivo. Este animal, como, no caso, a jibóia, se adapta facilmente à habitação humana e exerce a função de caçar pequenos roedores. Outros animais são caçados sem que haja uma finalidade utilitária específica.

Se a atitude do ser humano na compra é ativa, em alguns casos consciente das consequências e das responsabilidades, já a expectativa que a preside nem sempre corresponde à realidade.

Consideremos agora outras modalidades de introdução de um animal numa casa, que não a compra. Consideremos a situação em que o dono ganha o animal ou por doação (22,85%) ou por "herança" (8,57%). Se de um lado ganhar um animal representa a satisfação de um desejo (S11,S14), verificam-se no entanto situações de constrangimento (S13,S14), ou ocorrem ponderações íntimas que a pessoa, principalmente quando gosta de bicho, faz, que é a do destino que o animal teria se não fosse albergado.

Em outras situações, despertada por sentimentos humanitários, a pessoa recolhe um animal porque se trata de:

**a) - filhote abandonado:**

(520.69) "(...) E havia um filhotinho de cachorro, filhotinho pequenininho na meio da lixa, comendo lixa, procurando alguma comida e tal. Fiquei com pena. E peguei aquele cachorro e falei: 'Vamos levar pra casa, né?'..."

**b) - animal ferido:**

(S14.54) "Um dia desses... ela viu um pomba na

rua. O pombo estava mancando. Ela achou que algum carro havia atropelado o pombo... e como ela não pode ver um bicho machucado, ela... não quer nem ver a um cachorro morto na estrada... ela fecha os olhos... Mas, então, ela mandou a empregada recolher e cuidar do pombo. O pombo hoje está aí no viveiro... não posso soltá-lo..."

c) - revolta contra comércio inadequado de animais:

(S20.83) "(...) Eu achei um crime o bichinho ali, eu sei que peguei dei cem cruzados (...)"

Este recolhimento, apesar de ter todas as características de um ato voluntário, nem sempre resulta em posse permanente. O animal pode causar problemas para o dono, obrigando-o a desfazer-se do mesmo:

(S20.85) "(...) E o bicho foi crescendo, crescendo, numa área de serviço de um metro quadrado. Acha nenhum metro quadrado tem a minha área. E eu criei o bicho ali. (S20.86) Ele ficou tão enorme, tão imenso e aí eu tive que dar, também."

Muitas pessoas recolhem e tratam animais feridos ou necessitados com o firme propósito de se desfazerem deles quando estiverem sadios.

Aceitar um animal que escolheu a casa (S17.20) ou ficar com a fêmea adulta e sua cria são formas particulares de entrar na posse de um animal onde o dono opta por uma atitude de absoluta aquiescência (S04.31; S14.11). Esta atitude resulta geralmente num número exagerado de animais na casa (S20.04). Quando o número de animais se torna muito grande alguns donos

(S14.12) e (S22) começam "a operar essas fêmeas."

### 4.3 - O MOMENTO DOS CUIDADOS.

Este momento, iniciado quando da tomada de posse do animal, apresenta uma subdivisão em cuidados ou rotinas prioritárias - isto é - os comportamentos manifestados pelo ser humano que visam propiciar ao animal as condições necessárias de sobrevivência e as rotinas opcionais, cuidados não indispensáveis, não invariantes, mas de aparecimento em apenas alguns casos.

#### 4.3.1 - Inicia-se com o dar-se conta das necessidades do animal. Quem faz esta reflexão necessariamente não é a mesma pessoa que levou o animal para a casa.

(S02.9) "Então vamos cuidar um pouco do peixe (...) vamos cuidar do peixe, porque ele [o filho] ganhou... tal..."

(S02.8) "Então sabe? eu não tinha nem lugar para colocar o peixe. Minha mãe tinha um aquário de bola, de vidro e ela me deu o aquário...Pusemos o peixe lá... Tinha umas algas ainda no saquinho, e o peixe ficou lá, e ele não tinha comida de peixe, nada..."

(S02.11) "Então eu vi que eu ia comprar comida para o peixe..."

- Os comportamentos apresentados pelo(s) integrante(s) da família, depois que o animal adentrou a casa, compreendem: cuidados prioritários referentes a alimentação e acomodação, designação de um local definitivo de permanência, o dar-de-comer, os vários tipos de higiene. Desde o momento da entrada do animal na casa fica claro que necessariamente não é a pessoa que trouxe o animal que se encarregará dos cuidados prioritários. O comentário de S18 a respeito da manutenção de car-

chorros na casa de sua sogra, trazidos pelos filhos adultos, é bastante claro.

(S18.53,54) "Os dois [filhos adultos] são solteiros. Mantêm os cães em casa, vão namorar, vão trabalhar, vão estudar e a minha sogra é que tem que dar alimentação pra eles... limpar. Então é um encargo que arrumaram pra minha sogra."

Neste caso ficasse sem saber se, além de serem encargo, os animais contam com alguma simpatia por parte dessa pessoa. S19, neste ponto, é explícito:

(S19.6) "A única pessoa que não era muito cinófila era minha mãe. Em compensação era a única que tratava dele [do cachorro]."

Quando o animal foi dado à criança tem-se como regra geral que o adulto presta alguma ou total ajuda na manutenção do animal, apesar de que talvez fosse desejável que a criança assumisse a responsabilidade e, ao lidar com o animal, aprendesse a lidar com a vida, com doença e, por que não, até com a morte, como o fez S11:

(S11.9,10,11) "Eu estava querendo passar para ela [a filha de S11] que eu cuidei do cachorro [aos 12 anos], durante o tempo que ele ficou doente (...). Não tinha dinheiro para levar no veterinário, não tinha dinheiro para pagar taxi, não tinha nada, mas eu consegui, tinha que me virar, pegar ônibus. Consegui um veterinário que não me cobrasse nada (...) tinha um vizinho que trabalhava em laboratório farmacêutico e me arranjava os medicamentos sem eu pagar, e acabei cuidando do cachorro. E eu estava contando

isso pra ela, da amizade que ele tinha comigo, o tempo todo que ele ficou, tinha 15 anos que ele ficou, que eu tinha medo deste momento de perdê-lo".

#### 4.3.2 - Cuidados prioritários referentes a alimentação e acomodação.

Esses cuidados não obedecem a ordem temporal exata, podendo ocorrer de o animal ser primeiro acomodado e só depois receber comida ou o contrário. As variações na maneira de alimentar e de acomodar dependem da espécie animal, do estado do animal e das provisões e acomodações que por ventura o dono tenha em casa. Assim, no relato de S02, quando se trata de um peixe dentro de um saquinho de plástico, presumivelmente já há algum tempo nesta acomodação inadequada, a primeira reação da pessoa é procurar algo mais conveniente. Recorre à sua mãe para lhe emprestar um aquário, inadequado no seu pensar, e que ela substitui mais tarde.

(S02.8) "... Minha mãe tinha um aquário de bola de vidro, ela me deu o aquário. Pusemos o peixe lá, tinha umas algas no saquinho, e o peixe ficou lá, e ele tinha comida de peixe, nada."

(S02.11) "... Fui numa loja, comprei ração para o peixe, tinha umas algas lá e um aquário mediano. Inclusive aquele aquário para um peixe só estava enorme. Tudo bem. Ai coloquei num móvel."

##### a) Cuidados que lembram comportamentos maternos.

Quando o animal é filhote, algo na sua condição incita o(s) dono(s) a exibir(em) comportamentos que visam substituir os cuidados maternos de que o animalzinho carece.

(S20.12) "Eu lembro uma vez tinha um filhotinho que ela [a mãe de S20] na rua, ela dava mamadeira, como se fosse um bebê, sabe, pegar no colo. Tinha uma luz, um 'abat-jour', uma luminária, ela colocava cobertor na caixa de madeira, e ela deixava esta luz acesa em cima do cachorrinho."

(S20.13) "Ela fazia a mesma coisa com pintinho. Fazia tipo de uma estufa. Ela dizia que aquilo era estufa, que era pro bicho ficar aquecido..."

(S14.25) "Esse é o Blitz. Ele foi dado para a minha filha filhote ainda, por um colega dela de escola, e era para viver no sítio. Mas como ele era novinho ainda, não sei se porque ele havia perdido a mãe, ele tinha que ser amamentado com mamadeira. Então nós cuidávamos desse bicho... não, com a mamadeira não, eu acho que a gente dava o leite normalmente, ele já tomava o leite."

**b) - Designação de um local definitivo de permanência e de dormida.**

São os limites impostos ao animal para sua movimentação durante o dia, a designação de um lugar para comer e para dormir. Percebe-se que, à medida que o animal cresce, lhe é designado um lugar definitivo diferente daquele onde recebeu os primeiros cuidados ou onde ficou enquanto era muito pequeno.

(S10.23) "Porque, sabe, é uma família assim, por exemplo: Eu não deixo as duas entrarem em casa. Eu não gosto de cachorro dentro de casa."

Elas ficam no quintal, elas têm a casinha delas."

(S10.65) "Não, eu abro a porta e elas [as cadelas] entram até a cozinha... elas não vão da cozinha para dentro, não..."

(S20.47) "Ele achava que cachorros serviam só como vigia da casa. Então tinha o Totó que ficava preso o dia inteiro e a noite ele soltava para vigiar a casa, para espantar, né? Era um vira-lata, não ia fazer mal a ninguém, só para latir e avisar, né?"

(S13.32) "A gente tinha resolvido que este cachorro não ia entrar dentro de casa..."

(S20.27,28) "[eles dormiam] - No quintal, mas durante o dia as portas ficavam abertas, eles entravam, saíam... os quinze. Eles tinham acesso à casa. À noite era uma agonia pra por tudo pra fora e poder dormir."

(S14.19) "... e tinha o costume também de deitar na nossa cama. Ele [o gato] puxava a colcha e se deitava por baixo não sei como. E ficava ali feito um travesseiro por baixo da colcha principalmente nos dias de frio."

c) - O dar-de-comer.

Alimentar o animal, dependendo da pessoa que o faz, é sentido como um prazer ou como um encargo.

(S06.33) "Me disseram que tem uma folha de alface japonesa que era muito bom, porque eu não

estava encontrando aquela planta que fica em cima da água. Então eu mandei buscar na feira, foi buscar."

(S06.34) "Ai eu perguntei para a pequenininha, depois que a folha foi colocada, ela estava longe da folha: 'Você já experimentou se é bom, não comeu nada, experimenta! Vai, sobe na folha, vai, vê se é boa essa folha, se não é'..."

(S06.31) "...Então eu olho no aquário e vejo que não tem comida ou tem pouquinho, então eu vou e pego camarão... ponho lá e ela come."

(S14.20) "A gente se acostumou com a figura desse gato, com a companhia dele, tratar dele, tinha a hora da comida dele, a sardinha dele eu que colocava."

(S02.12) "Então todo dia ele vinha olhar o peixe, dava comida para o peixe."

As vezes, o animal recebe comida melhor que a do ser humano, fato esse que causa revolta.

(S20.32,33) "E ela tinha leite em pó pra dar pros cachorros e eu comia o leite em pó e não dava pros cachorros..."

(S20.41) "Eu ficava com raiva da araponga porque eu queria banana e ele [o padrasto] não me dava banana, dava pra araponga. (...) Eu lembro o dia que eu queria banana pra levar pra merenda da escola e não tinha e eu queria pegar dos passaros, ele não deixou, que era pra araponga."

(S20.20,21) "Ela [a mãe de S20] chegava, (...) trazia carne especial pros bichos ... e... meu cunhado ficava louco da vida com isso! (...) E ela trazia carne, carne mesmo. Não pensa que era carne de segunda, bofe - era figado, carne, ela mesmo aí fazia o picadinho, misturava o arroz ali e dava."

Vê-se que dar de comer, para quem não tem vínculo com o animal é sentido apenas como uma obrigação.

(S20.59) "E saía eu e meu irmão, o meu padrasto fez, pegou uma lata de 5 quilos, pos um pau no meio da lata, pregou e a gente saía com aquela lata, ia de porta em porta, quer dizer o pessoal já sabia, guardava todas as restos de alimentos, e no dia seguinte a gente passava e recolhia e era a lavagem pro porco. E era uma maneira danada, fedia. Eu sei que meu padrasto misturava com não sei o quê e dava pro porco comer aquela lavagem."

(S20.36) "Mas tinha que dar comida, tinha que dar o almoço deles e ela chegava tarde. Aliás, essa época ela tava dormindo no emprego - é, à noite eu saía já deixava janta pra eles, leite, trocava água porque o calor que tava tinha que trocar água toda hora, colocar na tijela pra eles."

d) - Os vários tipos de higiene.

(S07.2) "Então eu estava explicando como é que eu fazia para pegar um lenço de papel e limpar o bumbum da saúva. Então isso daí é um negócio

assim, tão, né?..."

(S02.16) "Eu trocava água todo dia..."

(S15.14) "... você escova, penteia..."

(S05.17) "E eu falei, eu tinha que dar banho nos outros dois, porque tenho mais três, fora ela, né?"

(S02.36) "E eu não sei, se quando era criança eu não via este negócio de limpar cocô... porque tinha um quintal enorme e eles faziam no quintal, né?... e não tinha aquela história de ficar limpando como vejo hoje em dia, sabe? Então, sabe?... fica um negócio pra mim, que eu não aceito muito este negócio de ficar limpando cocô de cachorro."

(S06.40) "... quando eu vou limpar o aquário, então eu coloco um balde com as pedras grandes. Lavo e deixo dentro da água para desinfetar bem, não é? Mas não uso desinfetante nenhum, só água. As pequenas, noutro. E numa vasilha, de medo dela se apavorar, ela pular, eu já ponho uma vasilha mais funda, e deixo ela ali com uma folhazinha brincando. Ai depois que está tudo pronto, que eu já arrumei as pedras e tudo, ai é que pego nela e ponho ela ali com planta nova..."

(S13.24) "... porque eu não posso mais viver com este nojo na rua, e ela está ajudando de fazer xixi e cocô na rua. Mais uma que suja a rua. Eu levantava, botava num saquinho o cocô dela..."

e) - os cuidados já transformados em rotina.

(S20.02) "Então, ele [o padrasto de S20, vidrado em passarinho, dono de 40 gaiolas de passarinhos] trabalhava à noite dando plantão. Ele era policial. Quando ele chegava em casa a primeira coisa que ele fazia era cuidar de todos os bichos. Cuidava, depois ele almoçava e dormia."

#### 4.3.2 - Eventos ou cuidados opcionais.

##### a) - Dar nome.

Parece que dar nome é afirmar a individualidade de um ser ou de um objeto. O nome do animal geralmente vai além das exigências impostas pela raça e aspecto externo e se materializa nalgum signo que relaciona o animal e a pessoa de uma maneira peculiar.

(S02.14) "Depois até nós acabamos de chamar ela 'peixa'..."

(S10.08) "Aí nós compramos a branquinha, e a Nicole deu-lhe o nome de Boneca, dizendo que ela parecia uma boneca, e ficou com o nome de Boneca. No fim da semana viemos buscar essa outra que demos o nome de Mocinha".

(S08.9) "Tenho, um canário".

E.: Tem nome?

(S08.10) "Não. Tenho só um macho, porque eu ia arranjar uma fêmea para criar."

(S20.08) "... eu chamava ela de Papita, porque ela, sabe na embalagem da ração tem um cachorro que era a cara dela."

(S20.73) "... a minha irmã pôs o nome nele de Micki, por causa do Mike Jaegger, que era músico dos Rolling Stone e ficou o cachorro, Micki tal."

(S22.86) "(...) Foi esse o tal de Wely. Eu tirei esse nome de um livro. Achei tão lindo esse nome."

Além dos excertos acima, oriundos das entrevistas, gostaria de apresentar uma lista, pequena, compilada a partir de minha vivência e de fichas de clientes de outra clínica veterinária (R.A), para elucidar a plasticidade existente no apelidar o animal. São nomes ou sobrenomes humanos, apelidos, títulos, cores, eventos, lugares, atividades e objetos. Há os que dão nome de uma pessoa, de um evento ou de alguma coisa que pareça importante. Há os nomes mais tradicionais de animais como "Neguinha", "Bolinha", "Totó" e nomes de animais que aparecem nos "mídia" como: "Lassie", "Laika", "Snoopy", "Bambi", etc.

As justificativas, as explicações, às vezes curtas e óbvias, outras vezes mais complexas, retratam a necessidade que tem o ser humano de identificar o animal como algo peculiar em sua vida.

NOME

JUSTIFICATIVA

Piolim	- Cão de jogador de futebol.
Horacio	- Rato branco.
Tancredo	- Jaguarundi, estava todo desestruturado, tinha raquitismo, morreu de diarreia.
Steve Wonder e Ray Charles	- Dois São Bernardos cegos.
Toulouse	- Gato pintado.
Bruna-Puppi	- Nome duplo porque filho e mãe não conseguiram concordar.

- Beethoven - Cão surdo.
- Amadeos - Gato, no momento estava passando filme com esse nome.
- Boquinha - Gato atropelado, com fratura de mandíbula.
- Mafalda - Gato siamês, autista no dizer da dona.
- Chester - Cão Cocker, porque era forte e precoce.
- Mitsu - Cão Pequines.
- Ming - Cão Chow-Chow preto.
- Carne viva - Peixe transparente, cor de rosa (Guarami-beijador).
- Maluf - Periquito.
- Parafuseta - Galinha com problema de pescoço.
- Lip e Hardy - Dois gatos otimistas, sempre esperando comida.
- Daisy - Nome que estava no pedigree.
- Fusca - Basset pequeno. O próximo cão na mesma família, de tamanho maior, foi chamado de "Jeep".

- Freud - Cocker Spaniel de irmã de psiquiatra.
- Piaget - O vira-lata do Instituto de Psicologia da USP.
- Agatha e Christie - Duas gatas persas. A dona é ávida leitora de romances policiais.
- Sunny - Basset de temperamento alegre.
- Jumpy - Beagle que pulava em todo mundo.
- Oscar - Gato com a cara do zelador do prédio.
- Maggie - Cadela da raça Policial belga que iria pôr ordem na casa (de Margareth Thatcher).
- Einstein - Geralmente o rato mais inteligente da turma de alunos de Psicologia Experimental.

Estes nomes parecem indicar que há alguma especificidade, alguma associação específica.

Os animais de zoológico, assim como animais domésticos, quando são criados individualmente recebem nomes. Veja-se o afamado "Cacareco". O dar-nome implica que o animal terá um tratamento especial e que características individuais serão achadas como existentes.

O dar um nome implica em modificações que se operam a nível da pessoa que denomina o animal. A pessoa individualiza e assume o animal. Tem-se notado que quando há vários animais da mesma espécie, de difícil diferenciação, estes não recebem nome. Por exemplo, os periquitos de S17, os coelhos de S14, seriam, quando necessário, numerados.

**b) - Brincar com o animal.**

(S02.34) "... Brincava, exato, do lado de fora, nunca dentro de casa..."

(S10.29) "... Era a Boneca que jogava bola. Jogava bola com o meu marido e a Nicole. Jogavam a bola e ela pegava e jogava para um, pegava a bola no ar, escondia a bola..."

**c) - Fazer ou comprar roupas especiais.**

(S10.24) "... A senhora sabe, quando elas eram pequenas eu cheguei a fazer, eu mesma a fazer um saco de dormir para elas. Não sei se a senhora se lembra... que elas entravam no saco de dormir. A senhora se recorda!... ela [a cadela Boneca] destruiu esse saco de dormir, porque quando ela percebeu que tinha um zíper embaixo, ela abriu e rasgou toda a espuma..."

(S10.25) "... A Nicole, na época do frio, como elas têm pelo muito curto... fez em crochet uma roupinha para cada uma, bonitinha, toda diferente; mas a Boneca esraçalhou a dela, e até hoje não deixa ficar nada em cima do corpo..."

**d) - Ir ver os animais ao chegar a casa.**

(S10.65) "... A primeira coisa que a gente faz quando nós chegamos é ir ver como elas estão... isso é invariável... seja a hora que for... o dia que for... por mais cansadas que possamos estar, a gente vai conversar com elas, não é?..."

(S10.66) "... Então a gente chega e abre a porta da cozinha, elas vêm, cumprimentam..."

e) - Cuidados veterinários.

(S11.9) "... Eu estava querendo passar para ela que eu cuidei do cachorro, durante o tempo que ele ficou doente. Um mês depois que eu peguei ele, ele ficou com uma pneumonia e eu fiz aquilo tudo. Não tinha dinheiro para levar no veterinário, não tinha dinheiro para pagar taxi, não tinha nada, mas eu consegui, tinha que me virar, pegar ônibus. Consegui um veterinário que não me cobrasse nada, para poder tratar o cachorro. Depois o problema com medicamentos, eu tinha um vizinho que trabalhava num laboratório farmacêutico e me arranjava os medicamentos sem eu pagar, e acabei cuidando do cachorro..."

(S10.45) "... Elas ficam comportadas para tomar injeção. Elas não fazem arte, não é? Quando elas eram pequenininhas e começaram a trocar os dentes, a senhora se recorda que nós falávamos, que elas tomavam o cálcio na colher, delicadamente na colher...cada uma com sua colher..."

(S18.50) "... No fim-de-semana, o meu cunhado vai levar... leva no veterinário, né?"

- f) - Levar o animal para fazer suas necessidades fisiológicas.

(S13.23) "... Você sabe, eu moro numa cidade grande, grandíssima, onde eu tenho que passear com a cachorra. Também a única que descia com o cachorro. Ninguém me ajudava, e eu tinha que descer 4 vezes por dia, ou duas, tres por dia, porque ela não aprendeu a fazer no lugar em casa..."

- g) - Dar treinamento especial ao animal.

(S12.29) "(...) o Erminio fez questão de adestrar o cão. Segurei o máximo que pude, que quando ele tinha nove meses ele já me telefonava: 'Como é, você vai ou não vai me arrumar um adestrador?' Parece que ele botou ele no adestramento com um ano e meio... ficou lá no Abelardo em Salesópolis. O Abelardo tem ônibus. Cada quinze dias ele vem com os cachorros e deixa passar o fim de semana na casa dos donos (...)"

(S13.33) "... Chamei um professor que fazia coisas com o cachorro estranhíssimas..."

- h) - Fotografar o animal.

(S20.87) "Mas até hoje eu vejo as fotos dele, eu chooara."

(S22.78) "A gente tem posterzinho dos gatinhos lá em casa, né? Não de todos porque sai muito caro. Só de três deu pra fazer."

#### 4.4 - COMUNICAÇÃO E COMPORTAMENTO EXPRESSIVO.

Durante a convivência com o animal de estimação, nota-se que pode surgir a necessidade de o dono se comunicar com o animal, transmitir-lhe seus mandos, seus desejos, seus sentimentos. Foi possível arrolar algumas modalidades da comunicação do ser humano dirigida ao animal e instâncias em que os entrevistados apontavam os recursos comunicativos dos animais postos em função da comunicação com os seus donos.

##### 4.4.1 - Comunicação do dono com o animal.

As maneiras de as pessoas conversarem com os animais são variadas, podendo ir desde uma fala infantil, como se fosse falar com um bebê, até a fala normal de adulto para adulto. O que emerge dos relatos é que os animais "entendem coisas que falamos e que... não conseguimos entender o que eles falam para nós (S10.11,12)."

a) - Uso da voz que normalmente se vê empregada quando o adulto se dirige a uma criancinha.

(S04.27) [num momento de colocação de remédio nos ouvidos de um cão] 'Agora é o outro. Agora é o outro. Agora é o da pintinha preta. Eu marquei que é o da pintinha preta. Vamos começar, sem beijos, novamente, tudo de novo. Judiação!'..."

(S14.48) "- Bem... eu estava falando sobre o gato... Minha mulher tratava esse gato como a um filho. Então ela usava uma voz mais infantil para falar com o gato... e para falar com os cães, também ela usava essa voz."

- b) - Uso do "faz de conta" ou transformação lúdica na comunicação de afeto. Fingimento de agressão como forma de mostrar afeto.

(S14.49) "Não sei se você sabe mas, eu tenho essa percepção, de que muito do comportamento afetivo... se faz numa expressão assim... 'o que é não é'. Você faz uma aparente agressão que não é agressão. Por exemplo: ela xingava o gato assim: 'Oh! seu pata palicha...' era um mandar o gato à 'ponte que partiu'... alterando de tal maneira que aquilo era um carinho feito para ele... Então ela xingava o gato mas xingava com voz afetiva... E isso eu achava gozado nela... Como ela faz também com os netos. Aparentemente ela está agredindo em alguma coisa, mas a voz é de agrado..."

Este tipo de fala é referido também por S12 no convívio com seus cães Doberman.

(S12.6) "(...) você é bonita, gorda, sem vergonha, gosta muito de você..."

- c) - Uso com o animal da mesma linguagem usada para comunicação com pessoas.

(S06.34) "Aí eu perguntei para a pequenininha [uma tartaruginha d' água], depois que a folha foi colocada, ela estava longe da folha: - 'Você já experimentou se é bom, não comeu nada, experimenta! Vai, sobe na folha, vai, vê se é boa essa folha, se não é'..."

Este tipo de linguagem é de uso corrente quando se trata de transmitir alguma informação ao animal.

(S12.5) "(...) "Olha a mãe está chegando; vamos subir assistir televisão, vamos tomar banho, vai fazer xixi (...)"

(S14.92) "Então eu levei num outro veterinário particular - e quando eu estava indo, no caminho - o gato olhou para mim, fez uns ruídos diferentes, esticou as patas... e eu falei: 'O que que é isso... seu!?'..."

(S10.36) "(...) a Mocinha [uma das duas cadelas de S10] reclama e, o que eu falo que entende a gente... é que quando, às vezes, eu fico brava com ela... eu falo com ela como se eu falasse com criança..."

#### 4.4.2 - Comunicação do animal para com o dono.

Os relatos dos entrevistados contêm várias referências ao que os sujeitos interpretam ou percebem como sendo capacidades e recursos comunicativos dos animais, postos em função da comunicação com os seus donos. Os entrevistados freqüentemente crêem entender atitudes ou comportamentos de seu animal como indicativos de desagrado, de desconforto, ou, ainda, julgam que o animal responde com movimentos à sua fala ou gestos.

Por vezes tais referências podem ser mera projeção de características ou pensamentos próprios ao animal. Não se pode ter certeza se revelam ou não reais capacidades de comunicação do animal para com o seu dono, pois que só um longo e contínuo convívio, como o tido pelo dono com seu animal de estimação, capacitaria alguma outra pessoa a julgar essas instâncias.

a) - Os excertos e a classificação que se seguem referem-se às vivências contadas por S6 em relação a uma tartaru-

guinha d'água. Neste caso temos a interpretação, pelo dono, de posturas e movimentos do animal.

- a.1) - O olhar da tartaruginha para o entrevistado é interpretado como revelando fome ou como indicando ausência de comida. Acredito que, quando a filha de S6 fala "olha quem está te olhando", ela se refira a mais que o olhar da tartaruga; deve ser um aproximar-se do animal, um postar-se na direção do pai, um permanecer de cabeça erguida, com os olhos abertos e o pescoço esticado.

(506.31) *"As vezes eu me sento no sofá, a minha filha fala: - 'Olha quem está aqui olhando'. É ela. Então eu olho no aquário e vejo que não tem comida ou tem pouquinho, então eu vou e pego camarão... ponho lá e ela come."*

- a.2) - Movimentação excessiva do animal é interpretada como tentativa de fuga à claridade.

(506.37) *"Essa noite eu estava com as luzes acesas e ela [a tartaruginha] não parava quieta, começou mexer as pernas, eu ouvia aquele barulho de mexer as pernas. Então, eu levantei e falei: - 'O que foi? Por que você está assim?' Coloquei comida, ia sentar de novo e ela, mexendo as pernas. Ai, na terceira vez que ela fez isso, eu disse: 'Eu sei o que você quer. É a luz que está te incomodando, não é?'..."*

- a.3) - Estiramento do pescoço em resposta a um pequeno abalo do aquário é interpretado como um pedido de satisfação.

(506.43) *"As vezes eu passo e balança um pouco*

a água, ela põe a cabecinha como se estivesse me pedindo satisfação, sabe?..."

- a.4) - O sair para fora d'água é interpretado como resposta a uma pergunta sobre o paradeiro do animal.

(S06.38) "Ela conversa comigo, assim, eu falo as coisas e ela parece que entende. As vezes eu falo: 'cadê minha boneca?' E ela está lá no fundo, não é? Nem sei se é macho ou se é fêmea... então... 'cadê a boneca?' Então ela já sai, põe a cabeça e fica se balançando. Olhando e se balançando, põe as duas patinhas e fica assim... fica um tempão."

- b) - S15 interpreta os movimentos das orelhas e o olhar de sua cadela, como segue:

(S15.42) "A posição da orelha, ele te indica, parece uma anteninha, de como ela está. Se ela está assustada com alguma coisa, ela desce ou toda a orelha ou fica bem em pezinha para saber o que está acontecendo. Se ela quer chegar pra você e pedir carinho, ela desce meia orelha. Se ela está meia espalhafatosa, ela inclina um pouco a orelha, fica meio aberta. É uma peninha, ela dá o sinal direitinho. Não com o rabo, tem cachorro que enfia o rabo no meio das pernas, no caso dela não. Ela é com a orelha. No olhar você sabe como é que ela está."

(S12.3,5) "(...) A gente sabe quando ele [o cachorro] quer determinada coisa. A gente diz: "Calma aí, eu sei que você está com fome... espera um pouco (...)"

- c) - Em se tratando de animais que possuem vocalizações, a atribuição de capacidades comunicativas tem como base a decodificação que o dono faz das diferentes emissões sonoras.

(S14.17,18) "Quando ele [o gato] se perdia [no sitio] ele miava diferente; mioou, mioou... a gente voltava, pegava, ele dava uma vocalização de agrado; room, room... qualquer coisa assim... Parecia que ele conversava com a gente. Rondava a gente de manhã... quando a gente passava por ele, tinha uma vocalização diferente. Toda vez que ele passava ou que ele vinha no colo da gente... vinha com a vocalização diferente."

(S10.12) "(...) mas eles [cães] têm linguagem própria, se a gente observar com carinho, eles têm latidos diferentes..."

- d) - Certos sujeitos vêem o animal como dotado de capacidade de decodificar a fala humana, o que permite estabelecer um "diálogo" com o animal.

(S12.4) "Você quer ver, eu acho que eles [os cães Doberman] entendem tudo que eu falo."

(S15.25,26,27) "Depois que ela alcançou a maturidade... quando eu falo com ela, ela sabe quando vai tomar uma bronca ou não. Conforme o tom que eu chamo ela já vem de orelha baixa ou de orelha em pé. Ela chega ao ponto de se esconder quando a barra está suja para o lado dela."

(S06.35,37) "Sabe o que ela [a tartaruginha]

fez? Ela saiu, foi para cima da folha, colocou as duas patinhas em cima da folha e ficou me olhando... incrível, até parece que ela entendeu o que eu falei para ela, se ela tinha gostado da folha. (...) "Então, eu conversei com ela, sabe?"

Fica-se em dúvida, como no diálogo de S10, com as cadelas, abaixo transcrito, se houve humanização do animal por parte do dono ou se estamos na presença de capacidades reais. Para S10 "os animais nos entendem; nós é que não temos o poder de entender os animais: a linguagem que eles querem transmitir as coisas para a gente."

(S10.37,38,39) "Se eu falo que ela fez uma coisa errada... 'Onde já se viu você fazer uma coisa dessa? Ela discute comigo... ela retruca... ela faz: 'Bau! Bau! Bau!' - 'Fica quieta!' - 'Bau!' - 'Fica quieta!' - 'Bau!' - 'Fica quieta, eu já disse. Eu não quero que você me responda!' Ai ela abaixa, põe as duas patinhas e fica me olhando por baixo das alhas, feito criança... Ela discute comigo. E a Mocinha discute mesmo... e às vezes a Nicole fala: 'Eu não quero mais brincar com você agora, agora vou brincar só com a Boneca'. E ela vai e puxa a Nicole... e então ela faz gracinha para a Nicole, e a Nicole diz: 'não fique com ciúme não, eu agora vou brincar com a Boneca'. Ai ela vai de novo ou então ela se coloca no meio..."

(S10.13,14,15) "Parece, inclusive que eles estão raciocinando com aquilo que eles fazem, com o que a gente fala. Mesmo mudando o nome das cachorras, porque uma chama Boneca e a outra Mocinha e... em ocasiões que a gente fala..."

'dê para as duas... pega aquilo para ela... dê para as meninas...' elas sabem que são com elas, porque, por alguma razão, elas percebem que o que a gente está falando é para elas e não para as outras pessoas. Porque se algumas colegas das minhas meninas estiverem em casa e dissermos: 'Chame as meninas!', elas, as cachorras, não vêm, e não sei qual a razão. Elas sabem que é para elas. Então é nesse sentido que eu digo que os animais nos entendem; nós é que não temos o poder de entender os animais; a linguagem que eles querem transmitir as coisas para a gente."

(S10.67) "-- A gente fala: 'Agora as meninas vão para a casinha que nós vamos entrar'. E elas vão!"

Gostaria, neste tópico em que se procura ver a compreensão que o animal tem daquilo que o ser humano fala, de lembrar 3 relatos onde pareceu ao dono que o animal "compreendeu" a fala e o demonstrou por seu comportamento. Refiro-me a dois casos de morte ocorridos após o animal ter tomado conhecimento de alguma mudança radical na vida do dono contados respectivamente por S11 e S04 e a um caso de "fuga", onde parecia que o animal "pressentiu" que ia ser abandonado.

d.1) - O primeiro relato, bastante objetivo, deixa obviamente em aberto se poderia ter havido alguma causa intercorrente depois da ausência da família. No entanto, como seriam explicados os uivos?

(S04.32,33,34) "Uma época, quando eu tinha 9 anos meu pai resolveu vir aqui ao Rio ver os parentes. E minha irmã não quis vir exatamente para não deixar os cachorros. E eu numa conver-

sa, então eu disse os preparativos para a viagem: '... e a gente vai, dia tal e vamos fazer isso, e vamos fazer aquilo, chegamos no Rio, a gente faz isso e aquilo...' e aí, enquanto a gente conversava eles começavam a mudar. Mudavam... mudavam. Então - nunca - não era uma cachorra... de maneira nenhuma. Assim, uns 15 dias, que as conversas se tornaram mais densas em torno do assunto, começaram aqueles uivos... Nós viemos, as duas morreram. Uma morreu um dia, a outra dois dias depois..."

- d.2) - Na primeira vez que me contou da vivência que tinha com um cachorro quando menino, a preocupação de S11 era fazer com que eu lhe explicasse se era possível o cachorro ter decidido morrer no dia em que ele viu que o dono não estava mais precisando tanto dele. No relato ele diz para a filha:

(S11.12) "Morreu sim, mas quando ele morreu faltava um mês e pouco para mim casar com a sua mãe... Então, o papai estava fazendo tantas coisas... montando o apartamento (...) mas então o papai estava perdendo o cachorro, mas a mamãe fez companhia pra ele..."

- d.3) - Este relato, eu o tinha enquadrado inicialmente nos casos de fuga e na verdade se trata de uma fuga, porém há que se ver os antecedentes. Não havia motivo para o animal fugir, ele estava acostumado a sair e voltar, moravam em bairro de pouco movimento de carro, o animal era de grande porte, muito apegado aos donos, dificilmente teria seguido alguma outra pessoa. :

(SC02) "Naquela noite tivemos a última discussão sobre o divórcio. Eu e as crianças iríamos

morar em um apartamento pequeno em Pinheiros, ele, meu marido, também iria alugar um apartamento no centro da cidade. Começamos a debater a questão do que fazer com o cachorro [de tamanho grande] mais apegado a mim do que a qualquer outro membro da família.

Quem ficaria com ele?... onde deixá-lo? Chegamos à conclusão que o melhor lugar seria o sítio dos meus sogros, onde ele já tinha ficado periodicamente.

Ralphy, o cachorro, estava acostumado a dar a sua voltinha sozinho, toda noite, Eu deixava ele sair, ficava trabalhando ou lendo, o portão ficava aberto e ele voltava e pedia para entrar. Finda a conversa, decisões tomadas, deixei o cachorro sair... Só sei que passaram as horas, Ralphy não voltou. Sai no meio da noite, andei, peguei o carro, vasculhei toda redondeza, chamava, buzinava... fiz a mesma coisa de manhã, olhei a estrada, telefonei para carrocinha, os hospitais veterinários mais próximos, perguntei para carteiro, lixeiro, crianças... nada, ninguém viu, não se encontrou o corpo tão pouco ..."

- e) - S10, um dos sujeitos que, como se viu, mais se preocupou com a comunicação entre donos e seus animais, ainda chama a atenção para o fato de que os animais também são capazes de decodificar sentimentos.

(S10.16,17,18,19) "E nós achamos, em casa, que elas entendem o sentimento da gente. Não é uma coisa só de instinto. Percebem quando estamos mais triste ou mais alegre. E, inclusive, quando a gente está mais alegre elas vêm brincar, procuram vários tipos de brincadeiras diferen-

tes, não sabendo o que fazer para a gente... puxam a gente para irmos brincar com elas. Quando a gente está triste elas vêm e ficam quietinhas sentadas perto da gente."

#### 4.4.3. - Comunicação por meio de contato físico entre ser humano e o animal.

De modo geral o tocar-o-animal estabelece algum tipo de comunicação, talvez melhor dito "rapport", entre a pessoa e o animal. Há um dar e receber carinho através do contato físico, muito necessário para o ser humano. O tocar-o-animal é uma das maneiras mais freqüentes de estabelecer contato com o animal. Geralmente o ser humano, em se tratando de animais de porte pequeno ou médio, tem que se abaixar para tocar o animal.

Esta forma de comunicação merece ser mais bem documentada por meio de estudos observacionais.

- a) - **Toque de mãos.** Esta descrição permite perceber este gesto como tendo um sentido comunicativo que é compartilhado pelo animal.

(508.31) "E eu vou do lado das grades, lá, a gente põe a mão assim, até uma distância deste tamanho [mostra na janela do carro abaixada], então ponho o dedo lá e ele [o chimpanzé] toca no dedo e fica assim apertando o dedo. Sempre que eu passo lá, eu ponho a mão no burquinho e ele põe a mão e segura. Só dele segurar ali a gente já se contenta de ter se tocado, de estar com afinidade com o outro. É sempre, viu?"

- b) - **Alisar o animal.** São se refere aqui, a meu ver, a um tipo de comportamento repetitivo de passar a mão no animal

que se torna quase inconsciente. Vê-se isto muito quando o animal está no colo da pessoa ou do lado e a atenção do dono não está centrada no animal. As mãos como que procuram o contato, "alisam" o pêlo do animal, passam-lhe pelas orelhas: o animal por seu turno fica imóvel. Dono e animal parecem constituir uma unidade.

(S16.14) "Mas ela [a sogra de S16, portadora de uma nefropatia] passou assim o tempo toda a estar alisando o gato, e o gato às vezes ficava ali como se esperando ela chegar..."

c) - Com animais de grande porte pode ocorrer o relatado por S14; além do contato físico há contato visual na altura dos olhos do dono [sem que este tenha tido necessidade de se abaixar].

É uma maneira mais efetiva de estabelecer comunicação com o animal, maneira esta que me parece usada muito por crianças, quando se ajoelham para afagar um animal.

(S14.31) "Eu vejo que ele [o cão da raça Pastor Alemão] coloca as patas aqui... no meu ombro e... move a língua, assim... sem me atingir... assim na altura do meu rosto, e eu vejo, assim, dentro dos olhos dele que ele é bastante afetivo. Interessado na gente e... eu acho que você tem razão nesse ponto, sabe? do contato com o bicho. Se a gente pode chegar na altura da cabeça, como o Pastor chega quando ele fica em pé... acho que a gente tem um relacionamento mais afetivo e mais efetivo também."

#### 4.5 - O ROMPIMENTO DO VÍNCULO POR INICIATIVA DO DONO.

Por rompimento do vínculo entendo o término definitivo ou temporário do relacionamento, da convivência com o animal, após período de tempo variável, por iniciativa do(s) dono(s) ou de alguma figura que detém o poder. Enquadram-se aqui os casos de abandono do animal, e os casos de eutanásia de um animal hígido.

A semelhança do que se verificou no tópico "aquisição", na descrição do rompimento do laço se faz necessário estabelecer de um lado as maneiras pelas quais o dono se desfaz do animal e do outro lado as razões ou argumentos que justificaram a decisão de romper o laço.

##### 4.5.1 - Formas ou modalidades de desfazer-se do animal.

###### a) - Dar o animal.

(S20.90) "... Ai, um dia eu conversando com o vigia do prédio, ele falou que morava em Piratuba, que tinha uma casa e que ele aceitava o animal..."

(S20.91) "... Primeiro eu fui lá pra ver onde ele morava, se estava de acordo. Ele tinha uns filhos pequenos, eu falei: 'Bom, criança geralmente gosta de animal, vai cuidar...' e deixei ele lá. Todo dia eu perguntava, agora passa um mês, mas eu pergunto: - 'Uh, seu Antonio... e o Vadinho?' - 'Tá bom, tá ficando velho'..."

(S13.39) "... Mas aquele pretão eu vou dar para alguém, vou achar alguém..."

(S01.1) "O último [bicho] que eu tive (...) minha mãe não tinha paciência... aí ela deu, muito bem dado, mas eu não gostei."

(S14.74,75,76) "Então [o pai de S14] foi até o quintal e disse-me que eu teria que me livrar dela [da tartaruga], que ele não ia admitir o bicho lá. E eu tive que dar a tartaruga..."

b) - Vender o animal.

Nenhum dos sujeitos entrevistados mencionou esta modalidade de se desfazer de um animal, no entanto é uma forma muito frequente, bastando, para verificar isso, perquirir como eu o fiz, as seções de nossos jornais onde filhotes e muitos animais adultos são postos à venda. Os dizeres do anúncio, além de informar sobre o animal, às vezes incluem a razão alegada para a venda. E, noutros casos, a razão é mais ou menos manifesta. Reproduzo a seguir alguns dos anúncios, cujos originais estão no Anexo IV.

VD DOGUE ALEMAO, 14 meses, macho, exc. pedigree, ot. guarda, já em pista. (A1).

VD CAO FILA, 5 meses, ou troco por algo de meu interesse. (A2).

VENDE-SE DOBERMAN, 11 meses oferta Cz\$. .... (A3)

VENDE-SE PASTOR ALEMAO por Cz\$. .... c/4 anos de idade, domesticado. (A4)

VENDO PINCHER 2 anos, caramelo.

(A5)

VD. CACHORRO Husky Siberiano, macho 1 anos, com pedigree, Cz\$....  
aceito proposta motivo espaço.

(A6)

VENDE-SE PASTOR ALEMAO, capa preta, adulto, 2 anos, vacinado, excelente guarda p/firma ou resid. Cz\$ .... facil. 2 vezes, aceito contr. Oferta. (A7)

VD. FILHOTE DE FILA macho, ou troco por Poodle toy c/ bete. (A8)

VDD. 2 PAPAGAIOS falador, Cz\$ .... falando, (A9)

VD PAPAGAIO Filhotão-mansinho-come na mão-ót p/criança-tr-c/H... (A10);

MOTIVO DE MUDANÇA VD. HUSK SIBERIANO. c/ 3 anos, macho, pedigree, Cz\$ ... tr. (A11)

VD BEAGLE = tricolor, macho adulto Cz\$ ... - ou Troco p/cachorro de porte médio - (A12)

CADELAS FILAS Legitimas ótima para reprodução 2 anos e meio vende-se ou troca-se por um fogão semi novo... (A13)

VENDE-SE OU DOA-SE GATO Siames...

(A14)

VENDE-SE GATO SIAMES 3 meses, ou troco por carrinho de bebê usado... (A15)

c) - Abandonar o animal.

(S20.88) "... Primeiro queria soltar ele no Pacaembu, tem muitas casas ali, falei: 'Vou soltar ele, alguém vai ver, vai ficar com pena e vai recolher, né?'..."

(S20.93,94) "... Tá, então, foi uma coisa assim meio sem pensar. Foi alguém que me aconselhou, você vai lá no Pacaembu, lá é um bairro que só tem casas, todo mundo tem bicho, então de repente alguém vai ficar com pena e recolhe o animal, o animal não vai ficar na rua. Eu falei: 'Bom, boa idéia e fui...' mas não pensei, não medi as conseqüências. Eu lembro do meu sacrifício de tentar colocar o cachorro em cima de um muro, era um muro alto, e eu empurrava ele, e o cachorro caiu, tentava de novo, desespero... Eu soltava ele, ele vinha correndo atrás do carro, eu chorava: 'Vai, Vadinho, fica, eu não posso ficar com você.' Aí eu falei: 'Não dá', enfiei o cachorro dentro do carro, fui lá pro prédio, tinha saído pra dar o cachorro, voltar com o cachorro... ninguém ia entender..."

(S22.53) "...e essa casa foi duas vezes assaltada e eles se mudaram. O pessoal de lá, essa família se mudou. Você não sabe, você não acre-

dita, mas aconteceu. Eles levaram o Doberman mas a gata eles deixaram na casa. A gata ficou um tempão lá. A casa tava vazia. Essa casa ficou um ano, aproximadamente um ano vazia. E a gata lá..."

d) - Pedir asilo para o animal em alguma entidade.

(S22.76,82) "... E a última vez que nós tivemos lá [no asilo de gatos da Prefeitura], há umas duas semanas atrás, parou uma Caravan, né? Então tinha um homem com um moleque dentro. Eu já falo moleque logo. 'Ah, vocês aceitam gatos?' .. e deu Cz\$ 500,00 pelos... quantos gatos? Três. - 'Não, a minha gata deu gatinhos em casa, tal e não sei o que... e é muito gato em casa' (...) Dai eu falei assim: - 'Escuta, meu senhor. Antes de ficar desse tamanho, por que o senhor deixou sobreviver, por que o senhor quis?' Dai ele: - 'Não, porque agora eu estou com muitos gatos em casa...' - (...) 'Essa gata deve ter no mínimo, deve ter cinco anos', eu falei pra ele."

e) - Sacrificar o animal.

(S20.51) "... Quando ele resolveu sacrificar o Totó, ele tinha um revólver, ele [o Totó] estava meio doente... Ai ele pegou um belo dia, ele chorou - tinha um rio que passava perto da casa - então ele e meu irmão levaram o cachorro até este rio, ele atirou no cachorro e foi jogar..."

(S13.27) "... mas eu sei que falei com o veterinário que está na hora de botar ela para dor-

mir, ele disse: 'Não, ela ainda gosta tanto da comida e tanto de tanta coisa, deixa ela ainda.' Deixei..."

(S19.11) "...é, é, isto foi um amigo meu nos Estados Unidos, que quando perguntaram pra ele o que ele fazia com os peixes quando viajava, deu esta resposta: 'I just flush them down the toilet...'  
 ["Ora eu simplesmente os descarrego latrina abaixo... "]

f) - O animal é colocado sob a custódia temporária ou permanente de alguém.

(S12.8) "(...) Eu me lembro um vez... não tinha jeito... não tinha com quem deixar. Botei num canil - até bom, sabe? do ponto de vista de higiene - mas no fundo eles são todos iguais. Têm um lugar de tomar sol - que eles chamam de corredor - um lugar fechado com um estrado para deitar em cima... só varia a higiene. Foram só quatro dias... mas o Don Diego voltou rouco, não latiu, ficou triste, desconfiado, 'será que me vão enxotar de novo?'..."

(S13.24) "... ah, eu vou levar ela [a cadela Dolly] para Teresópolis... mas um belo dia deixei ela em Teresópolis, quando fui viajar para Europa. Porque cada fim de semana eu vou a Teresópolis..."

(S14.27,28) "Agora, com o tempo eu não tive coragem de deixá-lo [o cão Pastor] no sítio, embora quando a gente viaja ele também fique no sítio. Mas eu não gosto que ele fique lá porque ele fica maltratado, acaba pegando berne, o ca-

seiro deixa a ração ficar velha. As vezes ele tem o problema de desintéria também porque é muito frequente, não é? Então... eu não gosto que ele fique lá, eu gosto que ele seja mais bem tratado..."

(S20.18) "É quando meu padrasto morreu ela arrumou este namorado e foi morar com ele. E minha irmã ficou nesta casa onde ela morava, só pra cuidar dos bichos, porque minha irmã estava numa situação difícil também, não tinha como pagar aluguel, então foi morar lá, ela e o marido..."

(S20.19) "... Só que a minha irmã não era muito chegada nos bichos. Meu cunhado muito menos, maltratava. E a minha mãe sabendo disso ela vinha de vez em quando. Ela dava umas incertas para fiscalizar..."

4.5.2 - Algumas das razões indicadas para a decisão quanto a romper o laço ou vínculo são:

a) - Comportamentos inadequados aos olhos do dono.

a.1) - agressão ao dono: morder.

(S12.36,37) "Acontece que ontem, quando ele [o dono, Erminio] foi desamarrar o Paquito [um cão da raça Doberman], que ele tinha preso num poste, não sei porque, o Paquito avançou nele, não deixou ele mexer na coleira. O negócio ficou feio - eu acho que foi o treinamento de guarda... o Paquito achou que não era para deixar o Erminio mexer na coleira (...)"

a.2) - sujeira.

(S13.24) "... porque eu não posso mais viver com este nojo na rua, e ela está ajudando de fazer xixi, cocô na rua. Mais uma que suja a rua. Eu levantava, botava num saquinho o cocô dela, depois eu disse: 'Ah, chega, vou levar ela para Teresópolis'..."

a.3) - pular e derrubar o dono.

(S13.31) "... Ele, quando voltamos depois de dois meses ele cresceu muito, pulava toda hora em cima de mim, eu tenho um defeito no joelho, tenho medo que ele vai me derrubar, o outro Pastor nunca pulou. Mas meu marido agora criou uma artrose no femur, não se pode dar ao luxo de ser derrubado, e é ruim para a saúde dele, eu também tenho mais defeito no meu joelho, ele pula, pula, pula..."

b) - Ter-se tornado feio aos olhos do dono.

(S13.25) "... Você sabe, minha filha, quando ela foi envelhecendo, ficando, não sei, mais feia, mais doente, eu não amei ela mais tanto. Ela para mim era a perfeição, né. Ela era raça pura, ela era bonita, era a coisa bonita na minha casa, porque as coisas, eu, o meu marido, meus filhas não são perfeitos, mas ela foi aquilo que era puro, que foi bonito, um diamante limpo e quando ficou velha não era mais aquilo..."

(S13.27,26) "... E um belo dia ela perdeu um olho. E a partir daquele dia eu não quis mais vê-la, tá? Não fui mais carinhosa com ela. ...

*Queria que ela morresse..."*

**c) - Mudança de condição de vida.**

*(520.17) "... Porque quando meu padrasto morreu, ela se desfez dos pássaros, da maioria das bichos. Ficou só os cachorros. Ela foi morar, uhmmmm, com um namorado dela, que ela tinha, ela estava morando lá num outro bairro. Só que onde ela morava não tinha como ela acomodar tanto bicho..."*

**d) - Obedecer a convenção de condomínio que proíbe habitação de animais.**

*(520.89) "... Já tinham me dado ordem no prédio pra me desfazer, [do cachorro Vadinho], né?... Não permitiam bicho. Quer dizer hoje em dia eles permitem, mas na época em que eu fui morar o síndico não permitia. Hoje em dia eles estão permitindo, tem cachorro, tem gato, pássaros, tem de tudo..."*

**e) - Super-população.**

*(522.76) "... Não a minha gata deu gatinhos em casa, tal e não sei o que, e é muito gato em casa ..."*

**4.5.3 - Uma reflexão sobre o rompimento do vínculo.**

O desfazer-se do animal é um problema de solução mais difícil do que a aquisição, acompanhado de intenso sofrimento quando houve formação de vínculo afetivo com o animal. Este sofrimento, esta dor ainda se faz acompanhar de sentimentos de culpa, de arrependimento ou de raiva por ter que abandonar



o animal.

Além das razões arroladas a partir dos relatos, muitos animais adquiridos impulsivamente ou recebidos como presente são abandonados, não quando há mudanças profundas (crises) nas condições de vida, mas quando passa o primeiro arrebatamento. O animal deixa de ser novidade, perde as características de neotenia, deixa de ser "bonitinho", pode alcançar tamanho inesperado (A6, A8), começa a dar muito trabalho ou muita despesa. Os anúncios arrolados atestam o fato que o animal se tornou mercadoria ou objeto de troca (A13 e A15).

Os dados permitem construir um estereótipo do caminho percorrido até o desfazer-se definitivo do animal: o animal é oferecido para amigos, vizinhos, serviçais, procura-se deixar o animal em algum lugar como fábrica, fazenda ou sítio. A medida que o tempo passa, diminuem as exigências quanto às qualidades do local para acomodar o animal e da pessoa que aceita o animal.

O animal agressivo, adulto ou adolescente, geralmente de raça pura e de grande porte, que já se tornou perigoso para a família e os frequentadores da casa, pode ser colocado à venda (A1, A2, A3, A4 e A7) "pela melhor oferta".

A solução mais cômoda para muitos donos é abandonar o animal ou soltá-lo.

Envolvendo um desfecho drástico são as duas soluções finais:

- a) - matar ou sacrificar o animal;
- b) - entregá-lo à custódia de um asilo.

- A recusa do veterinário, citada por S13, em sacrificar o animal, foi acatada pela dona. No entanto, muitos proprietários numa situação destas seriam capazes de procurar outro

profissional, menos escrupuloso, e fazer executar sua ordem.

#### 4.6 - O DESAPARECIMENTO DO ANIMAL.

Este momento se refere ao desaparecimento de um animal específico, ou de vários animais, devido a morte (por causa natural ou por sacrifício), fuga ou roubo.

##### 4.6.1 - O desaparecimento do animal devido a fuga ou roubo.

Quando um animal desaparece, ou porque fugiu, se perdeu ou foi roubado, a incerteza quanto ao destino do animal persiste durante muito tempo. O dono, logicamente, dependendo do vínculo que tinha com o animal, aciona todos os meios para encontrá-lo, sendo isto atestado pelas faixas que muitas vezes adornam ruas ou anúncios em jornais pedindo notícias do animal desaparecido e oferecendo recompensa. Fica difícil caracterizar esses casos de desaparecimento como casos de fuga ou roubo. A característica fundamental destas duas modalidades de desaparecimento é a incerteza do que aconteceu ao animal, devido ao óbvio, não há traço do corpo; o processo de luto fica pendente.

##### a) - Fuga.

*(S13.37) "Ah, nós tínhamos um vira-lata, que era divino, maravilhoso, que deixaram a portão aberto e ele fugiu. Nunca mais achamos ele."*

##### b) - Roubo.

Os dois relatos abaixo citados exemplificam uma modalidade de roubo muito comum em certa época de falta de carne ou de carrestia de gêneros alimentícios, ou seja, o roubo de animais para servirem de alimento. Diz-se que os churrasquinhos vendidos perto da Estação da Luz, no Parque D. Pedro, nas portas das fábricas, na periferia da Grande São Paulo, são na maio-

ria das vezes confeccionados com carne de cão e gato. Uma outra finalidade para o roubo de gatos é o uso do couro desse animal para fazer tamborim, isto principalmente em época de carnaval.

S20 comenta explicitamente a prática do consumo de carne de animais de estimação. A ida de S03 à construção era para avisar aos empregados que ela suspeitava de que o desaparecimento dos seus gatos era devido, ao consumo desse tipo de carne. No dizer dela, enquanto havia muita construção perto de sua casa, o desaparecimento dos gatos era frequente.

(S20.34) "É, ficava só lá, tomando conta, pra ver se não brigavam, se ninguém entrava pra roubar, porque tinha uma época que lá eles invadiam as casas, pulavam os muros das casas, pegavam os cachorros pra vender carne."

(S03) "Um dos motivos porque quero castrar esses gatos machos todos é pra ver se eles param mais em casa. Vira-mexe um deles [ela tem 15 animais] desaparece. Sempre é o mais bonito, o que eu mais gosto... no tempo que tinha uma construção perto de casa era frequente... até fui lá uma vez perguntar se eles não tinham visto o meu gato..."

#### 4.6.2 - O desaparecimento do animal devido a morte.

a) - Morte de um animal ou animais com os quais não se formou apego.

Quando se trata de um animal ou animais com os quais não se formou muito vínculo, como seria o caso de S02 [a mãe] em relação aos peixes, há descrição do acontecido, sem maior envolvimento emocional. Aqui não existem indivíduos que são

pranteados, mas a morte causa "aborrecimento" que, acredito, vem da frustração de o sujeito não conseguir levar adiante o empreendimento, de ter que assistir impotente à morte de vários animais, além de, no caso de S14, ter havido ônus. O relato de S14 deixa transparecer aborrecimento e, tanto no caso como no de S02, se nota resignação.

(S02.15) "... Só sei que os peixinhos não sobreviveram. Aos pouquinhos, aos pouquinhos foram morrendo... E a peixa lá, firme."

(S02.18) "... No fim ela [a peixa] acabou morrendo. Mas ela durou bastante, durou uns dois meses."

(S14.67) "Começou a dar muitas doenças, morriam [os coelhos] assim muito fácil, houve um problema de ração que eu dei e morreram às centenas. Aquilo me aborreceu porque eu achava que não era justo estar tratando o bicho daquela maneira, e eu não tinha condições de resolver aqueles problemas. E como não era economicamente rendável e dava muito trabalho, eu parei."

b) - Morte súbita, inesperada, de um animal ao qual se teve apego.

O tema central nesta modalidade de desaparecimento é o despreparo do ser humano para lidar com a perda. Apesar de não referidas, entre as causas de morte súbita estão as mortes causadas por acidentes de trânsito, por envenenamento, por agressão de outro animal. A notícia da morte inesperada da cadela Angra, com o qual o menino Rodrigo, de 5 anos, brincava, provoca, no menino, descrença, raiva e agressão dirigida aos familiares.

(S18.58) "O Rodrigo [o filho de S18] não acreditou, disse que era mentira, que a Angra [a cadela com a qual ele costumava brincar na casa dos avós] não tinha morrido, que a Melina era boba, que a Angra não podia ter morrido, aí ele pediu confirmação pra mim e pra Débora: 'É verdade, papai, é verdade, mamãe, que ela morreu?' e a gente teve que confirmar."

Já no caso da morte de uma araponga, pela qual nutria grande antipatia, S20 se considera responsável pelo ocorrido, por haver expressado o desejo de que ela perecesse. Dadas as circunstâncias e a personalidade violenta do padrasto, ela entra em pânico e foge.

(S20.40) "E um belo dia a araponga amanheceu morta. Eu só sei que eu fugi de casa - eu não tinha nada a ver, ela morreu porque tinha que morrer, não sei se ela comeu alguma coisa."

(S20.43) "... eu fiquei tão apavorada que só de eu ter mencionado aquele meu desejo [de que a araponga morresse] ele [o padrasto de S20, dono da araponga] já me deu aquela surra, olha, se ele desconfiar que fui eu, puser na cabeça que eu matei a bicha, ele vai me matar."

A morte de papagaio relatado por S21, substituto de filho para dois adultos, faz a pessoa procurar em primeiro lugar ajuda profissional, mesmo sabendo que é inútil. Depois aparece a necessidade de comunicar o acontecido para alguém, extravasar a dor.

(S21.15,16) "(...) Aí um belo dia ela [a dona do papagaio] estava em casa, diz que não sabe o que ele [o papagaio] tinha, que ele caiu, foi

correndo, ligou no veterinário, sabe? saiu voando, eee... não teve jeito... morreu. Diz a minha mãe que ela ligou pra casa dela e os dois estavam assim aos gritos de tanto chorar porque o papagaio tinha morrido".

- c) - **Morte esperada de animal velho.** De modo geral os animais de estimação têm um período de vida mais curto que o ser humano. Isto torna provável que a maioria dos donos de animais algum dia tenha que se deparar com a morte do animal.

S11 reconta as circunstâncias da morte de um cachorro muito querido para sua filha de 5 anos.

(S11.12) "Morreu sim, mas quando ele morreu faltava um mês e pouca para mim casar com a sua mãe... Então, o papai estava fazendo tantas coisas... montando o apartamento (...) mas então o papai estava perdendo o cachorro, mas a mamãe fez companhia pra ele..."

#### 4.6.3 - Acontecimentos que decorrem da morte ou desaparecimento ou os acompanham.

- a) - **Comunicar o acontecido.** Esta comunicação se refere inicialmente ao dar a notícia da morte do animal para quem tem vínculo com o animal e depois se refere ao "compartilhar a dor", contar para os outros.

(S18.57) "Acontece que a Melina é muito linguaruda, e então eles foram os dois para o meu quarto de manhã e a Melina disse que sonhou com a Angra, que ia ter cachorrinho e que morreu."

(S21.16) "Diz a minha mãe que ela [a dona do

papagaio] ligou pra casa dela e os dois estavam assim aos gritos de tanto chorar porque o papagaio tinha morrido."

b) - Enterro.

Enterrar o animal, para quem está bastante apegado ao seu bicho, é uma maneira de manter o vínculo, é desejo de reter o animal, ainda, em algum lugar acessível, por mais algum tempo. Aliás, é um dos comportamentos mais importantes para se ver a humanização do animal, pois ao animal é outorgado um ritual que em nossa cultura é reservado ao homem. O ritual do enterro pode ser considerado como o início do processo de luto.

(S06.1) "Coloquei numa caixinha e... mandei enterrar num jardim aqui perto. No jardim da praça. (...) Fiz o buraco e coloquei a caixinha com ela, cobrimos de novo e deixamos. (...) - Não, ninguém viu... Porque eu não sabia o que fazer... Ela tinha morrido, então, eu deixei ela no quintal, lá num lugar bem fresquinho, pensando o que eu ia fazer. Ai vinha um e falava: - 'Não, põe no lixo!'... falei: 'Pô, não tem nem cabimento pôr no lixo, não é?' Ai eu peguei e falei: 'O que acha mais certo é enterrar ela, pôr numa caixinha e enterrar no jardim.' E... ai foi feito porque... eu não tenho coragem... sabe? Eu chegar e enterrar, eu não tenho..."

(S14.82) "Bicho... para nós... morreu... não vai para o lixo. Não pode ir para o lixo. Se é bicho da gente... temos que enterrá-la... num canteiro, em algum canto."

(S14.84, 85) "(...) E o gato também... quando ele morreu, tive que viajar, especialmente ao sítio e enterrá-lo num lugar que já é mesmo o túmulo dos animais de casa. Minha filha foi lá... fez uma cruz... colocou flores..."

Guardar os ossos de um animal de estimação, acredito, é um ritual pouco frequente, mas exemplifica bem a necessidade que o ser humano tem de continuar mantendo contato com o animal falecido.

(S17.1,2) "E nesta procura, nestes acertos todas, ela [a filha da falecida] encontra uma caixa com ossos de cão e pêlos de cão. Não sei de que cão se tratava ou não. E como a mãe tinha sido cremada, a filha pegou esta caixinha, ela pegou e trouxe para o cemitério para ficar junto ... no túmulo da família, onde tinha sido enterrado o pai dela..."

A partir dos relatos de S06 e S14 ficou evidente que há para o dono, dificuldades em dispor do animal falecido, em achar um lugar para enterrar o animal, porque não existem cemitérios para animais. Diante dessa verificação, propus-me a colher informações sobre a maneira de dispor do corpo do animal que era utilizado em clínica veterinária particular, de médio porte, na Faculdade de Medicina Veterinária da U.S.F. e Serviço de Zoonoses da Prefeitura. O que colhi foi o seguinte:

- Clínica particular de determinado porte: O material é recolhido pela Prefeitura, desde que acondicionado em sacos de lixo especiais, e vai para um incinerador municipal.
- Faculdade de Medicina Veterinária: O material é colocado em "containers" especiais, situados em vários pontos das ruas da Cidade Universitária, e recolhido por um serviço de lim-

peza realizado por uma firma contratada.

- A Prefeitura Municipal de São Paulo já não possui cemitério para animais desde que o cemitério da UIPA (União Internacional Protetora dos Animais) da rua França Pinto foi desativado.

**c) - Luto.**

Os sujeitos desta pesquisa que sofreram a perda de um animal de estimação, exibem, todos, - cada qual a seu modo e com peculiaridades - um processo que tem sido denominado **processo de luto** (Kastenbaum e Aisenberg, 1983; Levinson, 1984; Stedford, 1986). Tal processo basicamente se compõe de:

- uma fase de desamparo e de paralisia, caracterizada por inconformidade, descrença ou mesmo raiva, que são sentimentos que acompanham e manifestam a frustração da perda;
- uma fase de luto propriamente dita, de sentimentos doídos;
- uma fase de resolução do luto, em que a dor cessa, e que surgem reminiscências relativas à figura, jeitos e modos característicos do animal, reminiscências essas geralmente desacompanhadas de dor, quando, não realizadas com certo prazer.

Nem todos os donos passam por todas as fases desse processo de luto, e tão pouco a ordem de apresentação das fases, para eles, é rígida, mas me parece que em todos os casos algum componente do processo está presente. Minha análise me permite identificar nos relatos dos sujeitos, no tocante ao luto:

- c.1) - Descrença.** No momento da morte, principalmente quando inesperada, há um momento de descrença.

(518.61) "Ele ficou uns dez minutos encostado num canto assim da sala, sem conversar, e depois pediu para ir para a casa da avó, talvez ainda no intuito para saber se a cadela tinha morrido ou não."

A descrença também ocorre quando o dono recebe a notícia de que o animal está bastante doente e vai morrer ou deveria ser sacrificado. A partir deste momento o dono começa a vivenciar um processo de luto que é denominado

**c.2) - Luto antecipado.** Os episódios referentes a eutanasia são impregnados do sentimento de luto antecipado. Contudo, não há necessidade desta modalidade de morte para que apareça o luto antecipado:

(506.14) "Estou apavorado. Quando a senhora trouxe ela [a tartaruga]... nossa!... mas sabe porque? Porque a outra fica triste."

(506.17) "Ela brinca e tudo mas, eu pensei, essa tartaruga vai morrer desse jeito. Tristinha, não é? Ela não demonstra tristeza, mas a gente sente que, sozinha, se deixasse ela, ela não ia..."

(506.22) "... Se ela morrer eu vou sentir demais... eu gosto dela, não é?"

(511.11) "E eu estava contando isso pra ela [a filha de 5 anos], da amizade que ele [o cão] tinha comigo, o tempo todo que ele ficou, tinha 15 anos que ele ficou que eu tinha medo deste momento de perdê-lo."

**c.3) - Sentimentos de pesar, expressos de várias maneiras.**

A primeira coisa a notar é que, dentro da mesma família, a intensidade da reação de luto pode ser desigual.

(S06.11) "Então, quando a outra [tartaruga] morreu, a outra era quieta..., mas mesmo assim, nós sentimos tanto. Nós, eu e minha filha, minha mulher sentiu mas, era mais forte."

c.4) - **Choro como resposta universal.** Parece-me que há pessoas que choram com mais facilidade e sentem menos. Dizer que chorou parece ser uma forma de dimensionar a magnitude do pesar experimentado. Em vez de dizer que algum acontecimento lhe causou grande pesar, o sujeito pode dizer apenas que "até chorou" por causa desse acontecimento.

(S20.63) "Não. Eu lembro que tinha assim as galinhas davam cria, os pintinhos morriam mas naturalmente, né. Eu lembro que eu **choraava**, porque toda vez que nascia pintinha a gente dividia, - esse é meu, é meu, esse é seu - todos os meus morriam, todas, meu irmão conseguiu criar um."

(S20.50) "Aí depois que minha mãe pegou a Kelly, o Kidinho, e as outras [cachorros] ele [o padrasto, homem violento] foi pegando amor. Tanto que quando a Kelly [cadela] morreu, ele chorou muito. Porque bandido ele contava histórias de bandido, que ele batia, fazia, o que acontecia, era ruim mesmo, com a gente ele era ruim, e com bicho não. Com bicho ele chorava. Ele não podia ver um animal, da casa dele, que morresse, ele **choraava**, parecia criança, das lágrimas escorrer."

Uma das expressões que melhor designam o que se passa no interior da pessoa é dizer que "sentiu muito". Talvez ela represente um luto mais profundo do que aquele que é extravasado, lavado por copiosas lágrimas.

(S14.53) "Porque quando ela perde [um animal] ela sofre demais. O sofrimento dela com a perda desse gato foi enorme. Ela chorou como se tivesse perdido um filho. E eu também senti. Na verdade, a gente passa dias lembrando, e quando lembra vêm lágrimas aos olhos."

As reações de luto parecem depender em parte da história passada do indivíduo.

(S08.40) "Então, um bicho, um cachorro morre, um exemplo. E a pessoa às vezes enterra o cachorro... pra dar uma continuidade que faz com o ser humano... Então... ela [a mãe de S08] achava que não. Ela achava que, no caso bicho, bicho é bicho."

(S08.47) "... certas horas, talvez... eu sou... ou sinto muito na hora que morre um bicho aqui, tá entendendo? Mas eu... não fico... não consigo ficar ali... adorando aquele negócio que morreu... que acabou ali..."

(S08.49) "Então eu não sei, já tentei ver o que era, que se tentava fazer, mas eu tenho aquele momento, você chora, até pára, mas, rapidamente. Chora, rapidamente o negócio desaparece depois. Não fica aquele, como o pessoal fica mesmo, tal, lembrando, fulano, eu não consigo ficar. Agora, assim emotivo eu sou demais assim."

(S08.50) "Você chora, você faz e tal, mas não fica, que eu vejo gente que **fiiica teempo**, fica... e o bicho às vezes fica até aquela imagem na pessoa, eu não consigo. Isso não fica. Então é, não tem, não sei como."

c.5) - Reminiscências.

(S06.8) "Aí quando ele voltou estava todo mundo chorando... Mas olha, ficamos um mês que... em todos os lugares que nós íamos víamos o macaquinho."

c.6) - Guardar lembrança material.

(S17.3) "Eu achei, assim, uma coisa de muito respeito, né, pelo fato também da mãe ter conservado os ossos e os pêlos de um bicho que ela deve ter amado muito. Pelo visto ossos e pêlos são assim indestrutíveis, né? Me parece que isto também tem um fundo religioso. Me lembra que tem alguns povos que guardam, mantém. .. corta-se um pedaço de cabelo da pessoa e guarda-se como lembrança."

c.7) - Sentimentos de culpa.

(S02.15,16,17) "(...) Só sei que os peixinhos não sobreviveram... Eu trocava a água todo dia, dava de comer tipo dia sim, dia não pra ela. E. .. eu me dava bem com ela, não achava... não tinha nada com ela, pegava inclusive nela para trocar de água."

(S14.88,) "O momento da morte do gato... para

*min... foi especial porque eu tive um pouco de sentimento de culpa, sabe?, em relação àquilo. Eu estava muito ocupado (...) e o bicho estava meio caído... meio deitado... não queria comer e... estava meio arfante."*

**c.8) - Aceitação da morte.**

O tempo que decorre até que haja aceitação da morte é variável. Um dos indícios de que houve aceitação é a pessoa se dispor a substituir o animal desaparecido. O menino Rodrigo, ao final do dia, quando soube da morte da cadela, pareceu já estar mais conformado.

*(S18.62) "Ele faltou à escolinha nesse dia e passou o dia inteiro na casa da avó dele. A noite ele já pediu para alugar um filme de videocassete, comprar doce, carrinhos de banca de jornal e dormiu assistindo o filme."*

#### 4.6.4 - A eutanásia.

A eutanásia, palavra que deriva da palavra grega eu-thanatos, significa uma morte serena e sem sofrimento. É a prática pela qual se busca abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente reconhecidamente incurável. Dentro do contexto de "morte", a eutanásia merece considerações especiais, principalmente porque é apanágio da medicina veterinária e, como tal, contrasta com as práticas da medicina humana.

Para elucidar o que envolve ter que sacrificar um animal, apresento três episódios em que se percebem claramente as etapas do processo de eutanásia. As descrições são bastante semelhantes, se complementam, permitem vislumbrar o padecimento de dono e animal e a magnitude do vínculo que os une.

#### Episódio 1 - Relato de S06

##### a) - A descrição do animal.

(S06.2) *"Nós já tivemos, uma vez, um macaquinho e, esse macaquinho deitava, mexia em tudo, pegava meus óculos, empurrava o banco..."*

##### b) - O decurso da doença.

(S06.3) *"...Ficou doente... gastei uma nota com ele!... não era pelo dinheiro... e sim pelo sofrimento que ele me causou. Ai mandei na 'medico', na Paes de Barros... deu medicação, deu injeção, eu mandei comprar remédios e dar... ele foi piorando, piorando, começou a cair os pelinhos, ai o empregado lá de casa, ele falou: 'Não tem jeito, tem que sacrificar, porque, eles têm que amputar a patinha dele'. Ai eu*

*perguntei se não tinha jeito mesmo e ele disse que não tinha."*

- c) - Manutenção do animal doente e que sofre por não suportar a dor da separação.

*(S06.5) "Aí eu fiquei com ele assim mesmo, dava remédio e tudo, mas ele gritava dia e noite."*

- d) - Delegação do levar o animal para ser sacrificado.

*(S06.6) "Aí o problema foi na hora de sacrificar o bichinho, ninguém tinha coragem de ir para o médico aplicar injeção no bichinho. Aí, eu tinha uma rapaz trabalhando comigo, e eu falei, leva essa caixa na Paes de Barros. Ele falou: 'É o macaquinho que está aqui dentro para ser sacrificado?' Ele disse: - 'Me manda fazer outra coisa, mas não isso'. Eu disse: - 'Então, quem é que vai levar?' Aí eu convenci ele, pegou um carro e levou."*

#### Episódio 2 - Relato de S05.

- a) - Descrição do animal.

*(S05.4) "Eu acho quando se trata... Porque a minha cadela, eu sei exatamente o gosto que ela tinha pela vida... Quais eram as reações normais dela. O que ela estava fazendo... Quando ela estava feliz, ela estava deste jeito, quando ela não estava feliz, quando ela estava apática, por algum motivo... quando ela estava de outro."*

*(S05.15) "Ela era muito carinhosa... Ele... faz"*

pouco tempo que ele ia lá em casa mas... ela gostava... ela sempre... ela sempre foi uma cachorra muito inteligente."

(S05.16) "Ela sabia diferenciar quem era bom, quem era, quem era para ela morder, quem não era, porque ela já tinha pega ladrão uma vez que entrou em casa, tal. Mas, tinha pessoas, e ainda mais quando ela, à medida que ela foi ficando mais velha, ela foi ficando mais... mais meiga... mais tranqüila, ela não era tão brava com os outros."

(S05.19) "... Então é... ela quer sair com quem gosta mesmo."

b) - O decurso da doença.

(S05.8) "Eu olhei para a cachorra, vi que a cachorra não estava mais... eu fiquei muito chateada, porque tirei ela da casinha e coloquei uma espuma para ela deitar em cima. Isso à noite. E de manhã fui ver como ela estava, e ela estava da mesmo jeito, na mesma posição que eu tinha deixado, só que ainda tinha feito xixi."

(S05.10) "Ai na 5ª feira na hora do almoço, eu fui tentar dar leite, ela não quis de novo, e ela, daí eu dava injeção na veia. Eu dava nela deitada, ninguém segurando, a expressão dela de dor, ela abria a boca dela mas jamais para me morder, era como se ela estivesse falando: 'Está doeeendo... daí...' e ela não estava mais querendo... levantar... fazer nada..."

(S05.11) "Eu chegava, ela não levantava nem a

cabeça."

c) - A tomada da decisão de sacrificar o animal.

(S05.9) "Dai eu falei: se ela não consegue se mexer uma patinha, ela estava com as duas patinhas assim direitinho, aí já fiquei meio assim. Aí comecei. Não foi uma decisão assim: olhei pronto, começou amadurecer na minha cabeça que talvez seria melhor para ela. Isso acho que foi na 5ª feira de manhã."

(S05.12) "...Aí eu falei: 'Amanhã vai ser levada'. Aí fiquei meio assim, aí quando minha empregada me falou: 'A Joana não está tão ruim como você pensa que está. Eu falei na hora: 'Táí... Eu conheço ela melhor do que você, e eu sou veterinária, pra saber que ela não vai pra frente'..."

d) - Luto antecipado.

(S05.12) "Aí eu comecei a fazer carinho nela, comecei a chorar, chorar e resolvendo..."

e) - Delegação do levar o animal para ser sacrificado.

(S05.13) "Aí, no dia seguinte de manhã, eu já tinha pedido pro meu namorado, ele passou em casa, levou, porque eu não queria assistir."

(S05.14) "Mas eu queria saber que ela tinha morrido sem dor, sem..., dum jeito bonito, né? Aí ele levou ela no veterinário."

f) - Necessidade de justificar a decisão perante outras pes-

soas.

(S05.20) "Mas depois, eu tava contando pra eles que foi chato, porque logo depois teve um chá de cozinha em casa, e um monte de gente da família perguntava: 'Cadê a Beth?'... todo mundo conhecia. Ai eu... falava: 'Ela morreu'.

(S05.21) "Mas eu sentia meio, assim... não sendo honesta, simplesmente falando: 'ela morreu...' Eu sentia que eu tinha que falar que eu mandei sacrificar, porque ela estava assim, tá?"

g) - Sentimentos de culpa por não ter conseguido salvar o animal.

(S05.22,23) "E eu justificava também. Não deixava os outros pensarem: 'achou que a cachorra não estava mais boa e... mandou matar.' Ai... eu fui falando, e... você fala meio com ar assim... Na fundinha eu sentia assim meio: será que os outros não estão pensando que eu fui precipitada, ou que... não foi uma... sabe? uma decisão bem pensada... Não sei o que eles pensam... Não tinha nenhum veterinário envolvido. Mas, eu sentia na obrigação de explicar. Sacrifiquei e tal, e tentava tirar de mim a... a culpa, né? Porque a culpa fica. Se bem que ela sacrificou, tal, eu me senti super aliviada. Eu sabia que eu tinha feito a coisa certa. Mas, perante os outros a gente se sente meio cobrada..."

Episódio 3 - Relato de M. Kundera <sup>1</sup>.

"Os cães não têm muitas vantagens em relação ao homem, mas uma delas é extremamente importante: para eles, a eutanásia não é proibida por lei; o animal tem direito a uma morte misericordiosa. Karenin andava com apenas três patas, e passava a maior parte do tempo deitada num canto. Gemia. Tereza e Tomas concordavam: não tinham direito de deixar o animal sofrer inutilmente. Mas o acordo sobre esse princípio não os poupava de uma angustiante incerteza. Como saber em que momento o sofrimento se torna inútil? Como determinar o instante em que não vale mais a pena viver?"

"(...) é tão duro assumir o papel da morte! Há muito tempo, Tomas declarara que não aplicaria a injeção, chamaria o veterinário. Mas afinal compreendeu que poderia conceder a Karenin um privilégio que não está ao alcance dos seres humanos: a morte chegaria para ela sob a máscara daqueles que amava."

"Tomas chegou uma meia hora depois. Sem dizer uma palavra foi à cozinha preparar a injeção. Quando voltou Tereza estava de pé, e Karenin [a cadela] fazia força para levantar-se. Ao ver Tomas, abanou o rabo fracamente. Olhe! - disse Tereza - ainda sorri. Disse isso em tom de súplica, como se quisesse com essas palavras pedir uma breve prorrogação, mas não insistiu."

"(...) Tomas foi pra o jardim. Encontrou, entre as duas macieiras, as quatro linhas do retângulo que Tereza tinha marcado com o salto do sapato alguns dias antes. Começou a cavar. Observou rigorosamente as dimensões traçadas. Queria que tudo se passasse como Tereza imaginara. (...) Seguraram, cada um de um lado, o lençol onde repousava Karenin. Tereza do lado das patas, Tomas do lado da cabeça. Levantaram-na e carregaram-na para o jardim."

"Tereza sentiu nas mãos que o lençol estava úmido, ela nos molhou na chegada, e nos molha na partida, pensou. Estava contente de sentir nas mãos essa umidade - o último adeus da cadela. Levaram-na até as duas macieiras e a colocaram no fundo do buraco. Ela debruçou-se para arrumar o lençol de maneira a envolvê-la inteira. Não podia suportar a idéia de que a terra que a cobriria tocasse seu corpo nu. De-

<sup>1</sup> Kundera, M. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 300-304

pois entrou em casa e voltou com a coleira e o punhado de pedaços de chocolate que desde a manhã haviam ficado intactos, espalhados no chão. Jogou tudo no túmulo."

#### 4.6.5 - Algumas reflexões sobre eutanásia e morte.

Comparando os relatos de S06 e S05 noto uma impressionante concordância em suas descrições e dessas com a da página literária de Kundera.

Ambos, S06 e S05, começam descrevendo o que o animal fazia: o macaco brincava, escondia os óculos, a cadela era amorosa, boa guarda, discriminava entre estranhos, estava-se tornando mais meiga com a idade e sobretudo, mesmo muito doente, preferia a dona ao namorado. S05, como veterinária que é, descreve a perda das funções principais do animal e leva a decisão quanto a eutanásia girar em torno de saber quando o animal estava feliz e quando não estava. Desta forma, S05 estava como que querendo justificar a eutanásia pelo fato que a cadela não tinha mais prazer na vida, principalmente porque uma das coisas de que ela gostava, que era passear, ela não fazia mais. S05 questiona o valor da vida para a cadela e chega à conclusão de que o animal está sofrendo inutilmente. S06 personifica talvez o cliente do veterinário, que ao saber da notícia em primeiro lugar, nega a verdade, pretendendo que, se ele continuar tratando do animal, desmentirá o veredito do veterinário. Há um espaço de tempo durante o qual se procura não ver o sofrimento do animal, mas em que se torna maior a própria angústia em saber que ocorrerá a separação, e, então, há momentos de protelação do inevitável e em que qualquer reação do animal é interpretada como sendo uma melhora.

A aceitação do fato de que o animal não tem cura se dá frente ao sofrimento explícito do animal - depois que S06 ouviu o macaquinho gritar uma noite inteira, depois que a cadela de S05 "fala": "doiii".

A delegação do "levar o animal" é uma fuga a um evento carregado de emoções. Para S06, há muito medo da morte: ele fica

apavorado em imaginar a morte de outra tartaruga, parece até que ele está projetando seu próprio medo à morte e à solidão no animal.

Os sujeitos consideram importante que o animal tenha alguém conhecido perto na hora de morrer, que ele não morra no meio de estranhos, mas a preocupação com o próprio sofrimento causado pela perda do animal é maior do que a preocupação com o fato de se o animal tem percepção de quem está ou não está presente nesta hora. Muitos clientes justificam essa atitude, revelada, por exemplo, pela delegação a outrem do sacrifício do animal, manifestando que preferem ter uma recordação do animal vivo.

A volta do corpo do animal para a casa faz renascer a tristeza. Obviamente S06 teria precisado de alguma forma de ajuda para lidar com o corpo do animal.

O período depois da morte é um período de reminiscências. É de S06 o comentário sobre a volta à casa, as reminiscências, o ver-o-animal-em-todo-lugar. S06, na simplicidade de seu relato, reproduziu algo que Konrad Lorenz escreveu em Man meets Dog:

"The constant sound throughout 17 years of the dog trotting at my heels had left such a lasting impression on my brain that for weeks afterwards as if with my own ears I heard him pattering after me". Lorenz, K. Man meets Dog. London: Methuen & Co., 1977, 193.

A eutanásia é um evento rotineiro na clínica do veterinário de pequenos animais. O procedimento técnico não apresenta problema. Contudo, a ocasião de pôr um fim à vida de um animal de estimação é um dos momentos em que o veterinário precisa tratar mais do paciente humano do que do animal. O veterinário, para que possa realmente ajudar ao seu cliente, pre-

cisa ter conhecimentos gerais sobre a natureza do luto humano: seu modo de formação, suas fases consecutivas, suas consequências fisiológicas e psicológicas, pois o luto pode ser uma fonte de stress.

É importante a atitude do veterinário depois do ocorrido. Diz uma cliente (S06):

*"Sabe, veterinários como o Dr. Gioso, que era assim um médico de família... quando você perdeu um cachorro, vinha na tua casa, te fazer uma visita de condolências ou de suporte. Este veterinário acho que não existe mais... pelo menos nunca mais vi, né?"*

Esta atitude pode ser importante também por outras razões. Nossa sociedade tende a denegrir e a apequenar a importância emocional de animais para adultos. Os donos de animais hesitam em exteriorizar seus sentimentos para outras pessoas que não o veterinário. Talvez lhes pareça que o veterinário seja a pessoa que melhor entende os seus sentimentos, já que ser veterinário, em seu modo de ver, pressupõe o gostar de animais.

S06, ao procurar outra tartaruga para si, sentiu necessidade de utilizar um subterfúgio: em vez de mencionar a verdadeira razão de sua busca, disfarçou-a numa forma que, pareceu-lhe, seria socialmente mais aceitável: a necessidade de consolar uma criança. Parece inexistir na nossa sociedade mecanismos de aceitação do luto pelo animal, pelo menos em nível compatível com a importância que, psicologicamente, o animal assume para os sujeitos dessa pesquisa. Mostra-o a inexistência, entre nós, de cemitérios e de rituais de enterro destinados a animais.

#### 4.6.6 - Substituição.

Há donos que traumatizados com a perda de um animal afetivamente importante, decidem não mais se envolver com outro; a substituição de um animal que desapareceu, por outro, é assunto polêmico.

(S17.11) "Agora, pelo fato de, digamos, ter morrido a Gueixa, o Bocage e o Jumbo [gatos e cachorros], que eles vivem um período muito longo e então você se afeiçoa e eles ficaram, eles vivem, eles são como um outro indivíduo da família, eu sei que nesta casa a gente não está mais querendo este tipo de bicho, acho que é porque a gente sofreu muito com a morte deles."

Uma das primeiras reações de familiares, amigos, etc., quando ocorre a morte de um animal, é oferecer um substituto, para, esperam eles minorar o sofrimento, abreviar o processo de luto. Esta oferta muitas vezes é recusada, porque ainda não houve aceitação da morte.

(S21,16,17) "Acho que faz uns 7 meses [que o papagaio morreu] e ela está agora só com os cachorros. Até minha outra irmã diz que ia comprar um papagaio pra ela, mas ela diz que não quer."

Já o dono das tartaruginhas, temendo a solidão da tartaruga sobrevivente, aciona lojas e amigos para encontrar um substituto. Acredito que animais com os quais as pessoas têm menos vínculo são substituídos com mais facilidade. Este seria o caso dos peixes referidos por S19.

Nas famílias mencionadas no tópico da aquisição como favorecendo raças tradicionais é óbvio que o ponto de vista é diferente: a família acha que vale a pena ter um animal, alguma

coisa viva e arcar com o sofrimento decorrente da perda.

#### 4.7 - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VIDA DO ANIMAL NA FAMÍLIA.

Terminada a análise da trajetória do animal junto ao ser humano, parece-me oportuno fazer algumas reflexões sobre o lugar do animal na família.

Do capítulo dos "Cuidados" emerge uma imagem do animal semelhante à de uma criança de pouca idade no que diz respeito a sua dependência. Ele tem que ser continuamente alimentado, tem que receber água, ser cuidado em sua higiene, ser acomodado e protegido contra as intempéries, receber roupas quando necessário ou, até, quando desnecessário, e ser levado ao veterinário, onde o dono lhe empresta a voz.

O animal é acarinhado, tocado ao bel-prazer do seu dono. Seus desejos sexuais são limitados, sua permanência na casa é regulamentada e até sobre a maneira e o momento de morrer do animal, o dono tem poder decisório.

Uma parte do dia a dia é passada na companhia do ser humano. O quanto, depende dos afazeres da pessoa e da ligação que ela tem com o animal.

O contato do animal com a ocupada dona de casa, por exemplo, pode limitar-se a um mínimo. Aceitar comida parece ser uma das formas que o animal tem de gratificar o dono. Transformar-o em "companhia", vocábulo que vem do latim *com*, "junto", e *pannes*, "pão", ou seja, comer junto. Os animais são objeto de preocupação no tocante ao que comem, no sentido de que, para seus donos, parece ser um cuidado central este dar-de-comer. O dono apercebe-se dos gostos do animal, e frequentemente não poupa esforços nem despesas para deixar o animal contente, às vezes em detrimento de seres humanos. O animal pode chegar, até, a receber comida melhor que a destinada às crianças da casa.

O animal compartilha a escrivaninha, a cama, os tapetes, as cadeiras e sofás do ser humano. Ainda que não durma na cama do dono, pode compartilhar do seu quarto de dormir.

No convívio com o ser humano, o animal é individualizado através de um nome próprio. Conversa-se com ele como se fosse uma pessoa (aqui, valeria a pena proceder a uma investigação para estabelecer sobre que assuntos mais se conversa com o animal). Ele tem seu retrato tirado como o têm os membros humanos da família, e recebe enterro semelhante ao que é dado às pessoas. Nessa ocasião, ele é chorado com intensidade igual ou próxima à que é manifestada para um ser humano. Sendo assim, uma das conclusões a que se precisa chegar é a de que o animal de estimação faz parte, frequentemente, da família humana, embora sem ser explicitamente admitido como tal.

A análise realizada neste capítulo indicou como o animal é cuidado, e por quem e quando o é. Resta, porém, verificar a quem cabe permitir-lhe entrar na casa, se houve necessidade de uma espécie de aval para isso, e, a quem, finalmente, cabe decidir se ele pode ou não permanecer na casa. Para desincumbir-me dessa tarefa, refleti sobre os relatos com vista a responder as três perguntas seguintes:

- a) - Quem permitiu a posse do animal?
- b) - Quem impediu a entrada do animal na casa?
- c) - Quem mandou desfazer-se do animal?

Em seguida, classifiquei, segundo o sexo, as pessoas indicadas nas respostas a essas questões, conforme se vê no quadro II.

Quadro nº II - Dados relativos ao sexo da pessoa responsável por algumas decisões atinentes ao destino do animal.

	Permitiram a posse.	Vetaram a posse.	Mandaram dar.
Homens	4	1	1
Mulheres	12	8	2

O resultado, mais do que justifica o ditado popular que reza o seguinte:

"Na rua, mando eu, em casa, manda minha mulher".

## CAPÍTULO V

Benefícios para o ser humano  
advindos da convivência com o  
animal.

Entendo por **benefício**<sup>4</sup>: "serviço ou bem que se faz gratuitamente, vantagem, ganho, proveito". Tendo por base esta definição, arrolei a seguir as modalidades de benefícios advindos do convívio com um animal de estimação.

## 5.1 - MODALIDADES.

**5.1.1 - O animal proporciona alívio para situação tensa.** Esta modalidade se refere às ocasiões em que mexer com o animal parece ser uma válvula de escape para alguma situação aflitiva ou tensa. O mexer-com-o-animal ou mesmo só olhar para o animal é um derivativo, lenitivo.

(S14.65) "Eu sinto que o coelho, para mim, foi uma válvula de descarga... uma maneira de eu me reaproximar da natureza... Era um motivo para eu, inconscientemente - eu não sei se era consciente ou não - mas, eu acho que inconscientemente, eu estava me livrando das minhas dificuldades conceituais, das minhas dificuldades profissionais, me voltando para o coelho..."

(S14.66) "Então, cuidar de coelho era bom, era agradável. Dar vacinas neles... curar o bichinho... ver o coelhinho filhote, ver como é que ele crescia, ver a coelha fazer ninho... colocar para acasalar... Tudo, isso me dava a oportunidade, tanto de ir para o sítio ver a natureza, plantar coisas para o coelho, como também para cuidar deles e para esquecer um pouco a vida profissional..."

<sup>4</sup> Ferreira, A. B. de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

5.1.2 - O animal proporciona absorção do ser humano em alguma tarefa. Penso que esta modalidade explica os efeitos da modalidade anterior. Se não houver interesse, absorção na tarefa, dificilmente ocorrerá o que S14 sentiu, um alívio para uma situação tensa.

(S08.32) "Não, mas o passarinho lá eu me interessava muito por criação, arranjar, identificar o que é macho, o que é fêmea como cria, filhote."

(S07.10) "- Exatamente... Não há resposta do animal; mas mesmo sem esta resposta, o que há é uma satisfação quando você consegue captar, obter alguma coisa, mas não é a interação que você tem com animal doméstico..."

5.1.3 - O animal promove observação atenta e prazerosa.

(S14.10) "- Bem, eu não sei de onde vem esse meu interesse por bicho, não é? mas... o bicho me prende os olhos... Eu gosto de ver... Pode ser um gosto, eu gosto de ver qualquer bicho... Desde inseto até mamífero que é mais complicada..."

(S14.34) "Eu me lembro que minha mãe dizia que eu passava *hooras* a fio, sentado na calçada olhando para o chão. Eu acredito que foi nessa ocasião que eu comecei a prestar atenção em formiga... Naquela cidade vazia de movimentos, de acontecimentos... cidade do interior... Então a gente tinha aquelas longas tardes vazias e talvez a formiga ajudasse a passar o tempo. Talvez viesse daí. Eu sempre... acompanhei muita... sempre olhei muito esses bichinhos..."

(S14.35) "Descoberta é encantamento, dá ansiedade, apresenta um mistério para ser resolvido, um quebra-cabeça, trabalhar com bicho para o bem do ser humano."

(S14.36) "Quando eu estava vendo formiga eu não via as horas passarem. Eu tinha até mesmo, eu sentia o coração bater na nuca de tão ansioso... de tão encantado que eu ficava com aquilo... e aquilo era um desvio, era alguma coisa que eu fazia assim... pecaminoso. Parecia pecaminoso. E tinha o sabor de um fruto proibido."

#### 5.1.4 - Proporcionar disponibilidade ininterrupta de afeto.

Esta seria uma das vantagens fundamentais do animal para o ser humano, estar sempre disponível e acessível, e ser uma fonte previsível, constante, de afeto.

O animal se constitui em fonte de afeto, permite desafogar afeto.

(S09.11) "Mas é gostoso você ter um bicho com você, eu sempre tive. Eu tive o Flamboyant, logicamente eu não carregava o cavalo pra cima e pra baixo para onde eu fosse, mas era diferente. Toda vez que eu tinha a necessidade de estar com ele eu ia pra lá, eu tinha acesso àquilo 24 horas por dia, não tinha o mínimo problema."

#### 5.1.5 - A posse do animal traz felicidade para a criança.

Inerentes à felicidade estariam talvez a disponibilidade de afeto e a de companhia. O termo "radiante" parece muito bem empregado para qualificar este momento na vida de uma criança.

Notar que a filha de S10 exibe comportamentos semelhantes ao do menino de S02, quando ela soube que iria ganhar um cachorro. Pergunta-se se esta forma de alegria é mais apanágio de crianças, se os adultos perderam esta espontaneidade.

(S10.4) "... Foi aquela alegria no carro porque ela... ela não queria acreditar... ela abraçava... ria sozinha..."

(S02.6) "... Ai veio com o peixe dentro do saquinho de plástico, radiante, né?... feliz da vida!!!"

(S02.7) "Que era o peixe dele, o primeiro bichinho dele, sabe?"

(S02.10) "Todo dia ele vinha olhar o peixe que é dele, como é, como que não é."

(S02.14) "... Ele ficou radiante com o peixe e... não é que o peixe era uma peixa!!!"

(S02.12) "Então todo dia ele vinha olhar o peixe, dava comida para o peixe."

**5.1.6 - A presença do animal centraliza atenções da família para um evento que trouxe alegria e, também, foi um evento instrutivo.**

(S02.14) "... Ela [a peixa trazida pelo menino] deu peixinhos, um monte de peixinhos, sabe? E foi uma alegria aqui!!! imagine!!! quem diria!!! Nós nunca tínhamos visto e depois foi de um dia para o outro... quer dizer quando amanheceu e nós vimos aqueles peixinhos todos lá,

foi a maior alegria, viu?"

**5.1.7 - O animal é companhia lúdica para criança.**

(S02.34) "... Brincava [com os cachorrinhos] do lado de fora, nunca dentro de casa."

(S14.6) "Mas no geral, os bichos que a gente tinha era por causa da minha filha que era pequena e a gente achava que devia dar para ela.. . Para dar um pouco de afeto, de companhia e distração também."

**5.1.8 - O animal é catalisador de relacionamento social -**

"lubrificante social", segundo a terminologia proposta pelo autor inglês Messent (1983; 1984). Apresento dois episódios de facilitação social.

**Facilitação social. Relato de S04.**

(S04.2) "Minha intuição é que a gente anda pela rua e nem vê quem está andando, especialmente longe da casa da gente."

(S04.3) "E quando a gente sai com o cachorro, a gente começa a reparar nos cachorros, nas vizinhas e através dos cachorros a gente começa a conhecer as donas, a gente pergunta o nome e depois a gente acaba se cumprimentando, se conversando."

(S04.4) "Isso tem acontecido comigo, com a Fátima. Demais, demais!"

(S04.5) "[Conheci] Muito mais! Muito mais pessoas. Já sei quem mora num lugar, quem mora

noutro. Também sabia as pessoas onde moravam e até mesmo os cachorros, porque eu gosto de cachorro; não reparava. Hoje em dia, sei o nome de todos os cachorros do bairro. Há pouco saímos, encontramos o Dic, "Alô, Dic", ou então, "Boa tarde, como vai o Dic", essas coisas todas que não aconteciam antes."

(S04.6) "E é muito interessante! A Fátima então fez um círculo de amizade enorme através do Dalton. Conversando com empregadas também que levam seus cachorros, as donas dos cachorros."

(S04.7) "A Fátima pega de um modo geral as empregadas, porque ela sai muito cedo e o patrão não sai cedo, o patrão vai para o emprego. Então, de um modo geral a Fátima pega as empregadas que saem com... as babás dos cachorros; e ela conversa."

(S04.8) "E eu, quando, saio à tarde, a hora que... que as madames passeiam. Ai, eu já fico conhecendo as donas e eu sei que são os mesmos por causa dos nomes dos cachorros."

(S04.9) "São os mesmos! Por causa do nome dos cachorros e às vezes eu estou com a Fátima, eu percebo, eu sei que são os mesmos, né?"

(S04.10,11) "E a gente fica conversando, patrão, empregada, cachorro, nome, tudo através do Dalton. O Dalton aproxima as pessoas."

#### Facilitação social. Relato de S13.

(S13.7) "Eu não sei se ela foi mais vezes..."

mas a família se aproximou um pouquinho da velha... ligavam mais pelo telefone... [Depois que a senhora de idade demonstrou amor na presença de um cachorrinho.]”

(S13.12) “Ela viu a situação da velha... que a velha está mais cega que nunca... mais só que nunca, porque ela recebeu com tanto carinho o cachorrinho?”

(S13.13) “Porque ela estava **secaada... sem amor, está entendendo?** Ela estava **seeca, seeca** dentro de si, **sem viida, sem comiida.** Aquilo foi, sabe? eu acho...”

(S13.14) “Aí vieram o irmão da neta, o neto postigo... também às vezes ligava para ela. E a nora, a mulher do neto também perguntou por ela, pelo menos. Os netos perguntaram à mãe - que é filha postiga - porque ela não ia lá, então ela também foi sacudida, porque ela tinha deixado de visitar a velha, de tão magoada que ela estava com ela. Ela não deixava emprestar um livro que ela não podia ler... Ela era ruim, puxa vida.”

#### 5.1.9 - O animal faz rir.

(504.17) “Fiquei conhecendo o vendedor de doce, que eu nem tinha ideia que existia esse vendedor de doce. Uma série de pessoas que eu fiquei conhecendo. Agora, realmente, quando o Dalton... Ele gosta do Dalton. O Dalton tem uma imagem bonita e ele ri... Ele começou a rir para mim, eu comeci a rir para ele e depois também tive que segurar o Dalton, para o Dalton não fazer

xixi na cesta dele, né? E aí a gente ficou amigo. E agora quando eu não estou com o Dalton ele já ri para mim, diz boa tarde, essa coisa toda."

(S04.18) "Então, é muito positivo nesse sentido, a aproximação dos seres humanos. Eu acho isso, especialmente numa cidade grande é uma coisa importantíssima. Eu acho que numa cidade do interior todo mundo se conhece, não precisa um cachorro para aproximar, mas aqui é. E a gente fica conversando, patrão, empregada, cachorro, nome, tudo através do Dalton. O Dalton aproxima as pessoas"

#### 5.1.10 - O animal propicia reassentramento emocional.

(S06.41) "Na minha vida? Nem comparação! Melhorou... eu me sinto mais calma. Parece que eu já não estou mais sozinho quando minha mulher sai, sabe? Parece que eu tenho sempre uma companhia junta. Parece que as coisas vão melhor. Meus nervos se acalmaram, eu era muito nervoso, já não sou."

(S15.28) "É interessante quando você chega - às vezes eu chego de madrugada em casa - ela, praticamente, fica me esperando. Sabe, sobre o que você falou que a gente quer descobrir um amigo e entra o interesse do ser humano pelo animal em questão que é o cachorro..."

(S09.10) "Além do que vai ser uma companhia... porque a solidão... não é solidão a solidão que o pessoal fala..."

5.1.11 - O animal é companhia constante.

(509.4) "Então... um cão... realmente vai me dar, ou eu acredito que me dê, porque eu já tive outros cães... ele vai me dar companhia... ele vai... me entender... ele vai... sempre estar do meu lado. Eu sei que os cachorros são assim com a gente..."

(514.7) "- Bem... se fosse por mim mesmo, tendo uma morada fixa, eu gostaria de ter. Eu sempre quis ter um Pastor Alemão... é uma lembrança de infância, não é? Quando eu era pequeno... eu devia ter meus 12 anos... eu andava muito com um filho de um açougueiro, e esse filho do açougueiro fez amizade com um Pastor, não sei o porquê. Esse Pastor passou a acompanhá-lo. Isso é uma coisa difícil de ver em Pastor."

5.1.12 - A contemplação do animal tem efeito tranquilizador.

(506.42) "Eu passo estar nervoso como for. Pensa estar nervoso!!! Se eu chego perto dela... eu não consigo ficar nervoso. Olho para ela e já começa a conversar com ela e pronto, passa. Para o meu sistema nervoso, o melhor remédio foi ela. Por isso que estava desesperado, porque ela está aí, mas é uma só, não é?"

5.1.13 - O animal proporciona interesse pela fauna, pela natureza.

(508.13) "Por exemplo, meu pai gostava muito de roseira, de rosear, de mexer com planta e tudo... e eu comecei a me aproximar e aí comecei a gostar de ver gafanhoto, mosca... comecei ver

que era diferente. Mosca, por exemplo, em Belém, comecei a ver que tinha mosca diferente."

**5.1.14 - O animal proporciona benefícios materiais.**

(506.16) "- Porque quando eu comecei a gostar deste tipo de bicho, a primeira coisa que fiz em casa foi criar galinha... porque... eu precisava, a mesada minha era muito pequena, criava galinha e vendia ovo para obter dinheiro, mas depois criei coelho, depois tive abelhas, tudo no quintal de casa."

**5.1.15 - O animal proporciona prazeres substitutivos.**

Neste caso poderia haver uma fixação na privação de amor materno.

(506.33) "Por exemplo, fotografia. O que acho muito bonito é filhote de bico aberto, ninho. Ninho de filhote esperando mãe... mãe alimentando. Eu acho bonito, é um tipo de foto que eu acho bonito... passarinho com bico aberto e mãe alimentando. Então aquilo ali é interessante você ver, o bicho começa crescer, a plumagem das aves, a hora que cresce a parte de pena das aves, isto eu acho interessante também."

**5.1.16 - O animal se torna um substituto para desafogar o afeto, por ser disponível e tolerante.**

(509.6) "- E aí é que o cachorro... vai desafogar o afeto... essa necessidade de conviver que eu tenho. Isso eu espero. Acredito que isso vai desequilibrar menos as coisas, ou seja, vai fazer que isso fique menos desequilibrado."

**5.1.17 - O animal faz o ser humano reaprender a expressar sentimentos, é substituto de gente, é mais disponível e tolerante.**

(S09.9) "Eu acho que eu vou reaprender com este cão... a me expressar, a... ser mais natural, a ser menos ansiosa... a ser menos preocupada com o que as pessoas estão pensando a... por exemplo; não entrar em parafuso porque alguém não gostou de uma reportagem que na verdade eu não tive nada a ver, entende? Não assumir culpas que não são minhas; a não me sentir culpada."

**5.1.18 - O animal proporciona amor, afeto.**

(S10.19) "Quando a gente está triste elas vêm e ficam quietinhas sentadas perto da gente."

(S10.41) "Então a gente vê nessas cachorras que o animal retribui o amor do dono.... porque como nós gostamos muito delas, a gente percebe que elas também nos retribuem isso."

**5.1.19 - O animal ensina a criança a lidar com vida.**

(S11.9) "Eu estava querendo passar para ela que eu cuidei do cachorro, durante o tempo que ele ficou doente. Um mês depois que eu peguei ele.. . ele ficou com uma pneumonia e eu fiz aquilo tudo. Não tinha dinheiro para levar no veterinário, não tinha dinheiro para pagar táxi, não tinha nada. Mas eu consegui. Tinha que me virar, pegar ônibus..."

**5.1.20 - O animal dá amizade incondicional.**

(S11.11) "E eu estava contando isso pra ela; da amizade que ele tinha comigo;"

(15.31,32,33) "Ele sabe que você tem necessidade de ser protegido. Ele, na hora do perigo se torna um inconsequente, ele vai até as últimas vias de fato para a defesa. Nós que somos animais racionais, quando chega a um limite a gente pára. Independente disso, se você está necessitando de um calor... depois que ele se afina com você, ele é capaz de ficar do seu lado e dar aquele calorzinho."

**5.1.21 - O animal diminui isolamento de idoso, porque permite ao idoso demonstrar possuir qualidades afetivas.**

(S13.2) "O que ela conseguiu foi demonstrar o amor, o amor que todos nós temos dentro de nós, ela também conseguiu, finalmente, demonstrar amor, que todos nós temos dentro de nós, ela também conseguiu, finalmente, demonstrou amor."

(S13.3) "Ficou a-lu-ci-na-da com a cachorrinha... ninguém esperava isso. Todo mundo achou que ela ia dizer: "Olha, não deixe ele andar prá lá, ele vai sujar o tapete; não deixe ele andar para o Synteko, que vai arranhar o Synteko; não vai para o banheiro que lá tem que ser higiênico!"

**5.1.22 - O animal, é fonte de contato físico agradável e necessário.**

(S13.4) "Nada disso. Ela brincou com o cachorro, e botou no coolo e se encaaantou e pediu à

neta postiga de trazer o cãozinho muitas vezes."

(S16.14) "Mas ela [senhora de idade, com patologia renal] passou assim o tempo todo a estar alisando o gato,"

**5.1.23 - O animal proporciona amor incondicional.**

(S13.19) "Amamos nossa Dolly, porque, você sabe o amor de um cachorro é sem cobrança, é uma maravilha. Você desce 5 minutos na rua, quando você volta ela te recebe como se você tivesse viajado 6 semanas. Então... Dolly foi muito querida por mim."

**5.1.24 - O animal oferece assunto para relacionamento social.**

(S14.55) "E ele está bonito... e ela tem orgulho de ver que o bicho está bonito, conta para todas..."

(S14.56) "Um dos assuntos prediletos dela é falar sobre os cães e bichos... Assunto predileto assim... para as irmãs... para a família, e mesma para as pessoas estranhas."

**5.1.25 - O relacionamento com animal é mais fácil do que com ser humano.**

(S14.58) "Mas eu acho que eu tenho uma outra coisa com bicho. Eu tenho dificuldade pra lidar com gente."

(S14.59) "Agora, com bicho, não. Com bicho é mais fácil. É como você disse, eles suportam

mais, eles toleram mais. O cachorro, por exemplo, suporta... entende..."

**5.1.26 - O animal proporciona contato físico.**

(S14.61) "O cachorro para o seu dono... quando... ele está com as patas sujas de lama, ele vem te sujar a roupa, pula em você, te faz festa. Se ele fôr novo, então aí... ele te lambe o rosto..."

(S15.33) "Independente disso, se você está necessitando de um calor... depois que ele se afina com você, ele é capaz de ficar do seu lado e dar aquele calorzinho."

**5.1.27 - O animal promove o status do dono.**

(S15.15) "o seu ego fica muito mais valorizado porque você está com um tremendo cachorrão na rua e... "

**5.1.28 - O animal dá proteção e segurança.**

(S15.45) "Basicamente, a partir disso daí, depois que eu mudei para esta casa eu tenho uma segurança maior, não chega ser extremada mas, sabe a Beni é excessivamente preocupada com segurança. Acha que isso leva mais uma neurose, não é ?"

**5.1.29 - O animal simboliza a vida, para enfermos.**

(S16.4,14,15,16) "Então aí... eu fiquei imaginando se a gente pudesse deixar algo vivo... que simbolizasse a nossa passagem (...) e o ga-

to às vezes ficava ali como se esperando ela chegar, e aquilo deu a ela um novo sentido... o humor dela, que tava assim arrazado... e hoje ela está vivendo em função do apêgo a isto. Ela nunca olhou pros peixinhos. Começou a olhar, ela tá preocupada muito mais com a comida do gatinho do que com o neto dela, por exemplo. Então isso daí é que eu acho que... não é por acaso... não ocorre, à toa, quer dizer, algum significado muito mais sério, mais profundo deve acontecer neste tipo de vínculo."

(S16.8) "Ele [o animal] passa a ser sim, pra esse pessoal que durante cinco horas procuram não se olhar, passa a ser uma coisa extremamente importante, porque cada um por dentro tá terrivelmente angustiado, e o bicho permitiria que pudesse ter esse tipo de troca de coisas, que... um tivesse um amparo no outro, porque eles estariam ligados por um elemento comum que seria o animal. Ao menos eu estou imaginando que fosse."

(S16.16) "(...) Porque é um elemento vivo, que toca, que gosta de ser coçado, que gosta de carinho, que vem encostar, que vem... Então aquilo... é muito mais forte que qualquer tipo de medicamentos, de psiquatria, psicoterapia, não sei do quê, enfim (...) Que se ele não sentir que ele tem uma razão, que seja por um gatinho, que seja por uma borboleta ou seja por algo que seja vida, ela passa a não ter razão nenhuma para esperar o amanhã."

5.1.30 - O animal supre carência de afeto da pessoa, desinteressadamente.

(S16.16,29) "(...) Nessas alturas o gato vem... em função... daquilo que não tem da filha, que não tem do outro filho... Então o gato passou a ter um significado desta natureza (...) a primeira coisa certamente... que eles vão ver é aquilo que tá vivendo. Que é exatamente aquilo que tá identificado com o processo que ele tá perdendo... que é o grande tesouro dele... que é a própria vida!"

**5.1.31 - O animal socorre o doente, presta-lhe serviços, além de ser companhia.**

(S16.35) "- é falava e tinha assim... falava com alguma dificuldade, mas falava... e conseguia movimentar um pouquinho os olhos e fazer algum sinal com o olho, que o cachorro aprendeu a ler. Bom, de repente o cachorro ia lá e puxava alguém da família pra ir, porque sabia que ele precisava de alguma coisa, que ele não poderia fazer."

**5.1.32 - A presença do animal faz idoso ter-o que-fazer.**

Com isto se cria para o idoso um compromisso com algo vivo, ele tem que cuidar no sentido de se preocupar com o bem-estar dos animais, ele se envolve em atividades que envolvem um outro ser.

(S17.13,14,29) "- Só tem aquários e tem os passarinhos, né? e esses passarinhos realmente, o meu pai fala que ele tem os passarinhos para continuar a viver. Criou-se assim, nele [o pai de 82 anos], uma obrigação de tratar dos bichos, então ele se dedica, perde o dia, a manhã

*inteira, parte da tarde, cuidando dos bichos. Isso pra ele é uma motivação, sabe? uma necessidade que ele tem de cuidar de alguma coisa, né? Naturalmente ele deve ter a sua recompensa (...). Na cabeça dele é absolutamente necessária tratar dos bichos todo dia (...). Acho que é uma espécie de compromisso, né? e que no fundo mantém ele ligado em alguma coisa viva que depende dele. Uma, é uma coisa assim que ficou, ficou transferida pra ele, e ele aceitou."*

## 5.2 - BENEFÍCIOS OU MALEFÍCIOS? ALGUMAS REFLEXÕES.

Entre as coisas a que os donos de animais de estimação dão mais valor estão a lealdade, a honestidade, a espontaneidade. Os donos de animais percebem que a relação com o animal é benéfica porque nela não entra julgamento por parte do animal: a natureza acrítica do animal permite que a pessoa dê vazão aos seus sentimentos sem experimentar o embaraço que experimentaria se o fizesse com seres humanos. Ao manifestar suas emoções para com um animal, uma pessoa pode ser apenas afetiva sem precisar ser também racional. A necessidade emocional que o animal satisfaz mais freqüentemente é a de o sentir-se o ser humano aceito.

Se é verdade, como se viu, que o animal de estimação ao longo de sua trajetória, depende em tudo do ser humano, também o é que muitas pessoas têm uma dependência muito grande em relação ao animal. As pessoas que têm problemas de relacionamento humano acham mais fácil relacionar-se com animais, e consideram que a demonstração de afeto dada pelos animais é mais sincera e mais desinteressada que a de conspecíficos.

Em alguns dos depoimentos surgiram críticas ao relacionamento excessivamente afetuoso relatado como existindo entre seres humanos e animais, relacionamento esse onde o animal é um

substituto para interações entre humanos. A crítica, enunciada na forma de perguntas persistentes, é se é válido "esbanjar" tanto afeto num animal, e se não seria mais justo dedicá-lo a crianças carentes, a idosos, a favelados? Tem-se que responder estas perguntas ou críticas olhando para a personalidade da pessoa que "desafoga afeto" num animal. Seria ela capaz de se relacionar satisfatoriamente com crianças carentes? Tem ela treinamento e atributos para isto? Tem tempo, temperamento, disposição? Claro, para a consciência social o animal ocupa um nicho ecológico praticamente de parasita. Mas o faz porque o ser humano assim o deseja. Ele achou no animal uma fonte inesgotável de benefícios, ele encontrou no animal um tipo de relacionamento que os outros seres humanos não são capazes de dar, na quantidade e com a presteza com que o animal o faz.

É importante indagar se a contrapartida que oferecemos por esses benefícios faz justiça a, ou respeita, os direitos do animal a sua animalidade.

## CAPÍTULO VI

O animal como entidade no mundo vivido pelo seu dono.

## 6.0 - O ANIMAL COMO ENTIDADE NO MUNDO VIVIDO PELO SEU DONO.

Os animais que emergiram dos relatos, quer fossem animais de sangue quente, quer fossem animais de sangue frio, quer ainda fossem animais apreciados e de posse desejada, quer fossem animais não estimados e de posse não desejada, eram, todos, animais singulares, *sui generis*. Não obstante isso, cada um desses animais possuía atributos em comum com alguns outros. Tais atributos resultavam, menos de um parentesco ou similitude real entre os animais, do que do fato de que os sujeitos individuais encaravam os animais sob alguns pontos de vista básicos. Estes pontos de vista, des-velados por um conjunto de atributos comuns, me parecem expressar três atitudes ou três interesses diferentes com que o conjunto de sujeitos entrevistados podia encarar os animais:

- um interesse prático do homem rural.
- um interesse zoológico do homem silvestre: é um gosto pelo selvagem, pelo silvestre, gosto zoológico, gosto esse que não implica em "estimação". É um "imprinting" no animal, que se nota nos sujeitos cuja infância foi passada no mato, como o foi a infância de S14 e S08,
- e há um interesse afetivo, do homem urbano, um interesse psicológico.

Correspondentemente a esses interesses, pareceu-me que os animais a que os vários sujeitos se referiram poderiam ser classificados em 3 ordens distintas, a saber:

### 6.1 - A ORDEM DOS ANIMAIS UTILITÁRIOS.

Nesta ordem se situam todos os exemplos de animais utilizados para consumo ou para serviço. É o porco abatido (S18 e S20),

são as galinhas criadas para ovos ou produção de corte, o cão de guarda que vai prestar serviço no sítio (S19), as abelhas (S08), o gado (S18 e S14), etc.

## 6.2 - A ORDEM DOS ANIMAIS SILVESTRES.

Enquadram-se aqui os animais olhados pelo prazer de olhar, pelo fascínio que exercem. Vale a pena frisar que este olhar não significa necessariamente fazer pesquisa, pode ser o olhar apenas pelo olhar.

## 6.3 - A ORDEM DOS ANIMAIS PSÍQUICOS.

São animais únicos, criações da vivência de cada um, depositários de atributos e projeções do seu dono.

Aos animais dessas três ordens dei nomes genéricos, à guisa do que Jorge Luis Borges (1985) fez no seu "O Livro dos Seres Imaginários." <sup>4</sup> Escolhi o nome de acordo com o animal que retratava de maneira mais marcante a classe considerada.

---

<sup>4</sup> Borges, J. L. e Guerrero, M. O livro dos seres imaginários. Porto Alegre: Globo, 1985.

## 6.1 - ORDEM DOS ANIMAIS UTILITÁRIOS.

### a) - O porco.

*"... uma coisa da natureza... e que é pra servir o ser humano..." (S18)*

é um curioso animal, cujo grito de morte tem o poder de arrepiar uma menina criada em meio urbano, cuja matança evoca lembranças de uma festa, de um rito atávico, de conagração para um menino criado em meio rural. Ele é um animal híbrido, que engloba tanto o animal que "se eu o conheci, prefiro não ver morrer", como as galinhas que depois de terem dado ovos também têm que ser relutantemente sacrificadas, bem como o coelho criado para dar lucro. Engloba também a criação de abelhas do padre, lá em Belém, as vacas leiteiras e o cão de guarda do sitiante: animais cuja utilidade vem em primeiro lugar.

## 6.2 - ORDEM DOS ANIMAIS SILVESTRES.

### a) - A formiga.

*"Eu estava vendo uma formiga que tinha uma experiência individual... que parecia colorir... de significado o ambiente dela." (S14)*

A formiga é uma versão do animal de pesquisa, vertebrado ou invertebrado, grande ou pequeno. O animal de pesquisa pode ser qualquer tipo de animal, de qualquer espécie. Ele concretiza a curiosidade científica, a vontade de saber, a maravilha da descoberta e o saber do inesperado. Após uma vida dedicada à pesquisa com animais S14 comenta: "Descoberta é encantamento, dá ansiedade, apresenta um mistério para ser resolvido, um quebra-cabeça... trabalhar com o bicho para o bem do ser humano". O pesquisador entra numa relação de um

quase afeto, o animal se torna único, cativa. Diz S07: "Você acaba vendo... o bicho bonito, charmoso, o sapo, aquele bicho horrível... ele é lindo... é uma beleza..." Sua sobrevivência ou morte são muito importantes, suas necessidades são rigorosamente atendidas. Ele não interage com o pesquisador como o faz o animal doméstico, mas se estabelece entre ambos uma relação *sui generis*, onde as satisfações variam de acordo com os objetivos da pessoa. O que melhor caracteriza a relação que se estabelece entre o pesquisador e o animal de pesquisa são as palavras da raposa de Saint-Exupéry <sup>1</sup>.

" - a gente só conhece bem as coisas que cativou - disse a raposa.

### 6.3 - ORDEM DOS ANIMAIS PSÍQUICOS.

Divide-se em duas sub-ordens: Os xerimbabos e os animais-que-não-querer-ter.

#### 6.3.1 - Sub-ordem dos Xerimbabos.

**Xerimbabo** <sup>2</sup>: [Do tupi xerimãwa 'minha criação'.] Qualquer animal de criação ou estimação.

Entendo este "minha criação" no sentido físico de criar, mas também no sentido de ser produto de minha vivência. O xerimbabo é produto da vivência de quem o cria. O ról é variado. O primeiro animal dessa ordem com que nos deparamos é uma tartaruga.

#### a) - As tartarugas.

##### a.1) - A tartaruga comunicativa.

<sup>1</sup> Saint-Exupéry, A. O pequeno príncipe. São Paulo: Agir, 1982, 67.

<sup>2</sup> Ferreira, A.B. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

A tartaruga comunicativa de S06 é uma tartaruguinha d' água que, além de entender o dono, faz companhia, brinca, faz festa, se exhibe para crianças, discrimina entre o dono e a filha deste, procura a companheira morta e acima de tudo acalma os nervos do dono. As maneiras de S06 se comunicar com essa tartaruguinha estão relatadas com mais detalhes no capítulo referente a "Comunicação". Para outros sujeitos dessa pesquisa, essa tartaruga assume a aparência de peixe, de papagaio, de gato ou cachorro.

a.2) - A tartaruga refúgio.

É uma tartaruga cuja presença oferece um refúgio para um menino que sofre debaixo da personalidade autoritária do pai (S14). A presença dela para o menino é encantamento, conforto, esquecimento da realidade. A relação afetiva do menino com a tartaruga faz o pai "exercer mais uma vez o seu poder", usar de sua autoridade para obrigar o filho a se desfazer daquele animal. Qualquer animal é capaz de oferecer esta fuga da realidade, este fazer-nos esquecer as preocupações do cotidiano e qualquer animal está sujeito a ser despejado se isto convier a quem detem o poder dentro do núcleo familiar.

a.3) - A tartaruga neurótica.

É um jaboti de aproximadamente 34 anos, vive numa casa com quintal e jardim grande. Quem inicia o diálogo é a dona da casa (SC05).

" - Você já viu uma tartaruga neurótica?

- Como?

- É... tartaruga que quando fica brava corre feito louca e bate com a cabeça no portão da

rua.

- Mas o que vocês fazem pra deixar ela brava?

- Bom, por exemplo, ela deu pra gostar de ficar embaixo do meu carro na passagem do carro - então quando tira ela daí ela fica brava... mas não é só isso, de um aluno meu... mim, ela também não gosta dela e ela correu outro dia ele foi mexer na calça. Pra comer atrás dele, deu uma dentada na calça. Pra comer então, tem dia que parece criança malcriada, faz birra, sabe criança de fazer isso porque pé e mão? Agora ela deu essas ameixas argentinhas, descobriu que ameixa que banana - então ela passa em cima da banana e fica lá toda esparramada. [Enquanto SC05 estava contando isso, pediu para trazerem o jaboti e saltar no chão. Está-vamos mais ou menos perto da porta da casa, entre nós e a casa havia um gramado. A tartaruga enveredou pelo gramado e em dado momento mudou a trajetória como querendo alcançar a porta da casa, SC05 então disse:]

- Dá licença um pouco que preciso fechar a porta, senão ela me entra dentro de casa e sujatudo, só de raiva e você sabe que fez de tartaruga...

- Mas ela vai entrar agora e sujar?

- Ah, garanto... você não sabe... quando minha empregada briga com ela ela vai lá no quarto e suja tudo...

rua.

- Mas o que vocês fazem pra deixar ela brava?

- Bom, por exemplo, ela deu para gostar de ficar embaixo do meu carro ou na passagem do carro - então quando tiro ela daí ela fica brava... mas não é só isso, não. Ela não gosta de mim, ela também não gosta de um aluno meu... outro dia ele foi mexer com ela e ela correu atrás dele, deu uma dentada na calça. Pra comer então, tem dia que parece criança malcriada, faz birra, sabe criança que deita no chão, bate pé e mão? Agora ela deu pra fazer isso porque ela descobriu que ameixa, essas ameixas argentinas, são mais gostosas que banana - então ela passa em cima da banana e fica lá toda esparramada. [Enquanto SC05 estava contando isso, pedi para trazerem o jaboti e soltar no chão. Estávamos mais ou menos perto da porta da casa, entre nós e a casa havia um gramado. A tartaruga enveredou pelo gramado e em dado momento mudou a trajetória como querendo alcançar a porta da casa, SC05 então disse:]

- Dá licença um pouco que preciso fechar a porta, senão ela me entra dentro de casa e suja tudo, só de raiva e você sabe que fezes de tartaruga...

- Mas ela vai entrar agora e sujar?

- Ah, garanto... você nem sabe... quando minha empregada briga com ela, ela vai lá no quarto e suja tudo...

[a tartaruga, para satisfação minha, ignorou a porta aberta e continuou no seu caminho: enveredou para o o outro lado da casa]. *Justifica SC05:*

*"É, vai ver que a Alice [a empregada] pôs a comida dela, então ela foi comer."*

A tartaruga neurótica assume aparência de qualquer animal idiossincrático em seus modos de se comportar e frequenta muito o consultório do modificador de comportamento animal.

b) - O inefável cão.

*"Tem outros animais inteligentes, mas cachorro é um 'traço diferente'..." (S15)*

é o cão de todos que têm esse animal e dele gostam, que faz proezas, é inteligente, entende o dono, faz companhia, compartilha alegrias e tristezas, que é único. Vejamos as qualidades que ele possui:

Ele é afetuoso, ele domina gatos, ele é bravo, mas nunca com o dono, ele é interessado na gente, é atento, tem capacidade de percepção notável, é esperto, vivo, é espontâneo, ele tem falta de cerimonia, ele é carinhoso, sabe diferenciar quem é bom, quem é para morder, ele dá amor sem cobrança, ele é bonito, perfeito, um diamante limpo, ele é incapaz de ferir o dono, machucar... sabe que você tem necessidade de ser protegido, vai até as últimas vias de fato para defendê-lo.

c) - Os gatos.

*ODA AL GATO* <sup>2</sup>

*Los animales fueran  
imperfectos,  
largos de cola, tristes de cabeza.  
Poco a poco se fueron  
companiando,  
haciendo-se paisaje,  
adquiriendo lunares, gracia, vuelo.  
El gato,  
sólo el gato  
apareció completo  
y orgulloso:  
nació completamente terminado,  
camina solo y sabe lo que quiera.*

c.1) - o gato amigo.

é um gato especial, que acompanha o dono ou a dona em passeios ou compartilha de suas atividades diárias, é "o bicho que mais sente a ausência do dono", é independente, mas precisa ser protegido, é grande, valente, leal, comunicativo, amoroso... Como todo bichano de sua espécie, morre antes de seus donos, deixando muita saudade. Esse gato é **sui generis**, não personifica nenhuma outra espécie animal: é gato mesmo, mas gato de quem gosta de gato.

c.2) - o gato terapeuta.

é um animal que simboliza a vida para o doente. Sua presença faz o doente mostrar interesse pelas coisas que o rodeiam, substitui o afeto que a família lhe nega, isto porque, diz

<sup>2</sup> Neruda, P. Antologia poética. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio Editora, 1976, 202.

S16: "... é um elemento vivo, que toca, que gosta de ser coçado, que gosta de carinho, que vem encostar, que vem... Então aquilo... é muito mais forte que qualquer tipo de medicamento, de psiquiatria, de psicoterapia..."

d) - Os peixes.

d.1) - A "peixa" pedagógica.

A "peixa" foi doada para um menino na escola e vai para um lar onde a dona de casa reitera: "Acho que bicho me dá trabalho". Foi admitido no lar porque poderia tornar-se um instrumento pedagógico para mostrar à família que a dona da casa tinha possibilidade de manter um relacionamento com um animal. Outras qualificações da "peixa" para entrar num lar são: permanência em local circunscrito, ter sobrevida curta, dar pouco trabalho. Este peixe, ou melhor "a peixa" tem a capacidade de deixar uma criança radiante, é do sexo feminino, propicia o milagre do nascimento de peixinhos e com isso ela contribui para a alegria da família. Assim como a "peixa" outros animais são dados para as crianças: Na páscoa aparecem os coelhinhos, os pintinhos sobressalentes de alguma granja, os patinhos, animais promocionais dados até em porta de supermercado... No natal os anúncios nas seções especializadas incitam os parentes a comprarem "animais ótimos para criança"... Estes animais promovem muitas vezes uma alegria passageira, são o brinquedo novo, que quando cansa é descartado.

d.2) - O peixe ornamental.

Este peixe pertence a uma família onde bicho é importante, onde sempre houve tradição de ter animal, mas não se quer ter mais animais, tipo cão e gato, com os quais no passado se formaram laços afetivos fortes. O cuidar-dos-peixes traz benefícios para um senhor de idade, viúvo, que se mantém ocupado. Na família o peixe é visto com objetividade científica,

as pessoas sabem de suas necessidades e procuram atendê-las. Deste ponto de vista o peixe é idêntico a passarinhos ou outros animais criados no sentido de ser um **hobby**, uma atividade agradável, sem envolvimento emocional.

Este peixe tem parentesco com o "gato terapeuta" quando se analisa sua função junto à pessoa que cuida. A filha, S17, constata: "É uma espécie de compromisso e que no fundo mantém ele [o pai] ligado em alguma coisa viva que depende dele."

**e) - O papagaio-filho.**

*"Uma afetividade enorme, toda a afetividade dela jogada encima daquele papagaio..."(S21)*

É o papagaio substituto de filho primogênito, tratado feito criança, educado no "estilo humano", mimado. Supre carência afetiva em detrimento de ligações com outros seres humanos. No seu papel ele é substituído por muitos animais: cachorros, gatos, tartarugas, saguis.

**f) - O bode expiatório.**

Conhecido desde a antiguidade, reaparece na figura da araponga que é detestada no lugar do padrasto (S20), e na figura do gato da cliente de SC04. Trata-se de um animal manso, próximo, indefeso, sempre disponível para qualquer desabafo provocado pelas frustrações que o dia-a-dia traz para o ser humano.

**6.3.2 - Sub-ordem dos animais que-não-querer.**

Esta sub-ordem compreende as seguinte variedades:

**a) - O bicho que cerceia minha liberdade.**

é o mais importante dos animais que não quero ter porque ele me impede o livre trânsito, ele impede que me ausente a meu bel-prazer. Não digo claramente que é ele que me tolhe a liberdade, mas argumento que não quero vê-lo sofrer solidão e maus-tratos, passar necessidade. Ele é um **en-cargo** que não quero assumir.

**b) - O bicho trabalho.**

Por ser um bicho do qual não tenho necessidade, só vejo os lados desagradáveis: ele suja, estraga as plantas, adoece e transmite doença, precisa de trato e dá despesa, cheira mal, exige banho, enfim é um desconforto..

**c) - O bicho que me faz medo.**

*"... uma noite o gato pegou a criancinha pelo pescoço e abriu a jugular..." (501).*

Ele é traíçoeiro, ciumento, mais forte que eu, ataca crianças indefesas e adultos, me assusta de noite, tem óbvio parentesco com o lobisomem, o bicho-papão e a mula sem cabeça. Os representantes de menor porte desta variedade incluem as baratas, as aranhas, os sapos, as cobras, os ratos... O sobrenome de todos eles é Pavlov.

**6.3.3 - Reflexões sobre o bicho que não quero ter.**

Se eu olho para o conjunto desses bichos, noto que representam a resistência que experimento em modificar meu modo de ser, que me obrigam a desistir de coisas importantes em minha vida, que me forçam a sair de meu natural e de meu conforto, bem como a um envolvimento afetivo que não quero ter.

é o mais importante dos animais que não quero ter porque ele me impede o livre trânsito, ele impede que me ausente a meu bel-prazer. Não digo claramente que é ele que me tolhe a liberdade, mas argumento que não quero vê-lo sofrer solidão e maus-tratos, passar necessidade. Ele é um **en-cargo** que não quero assumir.

**b) - O bicho trabalho.**

Por ser um bicho do qual não tenho necessidade, só vejo os lados desagradáveis: ele suja, estraga as plantas, adoce e transmite doença, precisa de trato e dá despesa, cheira mal, exige banho, enfim é um desconforto..

**c) - O bicho que me faz medo.**

*"... uma noite o gato pegou a criancinha pelo pescoço e abriu a jugular..." (501).*

Ele é traíçoeiro, ciumento, mais forte que eu, ataca crianças indefesas e adultos, me assusta de noite, tem óbvio parentesco com o lobisomem, o bicho-papão e a mula sem cabeça. Os representantes de menor porte desta variedade incluem as baratas, as aranhas, os sapos, as cobras, os ratos... O sobrenome de todos eles é Pavlov.

**6.3.3 - Reflexões sobre o bicho que não quero ter.**

Se eu olho para o conjunto desses bichos, noto que representam a resistência que experimento em modificar meu modo de ser, que me obrigam a desistir de coisas importantes em minha vida, que me forçam a sair de meu natural e de meu conforto, bem como a um envolvimento afetivo que não quero ter.

CAPÍTULO VII

Considerações finais

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando-se os vários momentos da trajetória, benefícios e imagem projetada do animal, nota-se que há pontos comuns, que aparecem com mais frequência, e episódios isolados, que nem por isso deixam de ter importância.

Na busca de uma maior compreensão do que seja o significado psicológico do animal serão apresentados a seguir alguns tópicos que apareceram como constâncias nas vivências dos donos e não-donos de animais.

Desde que haja animal este deve de algum modo ter chegado à casa. Independentemente da forma, da modalidade de aquisição, uma coisa que me parece importante avaliar é quanto de livre arbítrio, de autonomia, havia nestas aquisições, e quanto não seria um fator de inércia, de se aceitar o animal, não por ter querido o animal, mas em atenção à pessoa que o deu, que o trouxe.

O relacionamento das pessoas da casa com o animal é diferente, há variação na intensidade do vínculo que cada integrante da família forma com o animal.

Nas famílias existe uma hierarquia que inclui o animal de estimação. Esta hierarquia tem uma figura dominante e é essa que opina sobre o destino do animal.

A pessoa que assume cuidar do animal necessariamente não é a que tem maior apego ao mesmo.

Há possibilidade de se desfazer o laço, isto é, terminar a convivência, em qualquer momento após o início da trajetória. Quando isto acontece após uma permanência curta, geralmente é a mando da figura dominante e traz traumas para

a pessoa que levou o animal para a casa.

O animal de estimação, principalmente cão e gato, mas também papagaio, ocupa uma posição na família que é de criança, podendo assumir as funções de filho.

O animal vivido é diferente para cada um dos sujeitos, depende das necessidades psicológicas de cada um.

O animal vivido, além de ser diferente do animal real, zoológico, se transforma em companheiro e amigo, se torna único. Nota-se que mesmo havendo vários animais na casa ou que o dono tenha possuído vários animais, há o animal especial, aquele com que se formou um vínculo afetivo mais intenso.

O animal pode também ser vivido não como amigo, mas como algo ameaçador.

Nestes casos as explicações se referem a episódios traumáticos reais ou imaginários que explicam a aversão da pessoa que os relata a determinado tipo de animal ou a animais em geral.

No final da trajetória do animal existe a possibilidade do re-início do ciclo, substituindo-se o animal desaparecido por outro da mesma espécie, ou de espécie diferente, e existe, também, a possibilidade de se tomar a decisão de não ter mais animal em casa. Essas alternativas são bastante influenciadas pelas condições de vida das pessoas.

No caso de pessoas idosas nota-se, ao contrário do esperado pela análise da literatura, uma tendência a evitar substituição de animal desaparecido. Na argumentação entram razões que denotam preocupação com a sobrevivência do animal no caso da morte do dono.

Os não-donos de animais admitem a existência de benefícios que o animal lhes possa trazer ou trazer a algum membro da família. No entanto, considerações de ordem prática comandam sua decisão de não possuírem animal.

Podem-se arrolar vários tipos de donos, de acordo com o tipo e quantidade de animal que possuem: assim, surgem os donos que têm preferencialmente gatos, os donos ecléticos que têm de tudo um pouco e o que chamo de mono-donos, donos de um animal só.

A morte, o desaparecimento ou mesmo o abandono do animal causa sofrimento ao dono desde que tenha havido formação de vínculo.

O processo de luto, quando da perda de um animal de estimação, se assemelha bastante ao verificado quando morre uma pessoa.

O desenrolar do processo de luto pode ser dificultado por problemas sociais que fazem com que a pessoa sinta embaraço ao mostrar o seu pesar.

Desde o momento de sua chegada até o final de sua vida o animal depende para sua sobrevivência do ser humano.

## CAPÍTULO VIII

Implicações para psicólogos e  
veterinários: O triângulo rea-  
parece

## B - IMPLICAÇÕES PARA PSICÓLOGOS E VETERINÁRIOS: O TRIÂNGULO REAPARECE.

O conjunto de depoimentos de possuidores e não-possuidores de animais apresenta o real vivido no seu dia-a-dia. O animal faz parte deste dia-a-dia não como animal, mas como uma entidade que recebe atributos, que é depositária de emoções e projeções. Se isto for verdade, e acredito que a leitura dos depoimentos o prova, o relacionamento ser humano-animal pertence à seara do psicólogo, precisa ser estudado por ele, pois, nesse relacionamento, são fatores psicológicos que estão em jogo: o animal deixou de ser animal no sentido biológico, cartesiano, e se transformou numa entidade *sui generis* de significado diferente para cada um dos entrevistados. O relacionamento com o animal em muitas instâncias é semelhante ao relacionamento humano-humano, com algumas diferenças. Uma dessas diferenças é que o animal não tem linguagem verbal (Simon, 1984). Contudo, dependendo da espécie, há capacidade de expressão bastante nítida, haja à vista que, para os sujeitos entrevistados, o peixe exprime descontentamento com o marido, a tartaruga conversa com o dono, cães e gatos têm posturas e vocalizações interpretáveis, sem mencionar o papagaio, dotado de fala. Outra importante diferença é a dependência praticamente total, especialmente em ambientes urbanos, do animal em relação ao seu dono. É necessário refletir sobre esta falta de emancipação do animal, pois em todo o reino animal têm-se exemplos dos pais que ensinam a cria a independer dos tutores: os pássaros expulsam os filhotes do ninho quando prontos para voar, a mãe urso abandona os filhotes para que adquiram autonomia de vida. Apenas o ser humano insiste em negar autonomia ao animal, obrigando-o a conviver no útero social.

Encarceramos muitos dos animais - ostensivamente para o bem deles - protegêmo-los de predadores animais e principalmente

do predador humano. O cárcere pode ser uma "gaiola dourada": um quarto de apartamento aquecido para um papagaio com gripe, o sofá com a almofada para o gato de estimação..., as variações são infinitas, mas todas têm por objetivo assegurar-nos acesso ininterrupto ao animal. À medida que o convívio com o animal de estimação se torna mais intenso, o relacionamento entre o dono e o animal torna-se mais complexo. Para exemplificar a complexidade do relacionamento ser-humano-animal no que respeita à intervenção de fatores psicológicos, os papéis que os animais podem assumir do ponto de vista psicológico, transcrevo, de forma condensada, o depoimento de uma psicóloga (SC04). Este depoimento apresenta mais claramente as projeções humanas de que o animal é depositário, certas formas extremas, até patológicas, de identificação, inculpamento e substituição.

O relato começa pela caracterização da paciente como sendo uma "moça de 30 e poucos anos, vivendo sozinha, apresentando uma carência afetiva bastante exacerbada, e por outro lado se mostrando como uma pessoa extremamente independente". A queixa principal da paciente era uma sensação de angústia "que ela sentia por não ter mais um tapete (...) ganho de um namorado pelo qual ela tinha um carinho muito grande, e que toda relação afetiva se deu a partir deste presente." O tapete tinha um significado da relação com o rapaz, que perdurou como "a coisa bonita do relacionamento" mesmo depois de o relacionamento ter acabado. A paciente também possuía um gato Angorá, macho, sendo que "o mesmo carinho que ela sentia por uma pessoa, ela sentia pelo gato." Um dia o gato estragou o tapete (fez xixi nele) e ela teve que se desfazer do tapete. Ela não conseguiu aceitar a perda daquilo e ficou com raiva do gato. Começou a usar o gato como válvula de escape. Em sua fantasia, o relacionamento com o rapaz ainda se mantinha e ela vivia na expectativa de reencontrar o mesmo carinho. O gato, ao estragar o tapete, "fez uma coisa ótima, arrumou uma desculpa de que o relacionamento deveria acabar". Diz a psi-

cóloga: "Na verdade ela buscava um bode expiatório não só nessa mas também em outras relações". O ter-que-cuidar-do-gato era desculpa para tudo que ela não queria fazer. Ela evitava sair porque sentia necessidade do carinho do gato. Procurava esconder das pessoas sua fragilidade, achava que as pessoas não iriam entender "como uma mulher tão forte fica ligada num tapete ou num gato". SCOS analisa o papel do gato como presença de alguma coisa muito boa para a paciente: ele era companhia, era o único que sabia da fragilidade da paciente, era "um amigo que talvez ela procurasse e que não encontrou numa pessoa, encontrou no gato. "Por outro lado, o gato ao estragar o tapete, obrigando-a a se desfazer do mesmo, fê-la encarar a realidade: o relacionamento estava terminado, mas como ela ainda não estava pronta para encarar este fato, ela culpa o gato pelo final do relacionamento, sente raiva dele. Ao mesmo tempo que ela sente raiva do gato, ela sabe que ele é o único ser com que ela podia contar em tudo. Então ela precisou aprender a lidar com a raiva para chegar à conclusão de que o gato, culpado de ter destruído o tapete, na realidade prestou-lhe um favor ao lhe mostrar que ela estava vivendo um relacionamento já acabado e resgatar os sentimentos positivos que ela tinha para com o animal.

Em síntese, o gato se tornou um gato-substituto-de-gente, ao mesmo tempo representante simbólico do namorado, um rival, um bode expiatório, e, finalmente, quando ela conseguiu aceitar o acontecido, um libertador ou benfeitor.

Merece ser lembrado, neste contexto, o relato clássico de Nisse da Silveira (1982) sobre Adelina, a moça frustrada nos amores pela mãe e que estrangula o gato, fazendo desse animal um bode expiatório.

Se esses dois casos focalizam o papel psicológico complexo do animal de estimação, neste momento eu gostaria de me reportar ainda uma vez aos benefícios apontados pelos meus entrevistados.

dos como obtidos a partir do relacionamento com um animal de estimação. Estes benefícios, relatados espontaneamente, se referem ao papel terapêutico do animal junto a pessoas idosas (S17), a pessoas marginalizadas por doença (S16), ao efeito calmante de sua presença (S06), ao suprimento de afeto e companhia, à sua ação de "lubrificante social". São benefícios reais, são sentidos pelos donos.

Não pretendo, ao dirigir-me a psicólogos e psiquiatras, recomendar-lhes que apenas se interessem pelo animal de estimação por sua utilidade terapêutica, peço que também se interessem por esse animal como parte de um relacionamento importante do ser humano na sua vida diária.

E quanto ao outro profissional envolvido, o veterinário - cabe a ele apenas o papel de curar o animal, de acordo com o que faz parte do nosso juramento: minorar sempre o sofrimento? Este sofrimento se refere apenas ao animal? Não estaria o dono nele incluído? Cada vez se evidencia mais o parentesco profissional entre veterinários, psicólogos e psiquiatras e todos aqueles que trabalham na área de ciências humanas. É preciso entender a psicologia da posse, saber das fases do desenvolvimento da criança para poder aquilatar a importância do animal, saber da importância do animal para uma pessoa que passou por uma crise, ter presente que os relacionamentos entre dono e animal muitas vezes são emotivamente carregados, que não se está na presença de um animal, mas do "filho" daquela pessoa, daquele casal. É preciso um reconhecimento de que o veterinário tem papel importante em ajudar a manter a saúde humana, devido à sua interação com gente e animais. Muitas vezes seu papel é de conselheiro, de mediador, de facilitador de decisões e de conforto em tempo de necessidade. O lema, o grande lema, é "curar quando possível, mas dar apoio sempre" (Voith, 1983).

Isto pode soar bonito - o dar apoio sempre - mas não esgota o

papel do veterinário. Há um aspecto do trabalho do veterinário que diz respeito a que ele exerça um papel preventivo, um papel educador junto à população, ou, numa escala menor, junto ao dono. A quantidade de animais que se tornam malquistos devido a problemas de comportamento é grande e vem aumentando dia a dia. Entender de comportamento animal, especificamente de aprendizagem, saber transmitir para o dono as noções básicas da Teoria do Reforço, levá-lo a moldar o animal, quando ainda filhote, de modo que se torne um animal adulto companheiro, obediente, fiel, amigo, seguro de si, são tarefas que cumprem ao veterinário clínico de pequenos animais, tarefas que ele poderia e deveria desempenhar, desde que para tanto houvesse a matéria devida no seu currículo. Examinei os currículos das escolas veterinárias do Brasil, verificando que em nenhuma se ensinavam noções de psicologia humana, quando isso seria de grande importância, pois, conforme foi citado por McCulloch e McCulloch (1981), para cada animal atendido o veterinário entra em contato com pelo menos 1,7 pessoas, e se o exame do animal leva um certo tempo, a conversa com o dono pode levar o dobro desse tempo. Tratar do ser humano, saber consolar, saber aquilatar o vínculo, o envolvimento humano, é importante na profissão veterinária, e há necessidade de se refletir sobre esse lado pouco explorado dessa profissão.

O conhecimento de alguns aspectos psicológicos do relacionamento ser humano-animal, por exemplo, o emprego terapêutico de animais, a morte de um animal e as emoções humanas, ansiedades e fobias, o uso em psicoterapia, o uso pedagógico de animais, as atitudes dos donos, a dependência emocional do ser humano com respeito ao animal, são apenas alguns dos tópicos já lecionados em escolas de veterinária dos Estados Unidos (McCulloch, Heidelbaugh, Hines e Eustad, 1983; McCulloch, 1984).

O ensino inclui, além de aulas teóricas e leituras, aulas de dramatização onde o aluno se defronta com os problemas huma-

nos da profissão veterinária e aprende a resolvê-los, muitas vezes solucionando antes alguma problemática pessoal.

Se tudo que escrevi até agora não convenceu às duas facções, aos veterinários de que é preciso entender o ser humano, e aos psicólogos, de que se faz necessário um escrutínio da relação homem-animal de estimação, talvez as linhas que se seguem, espero eu, o faça:

*A minha cachorra, a minha melhor amiga  
e companheira de sempre, ela morreu.*

*O que é a morte?*

*O que é a vida?*

*O que é o amor?*

*O que é a amizade?*

*Primeiro vou falar o que é a vida.*

*A vida é o princípio de tudo, é como o  
reflorecer do amor e nascer para alguma  
coisa.*

*Têm pessoas que morrem e fazem brotar  
em outra a plenitude da vida, porque  
ela foi essencial importante, foi real-  
mente e teve uma vida bem vivida e sig-  
nificativa. Outras é o lado pessimista  
da vida, em sua palavra aqui na terra  
plena. É o sentimento ruim porque deixa  
um vazio nos outros.*

*A minha cachorrinha, ele não falava mas  
sentia, ela não dizia mas resplandecia,  
ela para mim, foi minha amiga e compa-  
nheira... Um amigo não precisa falar*

*bem ou mal, ser inteligente ou fraco, forte, alegre ou triste ele tem que amar o outro e ser companheiro. Eu amei minha cachorrinha Fluflu.*

*Fluflu hoje eu gostaria que você estivesse perto de mim porque eu sou egoísta. Porque ninguém com dinheiro do mundo vai comprar como você foi importante para mim, eu te amo...*

Maria das Graças \*

---

\* Paciente com diagnóstico de esquizofrenia, do Hospital O. Pedro II, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Esta carta, que faz parte do acervo do Museu das Imagens do Inconsciente, foi-me gentilmente cedida pela Dra. Mariana Kitayama.

**Referências Bibliográficas**

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALMEIDA MELO, M. L. de Incurções no mundo vivido por professores e alunos. (um estudo sobre a relação pedagógica no Ciclo Básico da Puc). Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1986.
- ARKOW, P. Pet therapy: A study of the use of companion animals in selected therapies. 3a. ed. rev. Colorado Springs, Co-lo.: The Humane Society of the Pikes Peak Region, 1984(a).
- ARKOW, P. How to start a "Pet therapy" program. Colorado Springs, Co.: The Humane Society of the Pikes Peak Region, 1984(b).
- BAUN, M. M., BERGSTROM, N., LANGSTON, N. F. e THOMA, L. Physiological effects of petting dogs: influence of attachment. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 162-170.
- BECK, A. M. e KATCHER, A. H. Between pets and people. New York: G. P. Putnam's Sons, 1983.
- BECK, A. M. e KATCHER, A. H. A new look at pet-facilitated therapy. Journal of the American Veterinary Association, 1984, 184(4), 414-421.
- BELTRAN, J. L. O ensino de português no primeiro grau: a intenção que sustenta o discurso docente e a realidade vivida pelo aluno. Tese de doutoramento. Fonte-

fícia Universidade Católica de S. Paulo, 1986.

- PIEBER, N. Riding for the disabled in the U. S. Bulletin of the Delta Society, 1985, 2.
- BIERY, M. J. Riding and the handicapped. The Veterinary Clinics of North America, 1985, 15(2), 345-353.
- BORGES, J. L. e GUERREO, M. (1974) O livro dos seres imaginários. Porto Alegre: Globo, 1985.
- BRICKEL, C. M. The therapeutic roles of cat mascots with a hospital-based geriatric population - A staff survey. The Gerontologist, 1979, 19, 368-372.
- BUSTAD, L. Animals, aging, and the aged. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1980.
- BUSTAD, L. K. e HINES, L. M. Placement of animals with the elderly: Benefits and strategies. Paper presented at the International Conference on the Human/Companion Animal Bond, University of Pennsylvania, October 6, 1981.
- CAIN, A. O. A study of pets in the family system. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 72-81.
- CAMARA CASCUDDO, L. da Dicionário do folclore brasileiro. 5a. ed. S.Paulo: Livraria Itatiaia Ed., 1984.
- CAMERON, P., CONRAD, C., KIRKPATRICK, D. e BATEEN, R. Pet ownership and sex as determinations of stated affect towards others and estimates of others regard

of self. Psychological Reports, 1966, 19, 884-886.

CAMERON, P. e MATTSON, M. Psychological correlates of pet ownership. Psychological Reports, 1972, 30, 286.

COMISSAO PERMANENTE DE CONTROLE DA RAIVA. Relatório Anual das Atividades da C.P.C.R.. Documento de circulação interna. São Paulo, 1985.

CONDORET, A. Pour une biologie du comportement de l'enfant: sa relation à l'animal familier. Bull. Acad. Vét. de France, 1977, 50, 481-490. Citado por: Valièr-gue, H. R. J. Valeur pédagogique et psychothérapeutique de l'animal familier. Tese de doutoramento veterinário, école Nationale Vétérinaire D' Alfort, 1979.

CORSON, S. A. e CORSON, E. O'L. Pet-facilitated psychotherapy. Em: ANDERSON, R. S. (org.). Pet animals and society. Baltimore: Williams and Wilkins, 1975, 19-36.

X CORSON, S. A. e CORSON, E. O'L. Pets as mediators of therapy. Current Psychiatric Theories 1978, 10, 195-205.

CORSON, S. A. e CORSON, E. O'L. Pet animals as nonverbal communication mediators in psychotherapy in institutional settings. Em: CORSON, S. A. e CORSON, E. O'L. (org.). Ethology and nonverbal communication. New York: Pergamon Press, 1980, 83-110.

CURTIS, P. Animals are good for the handicapped, perhaps all of us. Smithsonian, 1981, 12(4), 49-57.

DARWIN, C. (1876) The descent of man. New York: Appleton-

Crofts, 1965.

- DEPAUW, K. Therapeutic horseback riding in Europe and North America. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 141-153.
- DISMUKE, R. P. Rehabilitative horseback riding for children with language disorders. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 131-139.
- FERREIRA, A. B. DE HOLANDA. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.
- FRIEDMANN, E., KATCHER, A. H., LYNCH, J. J. e THOMAS, S. A. Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. Public Health Reports, 1980, 95(4), 307-312.
- FRIEDMANN, E., KATCHER, A. H., THOMAS, S., LYNCH, J. J. e MESSENT, P. R. Social interaction and blood pressure: Influence of animal companions. Journal of Nervous and Mental Diseases, 1983, 171(8), 461-465.
- GIORGI, A. Phenomenology and psychological research. Pittsburg, Pa.: Duquesne University Press, 1985- pg.33 do texto, cap/3.
- HEIDEGGER, M. Todos nós... ninguém. Trad. Dala Critelli: São Paulo: Ed. Moraes, 1982, 33.

- HINES, L. Establishing a people-pet partnership program. Alameda, Calif.: Latham Foundation, 1982.
- HINES, L. Pets in prison: A new partnership. California Veterinarian, 1983, 35(5), 6-17.
- HOYT, J. A. Why the humane movement values pets in society. Em: Proceedings First Canadian Symposium on pets and society. Toronto: Canadian Veterinary Medical Association, June 21-23, 1976.
- KASTENBAUM, R. e AISENBERG, R. Psicologia da morte. São Paulo: Pioneira : Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.
- KATCHER, A., SEGAL, H. e BECK, A. Contemplation of an aquarium for the reduction of anxiety. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 171-178.
- KATCHER, A. H. e FRIEDMANN, E. Potential health value of pet ownership. The Compendium of Continuing Education for the Small Animal Practitioner, 1980, 11(2), 117-122.
- KELLERT, S. R. Attitudes toward animals: age-related development among children. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 76-88.
- KIDD, A. H. Human benefits from the human/companion animal

bond. Part I. The Latham Letter, 1982, 3(4), 7-9.

KIDD, A. H., KELLEY, H. T. e KIDD, R. M. Personality characteristics of horse, turtle, snake and bird owners. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 200-206.

KUNDERA, M. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 300 - 304.

LAGO, D. J., KNIGHT, B. e CONNELL, C. Placing companion animals in community settings: Organizational structure and operating policies in promoting health and well-being among elderly people. Em: Proceedings 3rd. Canadian Symposium on pets and society. Toronto: Pet Food Manufacturers Association, 1982, 115-136.

LAGO, D. J., CONNELL, C. M. e KNIGHT, B. The effects of animal companionship on older persons living at home. Em: Proceedings International Symposium on the Occasion of the 80th Birthday of Nobel Prize Winner Prof. DDr. Konrad Lorenz. Viena: Institute for Interdisciplinary Research on the Human-Pet Relationship, 1983, 34-46.

LEE, D. Pet-therapy - Helping patients through troubled times. California Veterinarian, 1983, 5, 24-25.

LEE, R. L., ZUGLEN, M. E., RYAN, T. e HINES, L. M. Guidelines: Animals in nursing homes. California Veterinarian Supplement, 1983, 3a-43a.

X LEVINSON, B. M. The dog as a "co-therapist". Mental Hygiene,

1962, 46(1), 59-65.

- LEVINSON, B. M. Pet-oriented child psychotherapy. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1969(a).
- LEVINSON, B.M. Pets and old age. Mental Hygiene, 1969(b), 53(2), 364-368.
- LEVINSON, B. M. Pets and human development. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1972.
- LEVINSON, B. M. A child and his pet: A world of nonverbal communication. Em: CORSON, S. A. e CORSON, E. O'L. (org.). Ethology and nonverbal communication. New York: Pergamon Press, 1980, 63-81.
- LEVINSON, B. M. Grief at the loss of a pet. Em: KAY, W. J., NIEBURG, H. A., KUTSCHER, A. H., GREY, R. M. e FUDIN, D. E. (org.). Pet loss and human bereavement. Ames, Iowa: The Iowa State University Press, 1984, 51-64.
- LYNCH, J. J., THOMAS S. A., LONG, J. M., MALINOW, K. L., CHICKADONZ, G. e KATCHER, A. H. Human Speech and blood pressure. Journal of Nervous and Mental Disease, 1980, 168(9), 526-534.
- LORENZ, K. Man meets dog. London: Methuen & Co., 1977, 193.
- MANNING, A. Ethological approaches to the human-companion animal bond. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with Companion Animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 7-16.

1962, 46(1), 59-65.

LEVINSON, B. M. Pet-oriented child psychotherapy. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1969(a).

LEVINSON, B.M. Pets and old age. Mental Hygiene, 1969(b), 53(2), 364-368.

LEVINSON, B. M. Pets and human development. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1972.

LEVINSON, B. M. A child and his pet: A world of nonverbal communication. Em: CORSON, S. A. e CORSON, E. O'L. (org.). Ethology and nonverbal communication. New York: Pergamon Press, 1980, 63-81.

LEVINSON, B. M. Grief at the loss of a pet. Em: KAY, W. J., NIEBURG, H. A., KUTSCHER, A. H., GREY, R. M. e FUDIN, C. E. (org.). Pet loss and human bereavement. Ames, Iowa: The Iowa State University Press, 1984, 51-64.

LYNCH, J. J., THOMAS S. A., LONG, J. M., MALINOW, K. L., CHICKADONZ, G. e KATCHER, A. H. Human Speech and blood pressure. Journal of Nervous and Mental Disease, 1980, 168(9), 526-534.

LORENZ, K. Man meets dog. London: Methuen & Co., 1977, 193.

MANNING, A. Ethological approaches to the human-companion animal bond. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with Companion Animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 7-16.

- MARTINS, J. A análise qualitativa na pesquisa como forma de trabalho metodológico das Ciências Humanas. Curso de pós-graduação. Pontifícia Universidade Católica de S.Paulo, 1987.(Mimeografado)
- MCCOWAN, L. L. Equestrian therapy. Em: ARKOW, P. (org.). Dynamic relationships in practice: Animals in the helping professions. Alameda, Cal.: The Latham Foundation, 1984, 237-256..
- MCCULLOCH, M. J. The pet as prothesis: Defining criteria for the adjunctive use of companion animals in the treatment of medically depressed outpatients. Em: FOGLE, B. (org.). Interrelations between people and pets. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1981, 101-123.
- MCCULLOCH, W. F. Perspectives on the human-animal bond: present and future. Community Animal Control, 1984, 10-21.
- MCCULLOCH, W. F., HEIDELBAUGH, N. D., HINES, L. M. e BUSTAD, L. K. The human animal bond in the public health curriculum. Journal of the American Veterinary Association, 1983, 183(12), 1414-1419.
- MCCULLOCH, W. F. e McCULLOCH, M. J. The veterinarian and the human/companion animal bond. Veterinary Economics, 1981, 2, 18-22.
- MCCUTCHEON, P. Psychological aspects of the family relationship. Em: Proceedings Second Canadian Symposium on pets and society. Vancouver: Canadian Veterinary Medical Association, May 30-June 1, 1979.
- MARQUES, J. B. W. Cats Felis catus in metropolitan areas: an

ethno-catalog of their behavior obtained from owner and protectors. Trabalho a ser publicado. Unicamp, 1987.

- MESSENT, P. R. Social facilitation of contact with other people by pet dogs. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 37-46.
- MESSENT, P. R. Pets and social interaction. Journal of the Delta Society, 1984, 1(1).
- MESSENT, P. R. e HORSFIELD, S. Pet Population and the pet-owner bond. Em: Proceedings International Symposium on the Occasion of the 80th Birthday of Nobel Prize Winner Prof. DDr. Konrad Lorenz. Viena: Institute for Interdisciplinary Research on the Human-Pet Relationship, 1983, 9-17.
- MUGFORD, R. A. e M'COMISKY, J. G. Some recent work on the psychotherapeutic value of cage birds with old people. Em: ANDERSON, R. S. (org.). Pet animals and society. London: Balliere-Tindall, 1975, 54-65.
- NERUDA, P. (1963) Antologia poética. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio Editora, 1978, 202.
- NORLING, I. A study of the value of dogs to dog owners in a big City Council Area (Gothenburg) and a rural Council Area (Härreda). Em: Proceedings International Symposium on the Occasion of the 80th Birthday of Nobel Prize Winner Prof. DDr. Konrad Lorenz. Viena: Institute for Interdisciplinary Research on the Human-Pet Relationship, 1983, 23-25.

- OLSEN, G., ANDERSON, R. K., QUIGLEY, J. S. e BEAHL, N. Pet-facilitated therapy: A study of the use of animals in health care facilities in Minnesota. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 431-443.
- ORY, M. G. e GOLDBERG, E. L. Pet possession and well-being in elderly women. Research on Aging, 1983, 5, 389-409.
- REICHMANN, L. Dados demográficos acerca do número de cães na Grande São Paulo. Comunicação pessoal, 1986.
- RICOEUR, P. Interpretação e ideologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, 26.
- ROBB, S. S. Companion animals and elderly people: A challenge for evaluators of social support. The Gerontologist, 1983, 23, 277-282.
- SAINT-EXUPÉRY, A. (1944) O pequeno príncipe. São Paulo: Agir, 1982, 67.
- SALMON, I. M. e SALMON, P. W. Who owns who?: Psychological research into the human-pet bond in Australia. Melbourne: Pet care Information and Advisory Service, 1983.
- SERPELL, J. In the company of animals. New York: Basil Blackwell Inc., 1986.
- SIEGAL, M. Anatomy of a survey. Gazette, 1985, 48-53.
- SILVEIRA, NISE DA. Imagens do inconsciente. Rio de Janeiro:

Ed. Alhambra, 1982, 87.

- SIMON, L. J. The pet trap: negative effects of pet ownership on families and individuals. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 226-240.
- SMITH, B. A. Project Inreach: A program to explore the ability of Atlantic Bottlenose dolphins to elicit communication responses from autistic children. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 460-466.
- SMITH, S. Interactions between pet dog and family members: An ethological study. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 29-36.
- STEDFORD, A. Encarando a morte. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- VOITH, V. L. Behavioral disorders. Em: ETTINGER, S.J. (org.). Textbook of veterinary internal medicine: Diseases of the dog and the cat. Philadelphia: W.B. Saunders & Co., 1983, 208-227.
- WINNICOTT, D. W. Transitional objects and transitional phenomena. Internat. J. Psychoanal. 1953, 24, 88-97. Citado por: Levinson, B. M. Pet-oriented child psychotherapy. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1969, cap.1.

Ed. Alhambra, 1982, 87.

- SIMON, L. J. The pet trap: negative effects of pet ownership on families and individuals. Em: ANDERSON, R. K., HART, B. L. e HART, L. A. (org.). The pet connection. Minneapolis, Min.: Center to Study Human-Animal Relationships and Environments, University of Minnesota, 1984, 226-240.
- SMITH, H. A. Project Inreach: A program to explore the ability of Atlantic Bottlenose dolphins to elicit communication responses from autistic children. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 460-466.
- SMITH, S. Interactions between pet dog and family members: An ethological study. Em: KATCHER, A. H. e BECK, A. M., (org.). New perspectives on our lives with companion animals. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983, 29-36.
- STEDFORD, A. Encarando a morte. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- VOITH, V. L. Behavioral disorders. Em: ETTINGER, S.J. (org.). Textbook of veterinary internal medicine: Diseases of the dog and the cat. Philadelphia: W.B. Saunders & Co., 1983, 208-227.
- WINNICOTT, D. W. Transitional objects and transitional phenomena. Internat. J. Psychoanal. 1953, 24, 788-97. Citado por: Levinson, B. M. Pet-oriented child psychotherapy. Springfield, Ill.: Charles C Thomas, 1969, cap.1.